Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Faculdade de Direito

Aline Hamdan de Souza Vilas Boas

O niilismo ético dos direitos humanos

Rio de Janeiro

2018

Aline Hamdan de Souza Vilas Boas

O niilismo ético dos direitos humanos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Direito, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pensamento Jurídico e Relações Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Mendes Fabiano

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/C

V697 Villas Boas, Aline Hamdan de Souza.

O niilismo ético dos direitos humanos / Aline Hamdan de Souza Villas Boas. - 2018.
128 f.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Mendes Fabiano.

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo.

Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Direito.

1.Ideologia - Teses. 2.Direitos humanos – Teses. 3.Niilismo – Teses. I.Fabiano, Alexandre Mendes. II. Falbo, Ricardo Nery. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Direito. IV. Título.

CDU 342.7

Bibliotecária: Marcela Rodrigues de Souza CRB7/5906

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Aline Hamdan de Souza Vilas Boas

O niilismo ético dos direitos humanos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Direito, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pensamento Jurídico e Relações Sociais.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Alexandre Fabio Mendes (Orientador)
Faculdade de Direito – UERJ

_____

Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo (Coorientador)
Faculdade de Direito - UERJ

_____

Prof.ª Dra. Bethânia de Albuquerque Assy
Faculdade de Direito - UERJ

_____

Prof. Dr. Gabriel Tupinambá
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

RESUMO

VILAS BOAS, Aline Hamdan de Souza. *O niilismo ético dos direitos humanos*. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Filosofia do Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O tema central da ética dos direitos humanos representa um niilismo, a partir do reconhecimento do mal apoiado como uma ideologia do estado democrático de direito. Na verdade, há uma doutrina humanista a partir de um sujeito universal, vazio e irreflexivo, pois sua construção prescinde da experiência. Este niilismo ético é refutado por Alain Badiou, que preconiza a singularização através de quatro procedimentos genéricos localizados pelo ser múltiplo a partir de um evento, são eles a arte, o amor, a política e a ciência. Foi em torno deste contexto que Badiou definiu ser fundamental a compreensão de que há uma ideologia dominante na qual os direitos humanos, embora tenham sido fundados com o intuito de proteger o outro, impõem uma política democrática que reproduz as opressões ou através de um ideal salvacionista que coloca o homem como um mero animal na luta contra a morte ou na representação do outro pelo relativismo cultural. Não há nenhum projeto político emancipador neste potencial humanitário. O que se prolifera como ética é um pensamento totalitário enquanto deveria ser uma outra forma de construção, uma radicalidade direcionada ao processo das verdades subjetivas, porém, universalizáveis. Em sua filosofia política, é fundamental a apresentação da ontologia da presença, cuja figura central é o ser múltiplo capaz de se reinventar em busca de um real e que produz o risco de um devir revolucionário.

Palavras-chave: Ideologia. Niilismo Ético. Direitos Humanos.

ABSTRACT

VILAS BOAS, Aline Hamdan de Souza. *O niilismo ético dos direitos humanos*. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Filosofia do Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Indeed, the ethics of human rights represents a nihilism, from the recognition of the evil supported as an ideology of the democratic state. In fact, there is a humanist doctrine from a universal subject, which is ablative and unthinking, because its construction dispenses with experience. This ethical nihilism is refuted by Alain Badiou, who advocates the singularization through four generic procedures located by the multiple being from an event, are art, love, politics and science. It was around this context that Badiou defined as fundamental the understanding that there is a dominant ideology in which human rights, although they were founded with the intention to protect the other, impose a democratic politics that reproduces the oppressions or through a salvationist ideal which places man as a mere animal in the struggle against death or in representation of the other by cultural relativism. There is no emancipatory political project on this humanitarian potential. What is proliferated as ethics is a totalitarian thought while it should be another form of construction, a radicality directed to the process of 8 but universalizable truths. In its political philosophy, it is fundamental to present the ontology of presence, whose central figure is the multiple being capable of reinventing itself in search of a real one and which risks revolutionary becoming.

Keywords: Ideology. Ethical Nihilism. Human Rights.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	6
1	**A ÉTICA COMO REPRESENTAÇÃO DO MAL ABSOLUTO**.....	18
1.1	**A ideologia dos direitos humanos e a universalização dos direitos do homem enquanto animal biológico**.....	18
1.2	**O sujeito uno da ética democrática e o ser múltiplo do acontecimento**.....	29
1.3	**A virada ontológica: do ser para a morte do ser para a vida**.....	43
2	**O SUJEITO E O PROCESSO DA ÉTICA DAS VERDADES**.....	57
	O niilismo ético e as consequências para os direitos humanos.....	57
2.1	**O relativismo cultural e a construção do outro**.....	67
2.2	**O ser múltiplo e o risco revolucionário do evento (um olhar sobre o risco, o**	
2.3	**acontecimento e os movimentos contemporâneos)**.....	85
3	**O PENSAMENTO RADICAL E MILITÂNCIA ANTI-HUMANISTA**.....	102
3.1	**O mal normativo da democracia e o homem como sujeito vítima**.....	102
3.2	**O amor reinventado e a permanência do político**.....	106
3.3	**Os afetos da verdade contra o mal**.....	112
	CONCLUSÃO......	120
	REFERÊNCIAS.....	124

INTRODUÇÃO

O tema do referente trabalho trata das questões relacionadas à ética dos direitos humanos, em sua identificação pelo mal universal. Deste modo, Alain Badiou, filósofo político, determina quatro condições genéricas que elevam o pensamento à filosofia, são elas a ciência, a política, a arte e o amor, porque é preciso retomar a filosofia como um conhecimento crítico, uma tarefa para questionar a conformidade dos saberes e ao mesmo tempo, produzir novos horizontes políticos. Uma dessas possiblidades é o que se denomina acontecimento, no qual há abertura também para o concreto através da experiência, a formação de um novo sujeito que não seja fruto da universalidade abstrata. Através de quatro procedimentos, o sujeito é potencializado pela singularidade da arte e do amor e coletivização através da política e da ciência, acima de tudo, é necessário engajar-se pela coragem de cometer riscos.

O niilismo ético é esta capacidade em reconhecer, primeiramente, a abstração negativa, o mal, e este universalismo faz com o estado de direito seja o ente que intervém politicamente para que o mal seja identificado, primeiramente. A consequência deste niilismo é o agir em prol do reconhecimento através do que só pode se configurar como inumano para ser atacado, anulado, justamente no rumo contrário à ética como uma adequação ao bem, a necessidade de pensar de forma coletiva. Ao mesmo tempo, a ética é a dialeticidade das relações entre os seres e o processo que refuta a representação de uma verdade que polariza a vida como uma luta entre o bem e o mal.

Este homem configurado na figura do novo sujeito, tocado pelo acontecimento, deve ter o pensamento orientado pelo processo das verdades singularizáveis e se estabelece através dos procedimentos que são também reconhecidos enquanto condições que permitem a experimentação do sujeito para o processo de singularização, por isso, devem ser entendidos como conceitos relacionados, afinal proceder é uma forma de agir enquanto condição seria uma qualidade desta ação no sentido de ser afetado pelo novo e romper velhas barreiras. No contexto em que Badiou retrata o revisionismo marxista, o qual ele caracteriza como uma dimensão conservadora do pensar e utiliza expressões tais como ecumenismo pós-conciliar[1], é também o primórdio da indicação do

[1] BADIOU/ALTHUSSER. Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. São Paulo: Global Editora, 1979

critério de uma análise do que seria a ideologia que se identifica, atualmente, como um ideal humanitário. Posteriormente, ao delinear a teoria do novo sujeito, há um engajamento e refutação da teoria enquanto uma ideologia. Neste intuito, afirma que a ciência não é um formalismo técnico, mas um pensamento erigido pelo materialismo dialético (a filosofia marxista) que não consiste na mera reprodução de um saber dado, e "o materialismo histórico (a ciência da História), que tem por objeto os modos de produção e as formas de transição ao longo da história levando a este conhecimento" (BADIOU, A. 1979, p. 34). Assim, a historicidade dos fatos leva a uma complexidade de situações e não a internalização das contradições como se as mesmas não existissem, é este tipo de unificação que leva ao falseamento da história pela ideologia que constitui um sistema de omissões de experiências locais, ao apagamento das diferenças reais, para que surjam as diferenças legais do direito e o sujeito universal.

Por isso, a da história é contada de forma totalizante e a sua reflexão sobre as estruturas[2] é uma interiorização das diferenças ou apagamento das diferenças, é um reducionismo articulador no qual o pensamento tem uma função reguladora e no caso dos conflitos, funciona como uma mediação. Desta forma, as contradições são transformadas em particularidades que são introduzidas pela universalidade da lei e o dissenso é tratado como uma aberração. É preciso consignar que o materialismo histórico não é uma abstração e nem tampouco representa uma historiografia marcada por datas importantes tal como 1979, a Revolução Francesa, 1910, a Revolução Mexicana, dentre outros eventos.

No pensamento sistemático que irá ser abordado mais adiante, a ciência contextualizada no materialismo é também uma prática que produz o conhecimento e a ideologia é um sistema de representações cuja função é prático-social e que se autonomeia dentro de um conjunto de noções (Badiou, 1979, p.15). A tessitura do pensar se constrói e se executa através da tarefa filosófica da vinculação entre processos e singularizações, e assim, ocorre o afastamento do estado de alienação que não alcança o real. O acontecimento previsto como consequência de afastamento da universalidade da mercadoria tem como álibi o vazio por onde a intuição do novo homem irá exercer seu devir criativo, isto porque a intervenção pelo evento é a localização necessária para a contraposição à desterritorialização imposta pelo capitalismo. Uma questão trivial de manifestação

[2] Estrutura no sentido em que Marx Constitui ao nível das instâncias da articulação da infraestrutura ou base econômica e superestrutura considerando a ideologia compreendida como moral, direito, religião etc.

de subjetividade na universalização é a identificação de locais políticos. Um local político é um momento em que ocorre o acontecimento generalizável das massas, o processo revolucionário que permite apresentar uma situação universalizável. Um acontecimento político, a priori, não ocorre em todo o mundo, mas sim a partir do que se denomina como sítio eventural[3]. É uma situação que pode variar na historicidade tal como foi a localização do maio de 68 na França, a partir da greve, ou outra apresentação muito distinta e atual, como por exemplo, os movimentos de ocupação nas praças que culminaram com as jornadas, em vários locais do mundo.

Também por ora, no trabalho, foi utilizado o termo representação como forma da ideologia e não apresentação pois, em Badiou, a política verdadeira exclui toda representação, ela é apresentação[4], a ideia de representação é dada como sendo o regime do resultado ou da situação dada. Em entrevista dada a um jornal espanhol, ele fala de representação como uma crítica ao regime democrático de direito e cita o movimento 15M, por exemplo, para exemplificar que, como acontecimento político, não deveria ficar restrito a um único país, o que significa que o processo, no terreno da verdade política, conta mais do que o resultado.[5] As verdades, com efeito, devem ser enfrentadas como questões que concernem à universalização de humanidades localizáveis através de eventos políticos e o devir dos múltiplos é manifestado além do discurso reformador da política democrática.

Porém, quando se decide afirmar que "não há nada mais do que opiniões", é a opinião dominante (ou seja, a que tem os meios de dominação) que vai se impor como consenso ou como marco geral no qual possam estar as outras opiniões (Badiou, 2011). A forma de ação da ideologia é do pensamento que também ora é disseminado pela opinião pública e ora age de forma inconsciente pelo universal da mercadoria e sua mística, na qual, o vazio é ocupado pelo desejo de consumo, o niilismo que consome o homem também por seu individualismo no desejo do nada, moldado pelo poder político-econômico, a aparência de um querer é na verdade a vontade desinteressada de uma ordem unificada a esta reificação em pensamento.

---

[3] Expressão utilizada no Ser e no Evento para designar o espaço que representa a abertura para o evento, um fato histórico que é a novidade

[4] _____ A República de Platão Recontada por Alain Badiou. Tradução de André Telles. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

[5] Sobre o movimento 15M, em entrevista concedida em 2011. http://www.ihu.unisinos.br/173-noticias/noticias-2011/44697-alain-badiou-e-o-15-m-uma-modificacao-brutal-da-relacao-entre-o-possivel-e-o-impossivel. Consultado em setembro de 2017.

Com efeito, o primeiro capítulo apresenta a ética como representação do mal absoluto, ou seja, vai tratar do conceito da ideologia em Badiou e como ela se revela na prática, qual seria a sua contribuição para o niilismo, qual é a conjuntura que se abre para o processo das verdades, vai demonstrar o que é o homem universal equiparado à condição de vítima, aquela que se protege do mal a todo instante[6]. Além disso, apresenta quem seria o ser uno deste sujeito que representa o universal do capital, ou seja, é sobre a demonstração de que há uma outra existência pela qual o homem exerce suas condições de acesso ao real. Por isso, é importante ressaltar o que ao autor entende como uma ideologia e porque atribui aos direitos humanos, esta natureza, afinal, neste contexto, a ideologia serve a uma determinada classe dominante:

> Se puede objetar que la ideología burguesa también se funda sobre la práctica (de la explotación y de la opresión) y sirve para perpetuarla. En cuanto a ocultar bajo el velo de lo universal los intereses de clase que legitima, ello es en efecto una especialidad particular de la filosofía de los explotadores. Sin embargo, la ideología (política) burguesa, incluso liberal, es, generalmente, la más transparente. [7]

É somente nesta posição que a ideologia é um sistema com necessidade de reconhecimento e não de conhecimento dado previamente, porque assim, ela não pode sequer ser acessada, é a representação pela dissimulação, ou melhor, alienação pelo discurso dissimulado na política. Quando Badiou formula suas críticas ao Althusser, no livro citado sobre o materialismo (Badiou, 1979), justamente é porque este autor (Althusser) defendia a oposição entre ciência e ideologia, mas Badiou já defende que a ciência é pensamento, e portanto, é produtora de conhecimento, enquanto a ideologia reproduz os saberes. Então a discordância está no aspecto relativo ao preceito no qual a instância ideológica é, em geral, uma ilusão funcional e efeito do sujeito (Badiou, 1979, p. 11). Então a ideologia dominante seria um reflexo de uma prática oriunda das relações sociais alicerçadas na exploração de uma classe dominada. A partir do momento em que esta objetividade é dissimulada pela função inconsciente do papel que ela passa a absorver, pois assim ela ocorreria de forma obstinada pela materialidade da estrutura.

---

[6] BADIOU, Alain. Ética: Um Ensaio sobre a Consciência do Mal. Tradução Antônio Transito, Ari Roitman. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

[7] BADIOU, Alain. BALMES, François. (Traducción: A. Arozamena). Yenan "síntesis" François Maspero ,1976.

De forma coerente, é possível pensar como esta carga ideológica torna-se um evento também pela multiplicidade ou potência dos múltiplos como ele assim define, pois, é na prática, quando o sujeito se perpetua em busca de outro movimento que não o representado pelo sistema político, é que caminha em direção ao fato novo e há possibilidade de encontrar o evento. É o momento paradigma de 68, por exemplo, que pode ser configurado como um transfinito a partir do momento em que supera o teor meramente ideológico do mundo que até então o mantinha, esta é a lógica operacional do homem imortal, aquele que repercute para além da ideologia dominante do seu tempo.

O segundo capítulo, intitulado o sujeito e o processo da ética das verdades, vai dissecar esse sujeito dos direitos humanos que é portador de todos os valores democráticos da vida, da morte, da vítima. Como se manifesta esse potencial emancipador através das singularizações. Se a manutenção do sistema de exploração é um método objetivo, pois se pensa que ocorre pelas relações sociais, a vítima então se deixaria dominar pelo ideal humanitário porque é na sua condição animal que se mantém cabisbaixa à espera da finitude. Então, é a resignação a manutenção de um sentido porque o humanismo é esta ideologia na qual se realiza no cotidiano das disputas bélicas, por exemplo. As manifestações xenofóbicas ocorrem de forma explícita ao negar a passagem pelas fronteiras e o racismo também encontra sua forma de expressão na exclusão social, então não se pode dizer que há apenas subjetivismo nestas relações porque se revelam na dor psíquica que a inferioridade na relação com o outro vá causar , porém, a objetividade também está na mitigação pela conquista de direitos positivados na legalidade das minorias que é pensada através de outra forma de exclusão para se incluir mais.

É porque o direito é uma forma de não tensionar a relação entre explorador e explorado e as suas categorias de gênero e raça, o estado democrático impõe as suas delimitações. Neste contexto, a ideologia permanece como um conjunto de valores que se expressam nos direitos humanos ou ainda como a universalidade de opiniões que estão presentes no discurso hegemônico da mídia. Na teoria marxista do filósofo, pode-se ainda expressá-la também como o efeito subjetivo de uma objetividade social que nasce de uma prática reiterada.

No último capítulo, denominado O pensamento radical e a militância anti-humanista, contribuição para os direitos humanos, vai ser explorado, em primeiro momento, como este mal figura como uma consciência na subjetivação da legalidade democrática através de um sujeito

humano reconhecível em qualquer lugar e cujo mal é tudo o que não se coaduna com essência humana (Badiou, 1995, p.19). Em segundo plano, a finalidade foi desvendar como a banalização do mal pode ser rejeitada através da teoria do novo sujeito que se afeta pelas verdades através do pensamento em suas quatro condições genéricas do pensamento outrora já citadas.

O conceito de ser múltiplo no qual se prescreve a potencialidade dos múltiplos é apresentado a partir de sua ontologia das matemáticas e da realização do evento, conceito apresentado, a priori, no livro o Ser e o Evento[8], e cujas finalizações teóricas estão presentes no segundo volume, Lógicas de los Mundos, em 2008, no qual ele reitera o conceito de ideologia como a conversão para a convicção contemporânea denominada materialismo democrático:

> Sin embargo, el materialismo democrático admite um punto de detencion global para su tolerante multiforme. Um lenguaje que no reconoce la universal igualdad jurídica y normativa de los linguajes no merece ser beneficiário de tal igualdad. De um lenguaje que pretende dar su norma a todos los otros y regir todos los cuerpos se dirá dictatorial y totalitário. Entonces, no es de le incumbência de la tolerância, sino del deber de injerencia, legal, internacional, militar si em necessário: se le hará pagar a los cuerpos sus desvios de lenguaje.[9]

Assim, ele também retoma a crítica da ética como gestão do bem viver contra a morte quando menciona a regência dos corpos, assunto que será retomado no capítulo adiante sobre os afetos da verdade, por conta da discussão do controle político dos afetos. Ele usa este conceito de materialismo democrático porque afinal a política atual não é um o campo de articulação entre o povo, as organizações e o estado, apenas uma forma de acesso ao poder, mas a sua essência seria justamente a articulação entre estes elementos. E uma das críticas é justamente como a democracia se torna uma gestão de interesses nos contornos das declarações dos direitos humanos, por exemplo.

Dentre as quatro condições do pensamento filosófico supracitadas, ou seja, a ciência, a política, o amor e a arte, esta última é a subjetivação pela criatividade, toca o verdadeiro porque é

---

[8] BADIOU, Alain. O Ser e o Evento. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed: Ed. UFRJ, 1996.

[9] _____Lógica de Los Mundos, El ser Y el Acontecimiento, 2. 1; edição, Buenos Aires, Manantial, 2008.pag.19

verossimilhança, porém o seu objetivo é educar e sua importância está em seus efeitos públicos. É considerada como uma das formas de se trazer a humanidade à tona, pela oportunidade de criação e respectiva humanização pela sensibilidade, num mundo insensível.

A outra condição é o amor como uma estratégia da militância ao retomar a ideia de risco e acaso contra a segurança como promessa do capitalismo[10]. Nesta reflexão é que se decompõe o sentido da ética e que se pode dissecar o entendimento dos direitos humanos como um retorno à doutrina dos direitos naturais, ou seja, um essencialismo. O que se propõe a apontar uma incidência de defesa liberal desses direitos. Embora hoje a ética possua várias definições desde ética do bem viver ou simplesmente ética como uma conduta, por exemplo, os seus sentidos ainda se aproximam da visão Kantiana. Em Kant, as ações subjetivas devem se adequar às intenções para que possam ser representadas por uma lei universal. Então é uma moral formal, não leva em consideração as experiências e os imperativos, apenas se referem à casos de descumprimento como uma ofensa, um crime, o mal. Para o autor, a crítica a esta questão é que os valores definidos como o homem e a vida, por exemplo, são abstrações universais que definem situações concretas, porém, prescindem da experiência e a ética está submetida tanto às leis nacionais quanto às internacionais, no contexto do liberalismo político. A reflexão do filósofo é que isto levaria ao desligamento da singularidade das ações e à vinculação à indiferença ou o prevalecimento do relativismo cultural. Esta harmonização coloca o homem como o sujeito vítima da universalidade do mal. Porém, é a luta contra o mal que torna a luta contra a morte um projeto político. Neste sentido, o autor propõe uma "Ética das verdades" que causa uma ruptura com tal sistema. Há uma reflexão contundente sobre o reconhecimento do outro pelo todo outro que se baseia na totalidade rumo ao infinito de Lévinas[11]. Nesta perspectiva, é que ele relaciona a crítica à ética do outro ou das diferenças e propõe que ao invés do puro reconhecimento do outro, no âmbito da metafísica, que haja a participação de cada um em suas verdades singularizáveis, através do pensamento infinito que cada um pode ter.

Essa discussão sobre o processo das verdades engloba a visão dialética sobre o conhecimento que seria a identidade entre o pensamento e o ser. Segundo Badiou, está ligada à

[10] BADIOU, Alain e TRUONG, Nicolas. Elogio ao Amor. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
[11] A Teoria da Totalidade e do Infinito de Lévinas vai ser abordada no capítulo sobre O Relativismo cultural e a construção do Outro. Para Badiou, esta ética do outro, ponto-chave sobre a consciência do mal, foi influenciada pela ideia religiosa de um todo outro que representa o todo deus poderoso em Lévinas

fidelidade ao *acontecimento*[12] pelos sujeitos, que seria o acaso num mundo que teme a aposta e o engajamento, neste sentido, a filosofia seria entendida como um desejo de revolta que erige uma lei para si mesma.[13] A ética estaria imbricada no processo das verdades, em meios concretos, não nesta ética dos direitos humanos porque negaria o pensamento através de uma abstração universal.

A filosofia enquanto pensamento deve buscar quatro exigências comuns. Deve ser uma filosofia do evento antes de pertencer à estrutura, deve ser uma singularidade universal, encontrar seu lugar no acaso e, por último, utilizar uma linguagem que possa tanto interpretar um poema quanto um teorema.[14] Existe uma possibilidade de interação entre a matemática e a filosofia, é que a primeira possui determinados princípios para conhecer o ser e a verdade, enquanto a segunda é a forma perfeita de expressar esta capacidade.[15] A hipótese é que o sujeito é sempre localizável no experimento artístico, científico, amoroso e político, não é uma generalidade e sim uma multiplicidade no ser.

Uma outra questão importante na ontologia da sua obra é que não há um "todo outro" cujo caráter é universal e sim uma alteridade, há uns, há pluralidade, há aqueles que lutam pelo direito de sobreviver, outros representam as minorias étnicas, de gênero, todos eles estabelecem uma relação dialética de reconhecimento. A outra indagação é sobre a teoria contemporânea do mal e como esse conceito está impregnado nas democracias liberais. Em boa parte da história esta construção era teológica, ora se "deus é beneficente e onipotente, por que ele permite a existência de tanta maldade no mundo"? Com a refutação kantiana do teologismo, o mal foi se tornando uma questão voltada à outras áreas tais como a biologia e a psiquiatria[16]. O problema da representação consensual do mal é que a partir dos anos 60, o capitalismo liberal e o seu sistema político conclamam que se deve aceitar que o capitalismo é a única democracia possível e todos os outros sistemas seriam totalitaristas.

---

[12] O autor usa os termos acontecimento ou evento de modo similar
[13] BADIOU, Alain. Para uma Nova Teoria do Sujeito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Pag. 12
[14] Op.cit.pag.18
[15] _____ Conditions. British Library Cataloguing-in-Publication Data, France, 1992.
[16] Camus, por exemplo, na filosofia do absurdo, exalta um paradigma: " Se deus é o todo-poderoso então ele é o responsável por todo o mal ou se não é o todo-poderoso, somos livres e responsáveis"

Primeiro é fundamental apoiar a democracia liberal em todos os lugares, depois devemos ensinar às crianças o imperativo ético do amor ao outro.[17] E este discurso se torna consensual, a ideia de uma "guerra limpa" com drones, por exemplo, é "justa" se for comparar com a barbárie da propaganda do Estado Islâmico de acordo com a ideologia ética com apoio nos direitos humanos.

Há um silogismo que visa inclusive dissimular a barbárie: "A política é pensamento, a barbárie não é pensamento, logo nenhuma política é bárbara. Para sair dessa dissimulação é preciso afirmar, no e pelo pensamento do século XX que o nazismo é política, é pensamento".[18] Esta é uma estratégia do capitalismo para manter a ideologia das guerras imperialistas com o fim de combater o mal fronteiras afora.

Na interpretação de Badiou, a verdade que constitui o sujeito também é o próprio acaso, neste sentido pode-se afirmar que a luta política é do ser-para-a-vida, totalmente irresignado para morte (Badiou, 1996.p.309). Estes processos de luta estão ligados à decisão do sujeito concreto, quando o agir em vida pública se revela através da atuação política e é um pensamento construtivista contra o fascismo, mas é preciso ter o risco da decisão ainda que esta questão parta do engajamento teórico. Então a concepção de niilismo está ligada à questão da influência do niilismo cristão, no qual a máxima deus é amor e em nome dele pode haver a guerra, ligado ao acontecimento do Cristo como filho de deus e depois a proclamação da morte divina na filosofia por Nietzsche, a supressão da moral cristã deixou que o homem permanecesse no vazio.

Quando o sujeito universal se engaja na auto supressão em direção ao nada, por não saber como direcionar a sua fé, esta questão é o subjetivismo incorporado no vazio existencial pela supressão da fé. A falta de sentido é um engajamento rumo à completude ao divino, in memoriam, pelo sujeito. Esta reação com a morte nem sempre é percebida ou desocultada, seria uma forma de alienação total pelo niilismo, o ser nunca se encontra em vida com a sua multiplicidade, sempre a espera de uma vida que não irá se realizar, seria um desejo mórbido no qual não se pode revelar pela fé que o indivíduo já não tem e pelo teor de morbidade oculta é possível se reconhecer no

[17] Badiou trata recentemente deste assunto no artigo intitulado https://lavrapalavra.com/2016/07/15/sobre-o-mal-uma-entrevista-com-alain-badiou/. Consultado em julho de 2017

[18] _____O Século. São Paulo: Ideias e Letras, 2007. Pag.15

outro pelo corpo morto, pelo caráter violento que o impulso pela vontade de infinitude também provoca e constitui nas relações existenciais.

Por isso que Badiou também apresenta o relativismo cultural, essa busca da totalidade com o infinito como um niilismo total, esta aparência da identidade retoma a necessidade de uma unificação somente com a infinitude. Então quando se trata de retomar a questão sobre a política, é importante ressaltar algumas questões que ele aborda na Nova Teoria do Sujeito porque há uma retomada da dialética do sujeito que perpassa pela experiência e supera a espera pela infinitude mórbida.

Embora a democracia seja o regime que legitima o relativismo como política de reconhecimento e fragmenta o devir revolucionário, porém, ainda há quatro orientações que constituem a política, "duas delas são a revolucionária e a fascista que entendem o conflito como necessariamente violento" (Badiou, 1995). Quando há o retorno da ética enquanto projeto, há a ressalva de que coincidiu com o fim do comunismo e justamente à ascensão do ideário articulado em torno dos direitos humanos, do qual se constrói a sua crítica enquanto um pensamento que abarca categorias abstratas e é neste sentido, niilista, sempre vai negar o potencial revolucionário de outros regimes, mas vai legitimar a democracia, apesar de seus fascismos e imposição pela violência.

E as outras duas orientações seriam a conservadora e a reformista que defendem que o conflito pode ser apaziguado pelas regras constitucionais. Verifica-se então um debate bastante atual sobre as configurações de organizações representativas porque deve haver uma ruptura com este viés meramente formal do constitucionalismo. Esta crítica, segundo ele, é devido a interpretação de que não há uma democracia real no sistema capitalista, a esquerda e a direita funcionam como enquanto uma ficção. A partir do momento que governos de esquerda começam a se comportar como direita, defender ajuste fiscal e justiça social, acaba a ficção e surge o real.[19]

Por outro lado, esta ideia de *ser para a morte* que o autor refuta, representa politicamente também a necessidade de repensar o nazismo como um mal absoluto e radical enquanto a democracia é ideal, apesar de ser um mal menor. Quando os nazistas utilizaram denominações

[19] Em entrevista cedida ao Jornal Folha de São Paulo em abril deste ano de 2017, intitulada http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/04/1875585-geopolitica-atual-lembra-vespera-da-primeira-guerra-mundial-diz-filosofo.shtml. Consulta realizada em junho de 2017.

como “revolução” “nacional-socialista” (Badiou, 1995), eles fizeram menção à ruptura de uma velha ordem e tal regime fascista impôs uma mística relacionada ao fascínio das massas, também com um discurso que retomava uma política de segurança para os alemães.

A preocupação é demonstrar que o *acontecimento* não está relacionado com toda novidade ou fato, apenas aquela que é revolucionária no sentido do experimento do a-normal[20] e que ultrapasse o uno cujo mal é um totalitarismo e um simulacro. A filosofia tem um importante papel neste contexto. Conforme foi dito, com o fim da União Soviética, houve um desânimo relacionado ao marxismo revolucionário e isto proporcionou o ingresso de intelectuais militantes na economia capitalista, o resultado foi a incorporação da ideologia humanitária ao invés de pensar numa outra política emancipatória, esta é uma anulação do pensar por uma filosofia conformada e cujos intelectuais estão a serviço do liberalismo e contra o estímulo do risco e da revolta.

Outra questão sobre a reação da militância marxista está ligada à três correntes de pensamento elucidadas no Ética-Ensaio sobre a Consciência do Mal, pois essa militância anti-humanista seria hoje fundamental para refutar a conformidade ao mal. Para ele, Michel Foucault quando elucida que o homem não é uma construção histórica e sim um discurso. O outro pensador, Louis Althusser, ao enunciar que a história não era fruto do espírito absoluto hegeliano, mas ligado a um processo racional cujo resultado foi a construção dessa ideologia dos direitos humanos e nem o processo histórico possui um sujeito com substância ou uma origem. E por último, Lacan com a afirmação de que o sujeito não possuía uma natureza, mas dependia não só da história, mas também da linguagem, ambos ligados ao desejo (Badiou, 1995, p.18). E este seria um conceito importante porque o acaso também é movido pelo desejo da filosofia que eleva ao pensamento coerente e que é a matéria deste sujeito.

No caso dos três autores supracitados, esta irresignação estava também entrelaçada com a ação, cada um, era a seu modo, militante, fosse na denúncia dos reclusos, do devir do espírito absoluto ou na prática clínica (Badiou, 1995.p.19). A filosofia se for uma prática militante, pressupõe um fim crítico, uma subversão.

No horizonte da filosofia política há o ponto de vista de que o procedimento linguístico formal aumenta o poder de persuasão ou mitificação do saber e as disciplinas dogmáticas originam

[20] Expressão utilizada pelo autor no Ser e O evento

certezas, neste sentido, o papel da pesquisa inclusive acadêmica é refutar o conhecimento como instrumento desse mundo político.

1 A ÉTICA COMO REPRESENTAÇÃO DO MAL ABSOLUTO

1.1 A ideologia dos direitos humanos e a universalização do direito do homem enquanto animal biológico

A ética como uma consciência ou como identidade do sujeito, em Badiou, não é um princípio universal contra o mal, tampouco seria uma cisão que se divide em diversas modalidades, não é um valor em si, nem um discurso mórbido direcionado aos direitos humanos. O que a torna bastante convincente enquanto um conceito abstrato é a negação do pensamento, cuja promessa maior se revela dogmática, afinal a proposta se volta comodamente à ideia de que os problemas que envolvem tais direitos se resumem à luta contra o mal.

O que se procede como ética é uma outra forma de construção, um pensamento radical direcionado ao processo das verdades subjetivas, porém, universalizáveis. Tudo o que é conforme o sistema se torna uma prática da economia de mercado, um ideal, um valor da democracia liberal. Outra questão que também deve ser levantada aborda a inclusão das minorias por cooptação, através do relativismo cultural, primeiro porque não há um Todo-Outro, um sujeito hipotético e abstrato, há outros que deduzem uma alteridade, segundo porque tal forma não representa de fato uma relação dialética, tema de um capítulo específico.

Neste sentido, há a reprodução do ideal conservador do estado democrático, pois o direito natural ainda é uma regulação do individualismo, o seu garantismo é alicerçado no mínimo existencial que permite a convivência pacífica entre pessoas com características diferentes e o direito moderno desnuda-se como a regra geral da teoria das obrigações. Tem um momento em que Badiou destaca algumas relações com a ética das diferenças em Lévinas[21], concorda que há uma ética da ligação ao outro mas refuta justamente o legado ontológico sobre a identidade-a-si[22] , pois para ele, tal modelo de pensamento exterioriza o conceito a partir da ausência do outro, suprimindo a experiência, e portanto, torna-se um empecilho à afirmação de uma dialeticidade da diferença,

[21] Op.cit. pag.30
[22] Conforme Badiou sobre Lévinas, esta identidade-a-si seria a partir do despotismo do mesmo, incapaz de reconhecer o outro.

esta seria o caminho para o qual não há tolerância com base numa lei mas na coexistência entre os corpos, por processos singulares de reconhecimento do outro.

Outro argumento contra o conservadorismo da ética seria a sua submissão ao neokantismo, na qual seria uma ética experimentada nos juízos mas a moral Kantiana representa um enquadramento, uma espécie de enquadramento do ato particular à universalidade do imperativo categórico. A problemática desta influência é que não perpassa por subjetivações necessárias à reflexão do sujeito, pois se interessa mais pelo julgamento das suas práticas para que se adequem à lei universal do que a afirmação de um pensamento no real[23].

A figura do sujeito universal é central na ética porque se trata de uma nova categoria filosófica cuja construção crítica se origina a partir do anti-humanismo em Foucault, Lacan e Althusser. Com estes três pensadores, ele reflete sobre o que é humano para dissecar o que se entende contemporaneamente por "direitos do homem." Há dois momentos sobre as implicações da identidade com a morte que se relacionam com a ética contemporânea, a primeira delas é que está vinculada a tais direitos enquanto privilégio no mundo ocidental cuja imagem humana tem classe, raça e gênero, no qual, permanece em segundo plano, os direitos do vivo que representam a luta contra a morte através do pressuposto de que há direitos naturais estabelecidos pelo estado e que vão representar a luta contra o mal e o humano se reduz ao biológico, aquele ser prostrado diante seu algoz à espera de seu único destino, ou a morte natural ou aniquilamento passivo.

Este paradigma presente na democracia parlamentar é uma ideologia que pressupõe o mal a partir do bem com uma delimitação consensual do pensamento pois é definido a partir da mídia e da opinião pública. Seria o caso do genocídio no nazismo (mal radical não enlutado) ou o das etnias árabes pela subalternização do pensar e produção de saberes do outro, este estranhamento que identifica o mal para discernir o que não é o bem. Esta consensualidade não define os processos de verdade que culminam com o projeto da ética em Badiou e que são importantes na ontologia matemática, na qual o poema supera o matema e representa o aspecto da mórbido na constituição desse sujeito universal, vítima assombrada da finitude[24].

Esta relação mencionada apresenta a virada ontológica do ser-para-a morte que no âmbito da filosofia política é fundamental pensar para a questão da prática militante. Em Badiou, o homem

[23] Este real é referência ao conceito utilizado por Lacan

[24] Esta oposição do matema com o poema é que vai ser tratado de forma mais detalhada, em momento oportuno, afinal é o caminho pelo qual o pensamento supera a estética.

não é um animal que resiste contra a morte, é tal ideologia que nos direitos humanos o torna uma vítima, um sujeito passivo à espera do destino como é com nas relações de poder no qual o carrasco decide quem vive e quem morre, ao contrário, o homem é um ser para a vida. Em atentados contra a humanidade, as vítimas já se tornaram animais[25], como a figura do muçulmano, em Auschwitz:

> O assim chamado *Muselmann* como era denominado, na linguagem de Lager, o prisioneiro que havia abandonado qualquer esperança e que havia sido abandonado por seus companheiros, já não dispunha de um âmbito de conhecimento capaz de lhe permitir discernimento entre bem e mal, entre nobreza e vileza, entre espiritualidade e não espiritualidade. Era um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia. Devemos, por mais dolorosa que nos pareça a escolha, excluí-lo da nossa consideração.[26]

Por outro lado, o matema é o pensamento coerente, a verdade e seus processos pela relação dos signos entre o mundo e o poema é a referência da hermenêutica em Heidegger, que é a relação interna entre os signos e não a identidade entre ser e pensamento. A ontologia matemática ou ontologias da presença[27] que levam à construção da teoria do sujeito não é com base no pensamento formal e sim na dedução que o um é o múltiplo. A multiplicidade antecede a unidade e este ponto é crucial para entender que o uno no sujeito é a característica que o identifica em sua unidade pelo mal e com a finitude imanente. Assim, desta situação, ou seja, a metaontologia, é que advém as relações reais de alteridade e não da abstração universal porque não há um sujeito abstrato e sim singularidades representáveis que perpetuam também o acaso, muito além das situações que reproduzem as opressões do capitalismo.

Em Heidegger, é na analítica existencial da presença, a *ontologia fundamental* de onde todas as demais podem originar-se.[28] A crítica a tal pensamento é que a filosofia analítica aniquila o desejo de filosofia, este para Badiou, implica na vontade organizada da resistência do pensamento[29] , por tratar mais do significante, da forma e não do significado, de certa maneira, admite uma ênfase na crítica gramatical da linguagem além de se basear em regras da lógica formal,

---

[25] Op. Cit. Pag. 23
[26] Citação de J. Améry, Um intelletuale a Auschwitz, cit. pag 39 extraído do livro O que Resta de Auschchwitz. Pag. 49
[27] Uma referência a ontologia que ele também define como uma situação assim como uma situação particular das multiplicidades. Segundo tal tese, o ser enquanto ser é o um em sua multiplicidade que precede a unidade. A representação ou formalização através da linguagem matemática pode ser expressa por tais múltiplos pois o um não é. Estes conceitos estão no capítulo o Um e O Múltiplo, do livro O Ser e O Evento.
[28] HEIDEGGER, Martin. O Ser e o Tempo. 8.ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 2009. Pag. 49
[29] Op. Cit. Pag. 14

o que abafa a revolta de tal desejo através do normativismo e da técnica, por querer reduzir tudo à linguagem matemática.

Ainda na filosofia analítica, embora reconheça Wittgenstein como antifilósofo no mesmo sentido que atribuiu aos outros filósofos citados, faz uma crítica da sua tese no *Tractatus*, quando ele conclama que o "não sentido "se traduz como sentido na forma do pensamento, é uma abstração negativa, enquanto que na ontologia matemática o que se designa como não sentido seria uma espécie de reserva de pensamento ou, para termos didáticos, na psicanálise de Lacan corresponderia ao vazio necessário, ambos para a expansão do criativo [30] e não para ocultar o pensamento.

Badiou sobre este antifilósofo da linguagem: "No entanto, a filosofia é positiva no mesmo sentido em que se faz à crítica do aspecto negativo em analogia ao que foi dito ao mal e mais tarde, ele se revela um positivista, um analítico."[31] Outra crítica ao filósofo é que no enunciado 6.211 ele declara que a proposição matemática não expressa nenhum pensamento (Badiou , 2013).[32] Não só a matemática é um pensar coerente mas este ponto do indecidível ,em Badiou, não é só quando o desejo do sujeito se compara ao do animal para assegurar a oportunidade sociabilizada nem se manter neste tipo de representação da linguagem.[33] O ponto do indecidível , a decisão não capturada pelo estado, é fundamental para atuar no espaço vazio que precede o acontecimento e tem o sujeito a abertura para agir pelo acaso. Além disso, também a filosofia teria posto em prova a universalidade, oriunda dos processos de verdade, porque unem o destino da filosofia ao ocidente e sacrificam e reduzem a ciência à técnica e negam que a ciência seja também um pensamento.[34]

Negar isso significa dizer que a ciência é universal e impessoal e não que serve a um sistema político-econômico. Outro ponto de discordância, em Heidegger, é que o pensamento só é admitido pela arte em geral ou pelo poema que é verossimilhança por ser criação, por outro lado, pode ou não ser a interpretação dos fatos mas não é uma questão exclusiva da técnica. Enquanto em Badiou o pensar pode ser admitido pela arte, pela ciência, pela política, pelo amor, estes quatro processos genéricos perpassam suas obras e determinam as condições da filosofia. A ênfase na formalização da linguagem através da filosofia analítica influenciou a lógica deôntica que

[30] A sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa (LACAN, 1959-60/1997, p.140-141).
[31] BADIOU, Alain. La Antifilosofía de Wittgenstein. 1. Ed. Traduzido ao espanhol por Maria Del Carmen Rodriguez. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2013.
[32] Op. Cit. 14
[33] Op.cit. pag. 60
[34] Op.cit. pag. 15

preconiza a aplicação acrítica das noções de implicação lógica no direito.[35] Assim é que a generalização na linguagem dos Direitos Humanos se perfaz também por conceitos que são preenchidos por fórmulas impessoais e gerais.

Há três conceitos importantes que fazem relação com este conservadorismo no sujeito vítima, são eles o acontecimento, a fidelidade e a verdade. O primeiro é relacionado com a força do acaso que leva a uma situação nova apesar das repetições no mecanicismo dos saberes constituídos. Todos os três conduzirão ao desejo da filosofia, ao pensamento radical e a revolta lógica[36]. O segundo é fidelidade a este acontecimento que é a ruptura real com uma determinada ordem seja ela no campo político, artístico, científico ou amoroso.[37] A verdade é o processo de como um leva ao outro. Nos períodos revolucionários, estes três elementos estão presentes, por exemplo. No capitalismo, as decisões não podem representar o risco da ruptura, então o ser uno constitui o sujeito passivo dos direitos humanos.

A ética atual seria então incapaz de nomear um bem, se é que o bem existe e ainda assim não pode se delimitar em ser uma oposição ao mal. Ainda que o niilismo seja no sentido de preconizar a única coisa que vai fatalmente acontecer ao homem que é justamente a morte e vai viver em função desta memória. No regime democrático, esta ética figura como uma representação consensual que legitima a polaridade bem ou mal e defende o capitalismo como o sistema predominante contra tudo o que é considerado bárbaro no mundo ocidental. Seria este o único regime que asseguraria a política de segurança do estado e a consequência é a produção de um sujeito cujo agir é limitado à condição de vítima, seria um modo de ser masoquista socialmente construído por uma mentalidade anticomunista a partir do fim do último regime socialista e que culminou na disseminação do pessimismo, a potencialização dos afetos negativos. Por isso que a militância anti-humanista, é necessária, ainda resta a hipótese da luta pelo fim das classes e autodeterminação dos povos.

Este sujeito assombrado pela fatalidade da finitude não é outra coisa senão uma vítima, um mortal que não mais interdita a ideia do individualismo no qual o mais importante é a luta para sobreviver acima de todas as coisas, a força do múltiplo é assim esmagada por esta unidade de

---

[35] MARANHÃO, Juliano. Estudos sobre Lógica e Direito. São Paulo: Marcial Pons, 2013.
[A]Alusão à revolta de Rimbaud no poema traduzido em português como Iluminações
[37] Op. Cit. Pag.49

pensamento, é um idealismo que não se aproxima do real, ou seja, desejar a morte seria um potencial romântico que confere o lugar passivo no mundo:

> O mundo contemporâneo é, assim, duplamente hostil aos processos de verdade. Os sintomas de hostilidade dão-se por superposições nominais: onde se deveria manter o nome de um procedimento de verdade, vem outro nome que o recalca. O nome cultura vem obliterar a arte. A palavra técnica oblitera a palavra ciência. A palavra gestão oblitera a palavra política. A palavra sexualidade oblitera o amor. O sistema cultura-técnica-gestão sexualidade que tem o imenso que tem o imenso mérito de ser homogêneo no mercado e cujos termos designam uma rubrica da apresentação mercantil, é a superposição nominal moderna do sistema arte-ciência-política-amor, que identifica tipologicamente os procedimentos de verdade[38]

Através deste fundamento, o paradoxo da idealização da morte se complementa quando, em condições extremadas de sobrevivência, emana uma força que singulariza esta vítima, então, a partir deste momento, há a luta pelos direitos do homem imortal porque, em Badiou, a imortalidade implica em não se resignar, em ser a multiplicidade, escapar da condição biológica do corpo ou ainda superar o lado animal do humano, ele afirma que o homem como imortal, se sustém a partir do incalculável e do impossuído. Ele se sustenta a partir do não -sendo.[39] Nesta perspectiva, imortalidade e infinitude são interpretadas como similitudes, quando há o exercício soberano da vontade de viver e lutar, esta autodeterminação através da própria contingência contra a morte e não a favor do conformismo é que não se encaixa no sentimento universal que seria: já que vamos todos morrer, não é necessário lutar. A superação deste desamparo ocorre quando os direitos do homem imortal se impõem contra a predominância ética da ideologia dos direitos humanos.

Quando Badiou trata da ética dos Direitos do Homem, a maior influência da filosofia Kantiana seria a permanência de uma ideia de direito natural (Badiou, 1995.op.cit.p.20). Não há também a existência de uma moralidade natural como descrevia Kant, o mal que restaura o lado animal de um indivíduo como no caso do crime passional simbolizado no arquétipo de Medéia[40], que matou os filhos porque renunciou o amor, por exemplo. Esta violência que causa inquietude no universal, tem o registro de tais invariantes nas próprias causas sociais do patriarcalismo ou a

---

[38] _____São Paulo. A fundação do Universalismo. São Paulo, Boitempo,2009

[39] Op. Cit. Pag.26

[40] Badiou trata recentemente deste assunto no artigo intitulado https://lavrapalavra.com/2016/07/15/sobre-o-mal-uma-entrevista-com-alain-badiou/. Consultado em julho de 2017

análise desta razão de agir em outros institutos como a psicanálise que em muitos aspectos pensa sobre o inconsciente coletivo. Dos primórdios da humanidade até hoje, os suplícios, sejam eles um castigo ou uma forma de tortura, eram utilizados pela moral cristã como uma forma de redenção e luta contra o mal, ou seja, esta liturgia do sofrimento para a redenção ou para conseguir que a vítima fale, nem sempre foram considerados como imoral, como bem observa o autor.

Da mesma forma que a dessubjetivação da mulher no amor romântico cuja dor é sacralizada, ainda é uma construção da ideologia da submissão feminina no gênero, não é somente a expressão do sadismo como um mal individual. Sobre esta questão há inclusive um diálogo com Lacan porque Badiou trata o desejo da filosofia como uma vontade do novo sujeito, aquele que perpassa pela verdade como o processo real de uma fidelidade ao acontecimento[41] e o desejo é o objeto da psicanálise. Há um ponto de convergência conceitual entre ambos, é que se há verdade, ela não é aquilo em que todo saber se sustenta[42]. Então retomando a questão do mal, por outro lado, quando há um prevalecimento de um interesse particular, uma atitude que tende a prejudicar deliberadamente o outro, há o processo de interrupção do bem ou dos *processos da verdade*, é justamente esta racionalidade que é a condição de possibilidade de ruptura com o evento no capitalismo.

Nem todo acontecimento é um processo revolucionário, assim como no ascenso do fascismo, como ocorreu com o nazismo. É preciso uma tomada de decisão que tenha uma fidelidade, não é somente a ruptura com a ordem, é mover-se na situação que esse acontecimento suplemento pensando (mas todo pensamento é uma prática, um pôr à prova.)[43]. Ser fiel é reunir e distinguir o devir legal de um acaso[44] (Badiou, 1988). Seria mais uma subversão e não uma reprodução da situação em que se encontra determinada realidade.

No caso do terrorismo que é considerado um mal radical pela democracia, cuja prática é atribuída aos bárbaros, as agências de direitos humanos que representam o estado e prestam um auxílio humanitário, reproduzem a ideologia do capitalismo, não há uma ruptura que possa apresentar uma alteridade entre um representante de um órgão que leva um discurso porque ele é parte do sujeito universal que enxerga no outro um diferente, um todo – outro que representa uma

[41] Op.cit.pag.29
[42] BADIOU, Alain e CASSIN, Barbara. Não Há Relação Sexual. Duas Lições sobre o Aturdito de Lacan. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2013. Pag. 65
[43] Op.cit.pag48
[44] Op.cit. pag.188

etnia, uma cultura , um modo de ser que não o dele. Então a ética contra este mal precisa que o sujeito ultrapasse sua condição animal, tenha coragem para através de sua experiência individual possa conduzir às verdades sem os simulacros, sem a traição ao novo e inesperado e sem aceitar uma verdade como totalidade de uma situação estabelecida.

Ao abordar a consciência do mal, Badiou evidencia as três formas que causam a ruptura do acontecimento, que já foram citadas anteriormente. A primeira delas é o simulacro, no qual na evidência de um evento ou acontecimento, o ser múltiplo utiliza o vazio da situação anterior não para a ruptura, mas para novamente evocar a totalidade da situação anterior. Seria o que acontece historicamente aos momentos pós revolucionários que são levados a uma radicalidade de desejo conservador, foi o que aconteceu na França, pós-revolucionária de 1792, com o golpe do 18 Brumário (op.cit.). A segunda seria a traição que elucida a consequência da rejeição ao acontecimento por falta de fidelidade. A terceira forma seria o desastre que é manter a verdade como absoluta. No caso Heidegger, a ascensão do nazismo pode ter tido os ares de um falso acontecimento por se caracterizar como uma ruptura brutal com a ordem. Segundo esta interpretação, esta indução poderia ter conduzido a uma ilusão ao filósofo. No livro sobre o Nazismo, as Mulheres e a Filosofia, a suposição razoável é de que há dois tipos de filosofia: uma conceitual e outra engajada.[45]No caso de envolvimento militante, há uma responsabilidade filosófica.

Então nesta mesma obra, Barbara Cassin define que o grande pensador que se tornou Heidegger não poderia ter sido totalmente associado ao seu posicionamento político em 1933 porque seria a mesma coisa que associar Platão às ideias da tirania e outros filósofos que cometeram equívocos históricos por posicionamento ideológico apesar de terem se tornado grandes. Da mesma forma esclarece Hannah Arendt, segundo Andre Arantes:

> "A tensão que existe entre o homem enquanto ser que filosofa e o homem enquanto ser que age"; em suma, esse é o artificio por meio do qual Hannah Arendt quando critica o esquecimento ou incompreensão, por parte da tradição filosófica, da experiência política em suas determinações democráticas. A este respeito, o "caso" Heidegger era paradigmático para a autora, que afirmou: "Nós que queremos homenagear os pensadores, ainda que nossa morada se encontre no meio do mundo, não podemos sequer nos impedir de achar chocante,

[45] BADIOU, Alain e Cassin, Barbara. O Nazismo, As Mulheres e a Filosofia. 1.ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2011.

> e talvez escandaloso, que tanto Platão como Heidegger, quando se engajaram nos afazeres humanos, tenham recorrido aos tiranos e ditadores.[46]

A questão é que a partir de Heidegger, não há mais ser ontológico, o acesso ao ontológico seria através do ôntico.[47] O problema que aponta Badiou é que na ideia de Dasein não haveria uma finitude passiva e sim intrínseca à sua existência. Esta afirmação causa uma extrema angústia pois viver é o tempo todo esquecer da morte. Na verdade, a refutação desta problemática é que a ideia de um ser-para-a-morte é que leva ao niilismo e a subjetivação negativa da finitude e a morte como a radical finitude ontológica. Existir no mundo é a medida entre o ser e ele mesmo, expresso na fórmula E (x)= d (x,x), trata-se de uma qualidade, uma intensidade, sendo a morte uma força extrínseca ao ser, é possível vê-la como ela é.[48] Este niilismo já havia sido apontado também por outros autores como Camus que trata da filosofia do absurdo e da vida sem sentido no mito de Sísifo, significa que se tudo na vida é sem valor, nada é insustentável perante a morte.

Desta forma, se o ser nasce para morrer, então a questão é também a arbitrariedade da ordem lógica, afinal, se o mal é uma fatalidade e antecede o bem, então é necessária uma verdade consensual sobre o que é bárbaro e uma ética que identifique e o vença com a força civilizatória. A ontologia em Badiou não é alicerçada na lógica formal, a ontologia matemática é na verdade sobre o discurso construído do sujeito, sobre as verdades que conduzem ao pensamento e na política. Este ser resignado para a morte incorpora de forma totalitária a ideologia humanitária ao invés de pensar numa emancipação coletiva, a falta de heroísmo não pode ser uma característica do militante revolucionário.

Novamente, O matema é o entendimento de que o ser é para a vida e não para a morte. A outra condição é a ciência que é a atual gestão empreendedora do capitalismo, em muitos sentidos reforça a potência da morte através do uso de suas descobertas para o imperialismo mas para alcançar o pensamento, ela deve ser o contrário:

---

[46] ARENDT, Hannah. Lições sobre a Filosofia de Kant. Tradução de Andre Duarte Macedo. Rio de Janeiro: Relume Dumará

[47] Comentário da professora Bethania Assy em aula ministrada na disciplina Teoria da Justiça, 2016. Outra observação também é que diferentemente de Heidegger, Arendt pensa que o ontológico deve ser político, então seria um erro pensa-la a partir dele

[48] Estes conceitos foram apresentados no artigo intitulado https://lavrapalavra.com/2016/03/18/abaixo-a-morte/, consultado em maio de 2017.

> Do mesmo modo, o bem na ação artística é a invenção de novas formas que transmitem o significado do mundo. O bem na ciência é a audácia do pensamento livre, a alegria do conhecimento preciso. Igualmente, o bem no amor é o entendimento sobre o que a diferença realmente é, sobre o que é construir um mundo em que se é dois, e não um. (Badiou, 2001)

A condição da arte é fundamental para Badiou, a poesia engajada que leva à uma dialética positiva no sentido progressivo do termo, isto para conceituar a virada ontológica. Há na arte também, a necessidade de se encontrar na história e não meramente proclamar seu fim com a redução à técnica. No poema de Rimbaud que é citado, o trecho que diz "o amor, sabe-se, precisa ser reinventado." (Badiou, 2013) é justamente por ser o homem capaz de sentir sensações extremas na paixão que não o permite permanecer o tempo todo na esfera romântica do pensamento, mas isto também é a formação do afeto no capitalismo.

A rejeição da estigmatização do amor pelo romantismo é que este deve ser tornar uma condição política da vida militante porque isto também é superar a constante lembrança da finitude e refutar a ilusão de segurança prometida pela economia capitalista. Como já foi dito, não há como tornar uma universalidade o evento com viés revolucionário se não houver o potencial do risco na decisão:

> Deve necessariamente haver no amor algo universal para que essas histórias interessem a um público amplo. O universal está no fato de que todo amor propõe uma nova experiência de verdade sobre o que é dois, e não um. Que o mundo possa ser encontrado e experimentado de outra forma que não seja por uma consciência solitária, essa é a nova prova que todo amor nos oferece. (Badiou, 2013)

O niilismo provocado pela aceitação do mal formula de maneira rígida que os regimes socialistas são o desastre, assim é que atualmente há a figura abstrata de que o processo revolucionário é tão violento que o ideal é a democracia liberal ainda que esta tenha incoerências e provoque muitas mortes. Porém, a opinião pública está a seu favor e oculta os seus crimes contra a humanidade. Atualmente ainda por se vivenciar a era do fetichismo da mercadoria, permanece uma letargia nas relações sociais de produção, a morte sempre ronda o imaginário coletivo.

É como se hoje tais relações permanecessem cada vez mais abstratas e a ligação com o real fosse cada vez mais utópico. Os saberes estão confinados às doutrinas político-econômicas, às suas diretrizes voltadas ao retorno bélico, a cada instante o horror pode ser restaurado por uma

nova guerra. As pessoas estão com medo, estão querendo inclusive vincular o amor à condição de não existir nenhum risco, e, portanto, passar longe de qualquer sofrimento ou decepção amorosa. Esta é a promessa do capitalismo, a ilusão de segurança inclusive conclamando que em caso de uma guerra contra os bárbaros haverá sempre um controle tecnológico, as promessas de morte estão conectadas ao uso extremo de armas de alta tecnologia e se houver baixas, é que elas foram necessárias. O estado democrático de direito decide quem vai viver e quem vai morrer e esta imposição é imperativa no sentido de manter uma tradição que distancie o viver do real.

Por se constituir de relações amortecidas pela tentativa de se distanciar do pensamento mórbido, é conclamado que a solidão não deve imperar e que se deve o tempo todo estar interagindo através das redes sociais, da televisão, afinal estar só não é um exercício de subjetividade mas uma experiência que lembra a finitude, esta sensação também é uma imposição ideológica da opinião dominante sobre o real:

> Quanto a este ponto, há algo muito instrutivo: a função do escândalo em nosso mundo. O escândalo sempre se apresenta como a revelação de um pedacinho de real. Um dia ficamos sabendo, por nossa mídia preferida, que fulano foi à casa de Ciclano e saiu de lá com uma mala cheia de dinheiro. E aí temos a impressão irreprimível de tocar em algo mais real do que tudo o que toda essa gente costuma contar.[49]

Esta preocupação com o real é que questionar seus fundamentos pode ser também que leve aos processos de verdade e portanto, ao ser múltiplo com um pensamento mais crítico em relação aos valores dados aos fundamentos da vida, da economia e quem sabe também no próprio espetáculo ao qual está envolvido. Esta é uma questão fulcral pois a filosofia ocidental durante muito tempo pensou como Heidegger no qual a verdade é a estrutura do esquecimento. Depois na psicanálise o que funda a verdade é o outro como um buraco no saber, assim ele declara em 8 de maio de 1973: "há um buraco e esse buraco se chama o outro, o outro enquanto lugar onde a palavra, por ser depositada, funda a verdade.[50]"(Badiou, 2002)

---

[49] _____ Em Busca do Real Perdido. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

[50] Op. Cit. Pag.60

Pode-se ainda pensar que é preciso um desejo da filosofia como um pensamento radical, uma vontade de possuir esta verdade, o querer o real, quando se desperta do sono[51] da vida contra a morte que se leva. Qual o tipo de desejo seria o ideal para alcançar este real que conduziria a uma vida fora do mover-se essencialmente para o consumo, e portanto, da toxicidade da finitude? Na concepção aristotélica, a ira é mais racional que o desejo[52] e novamente em Lacan a causa do desejo é o objeto perdido, o que falta e assim articulado sob a lei simbólica, não tem nem substância mas há senão uma verdade[53]. Se o amor oferecido no capitalismo é o romântico, e ele só pode ser conduzido aos extremos do inalcançável: a dor ou existe apenas em pensamento. Será que o amor ainda na condição política não existe mas o que há é o afeto? Lacan preconiza que há de dois tipos e bipolariza entre os positivos e negativos. Já em Spinoza o desejo é o apetite consciente de si mesmo.[54] Então esta necessidade de desejar a filosofia para que se permaneça no risco e estrategicamente haja abertura para o acontecimento com potência revolucionária é o tema do próximo capítulo.

1.2 O sujeito uno da ética democrática e o ser múltiplo do acontecimento

Ao tratar da ontologia matemática ou metaontologia, um pensamento coerente, é fundamental compreender que o seu sentido está demarcado por uma configuração local[55] que pode ser entendida como experiência e a matemática uma elevação a este pensamento. Isto porque a matemática conclama por uma ontologia do ser múltiplo e, neste sentido, funciona como uma condição indefinida, porém, inconsistência é fundamental para provar que nada é absoluto, nem

[51] Na outra aula, a explicação do professor Gilvan Fogel, catedrático de Filosofia no IFCS, ao falar do texto do Heidegger sobre Hegel e os Gregos, ele diz que o sonolento é o domínio dos dorminhocos, o abstrato e o concreto seria a força da coisa
[52] Aristóteles. Ética a Nicômacos
[53] _____ A Aventura da Filosofia Francesa no Século XX. Acrescido de Heróis do Panteão: Lacan e Derrida. Tradução de Antonio Teixeira, Gilsonn Ianinni. 1. Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015. Pag. 206
[54] Spinoza, Baruch. Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras. Pag. 208
[55] _____Breve tratado de Ontologia Transitória. Pag. 53

mesmo a ciência. Neste sentido, há um porvir justamente oriundo de uma tomada de decisão ontológica que leva a uma abertura:

> A relação completa do pensamento matemático com seu próprio pensamento supõe que a filosofia, sob a condição das matemáticas, aborde a questão: o que é uma orientação do pensamento? E mais ainda o que é que impõe a identidade do ser e do pensamento se efetue segundo uma imanente multiplicidade de orientações?[56]

A conjuntura consiste delinear a estrutura deste pensamento que não pode mais ser reconhecido sem uma coerência entre o que o ser é em sua multiplicidade e a possibilidade do acontecimento. O ser na democracia é uno e se submete ao regime universal do liberalismo econômico cujo imperativo é a redução da decisão ao individualismo, tudo deve se relacionar à figura do caráter universal das orientações permeadas pelos valores de mercado. De uma certa forma, esta universalidade do humanitarismo foi um retorno à velha doutrina dos direitos naturais do homem que está evidentemente ligado ao esboroamento do marxismo revolucionário de todas as formas de engajamento progressista que dele dependiam (op. cit. p. 17). Ainda ressalta que os filósofos conservadores, por exemplo, na atmosfera intelectual, ao estilo dos argumentos, o patetismo humanitário, a inclusão do moralismo democrático numa genealogia filosófica, tudo isto era contemporâneo do esquerdismo da época, tudo isto era novo (Badiou, A. 2008). O que o filósofo que se referir ainda neste momento é que esta corrupção da filosofia marxista e que contribuiu para que a novidade fosse incorporada ao mercado, foi também o mesmo período em que começaram a surgir as políticas humanitárias.

Este ser que se revela no sujeito contemporâneo é extremante vazio[57], não possui uma capacidade reflexiva. É preciso ir adiante ao existencialismo do esquecimento[58] em Heidegger, a causa marxista é o encerramento da questão metafísica porque o que se revela a partir de Marx é

---

[56] Op.cit. pag 53

[57] O vazio é a negação do múltiplo e ao mesmo tempo a relação que expressa o sujeito como aquele que é preenchido por uma universalidade sem a capacidade de se relacionar com a singularização das experiências, é um conceito que vai permeando as obras citadas do Badiou no trabalho. A primeira ideia deste Vazio em relação aos múltiplos está no ser e o evento, no capítulo sobre a meditação cinco. Depois vai ser associado á questão das suas diferenças conceituais com a psicanálise, na qual o vazio é da estrutura do sujeito.

[58] O esquecimento do ser é tema importante no Ser e O evento, na explicação do dasein, como o ser aí, jogado ao mundo, no qual Badiou faz uma clara oposição quando diz que este ser aí é o ser para a morte.

justamente a relação metafísica a partir da mercadoria. Os direitos humanos não são os direitos da vida contra a morte, mas sim os direitos do imortal que afirmando por si mesmos ou os direitos do infinito exercendo sua soberania sobre a contingência do sofrimento e da morte. Que no final morramos todos e que não reste senão pó, isto não muda em nada a identidade do homem como imortal no instante em que ele afirma o que está na contramão do querer ser um animal, a que a circunstância o impõe.[59]

Este ser uno é portador de uma angústia existencial pois tem que lidar a convicção de estar preso ao próprio fim imanente, uma tendência despontecializadora e centrada no ideal das relações mercantis que são fungíveis. A multiplicidade antecede este próprio ser uno. [60]A consciência ética do mal é a dissolução do homem no tempo, sua transitoriedade e a função que fatalmente será substituída por outro, numa sociedade niilista. Assim, o ser é desapropriação do próprio da propriedade, mas também da apropriação da sua própria impropriedade. O que significa que é o movimento de dois movimentos ou antes: o movimento neutro do todo, tal como dele decorre a divisão dos ser em conformidade com o indivisível ou o indiscernível, do movimento que os desune.[61] Então na constituição do ser uno ao ser múltiplo é o que representa a virada ontológica, do ser para a morte ao ser para a vida, da finitude à infinitude:

> O infinito e o finito não compõem, no caso do pensamento, uma distinção de muita importância. O teorema de Godel consiste no fato de que a aceitação do critério da verdade resulta que a intuição (ou seja, a decisão axiomatizante) é continuamente requerida tanto para bem resolver problemas de aritmética finitista quanto para problemas que dizem respeito a conjuntos transfinitos. É dizer que o movimento do pensamento, único que importa, não é essencialmente diferente no infinito do que é no finito.[62]

Este sujeito precisa despertar para o real através do pensamento coerente e infinito para submeter a sua existência à decisão permeada pelo acaso, à contingência da sua finitude e multiplicidade. Este ideal vitimário da democracia que faz acelerar o tempo e tornar legítima a guerra e o genocídio pelas potências ocidentais traz a reflexão de que não existe uma democracia

[59] Op.cit. pag24
[60] Op.cit.pag54
[61] Op.cit.65
[62] Op.cit.101

real entre EUA, África e o Oriente. Não há um laço fraternal entre os nacionais destes países, há um viés culturalista que detém uma verdade sobre a igualdade, é fato que a polícia quem legitima no cotidiano a fuga ou a permanência do refugiado, por exemplo. O direito das minorias quando é cooptado pelo estado e se incorpora à subjetividade legalizada é também uma lógica autorizada pela desterritorialização capitalista e ao mesmo tempo despossuída da autenticidade das experiências locais, é o que se reconhece no jargão democrata excluir para incluir também.

A produção de uma verdade no molde múltiplo tem esta qualidade de questionar um saber. A ciência deve ser um fim coletivo e a tecnologia é uma benesse a ser compartilhada com todos. Numa tradição imperialista e belicista, o que há é o monopólio do avanço tecnológico, isto é uma apropriação pela verdade absoluta em nome de uma nacionalidade. Esta situação é possuída pela estetização e reificação em todos os espaços. Atualmente há um experimento denominado arquitetura hostil que consiste numa estrutura pontiaguda colocada em bancos, praças e outros locais públicos cuja finalidade é evitar que pessoas em situação de vulnerabilidade possam dormir em tais locais. Historicamente, as descobertas científicas evidenciam o lado de quem as financia, isto é desumanizador consiste numa articulação contrária a tudo o que necessitar sair da condição da vítima. Tampouco o padrão rígido imposto pela universalização das minorias reivindicadas como algo revolucionário justamente por não trazer algo revolucionário, mas uma reivindicação identitária sacrifica o experimento quando nasce do direito do mesmo, sendo o mesmo uma singularidade narcísica. Pode-se pensar por exemplo que a imposição de proibição das burcas na França não estava muito mais preocupada em afirmar o símbolo da nacionalidade francesa, afirmando um racismo institucional promovido por uma política de estado do que a intimidação de um ataque terrorista pelo estado islâmico.

O processo de alcance das verdades é um método coerente porque periodiza o acontecimento[63] , por ora , pode -se assim dizer que há a revelação de que a única imanência que se mantém é o desejo de viver e deixar que o indecidível se torne consciente da tomada de um acontecimento revolucionário, esta é a fundamentação que leva ao entendimento dos múltiplos do ser e não a totalização que perfaz a completude do tornar -se ser um sujeito voltado às necessidades

[63] Para Badiou, os acontecimentos são singularidades irredutíveis, fora da lei das situações. Os processos fiéis de verdade são rupturas imanentes, a cada vez inteiramente inventadas. Os sujeitos que são ocorrências locais do processo de verdade (pontos de verdade) são induções particulares e incomparáveis. É com relação a tais sujeitos que talvez seja legítimo falar de uma ética das verdades. Op.cit. p. 50-51

voluptuosas do capital. Também é preciso renovar a tese marxista, no sentido que se pode pensar numa nova teoria do sujeito, isto implica pensar além das fronteiras do dialeticismo porque o sujeito também é aberto a um processo e a uma hipótese comunista e não fechado às generalizações que porventura não abranjam a sua própria multiplicidade.

Dito de outro modo, o ser múltiplo é por ora uma conclamação à coerência da existência infinita e não à delimitação da imanência da finitude. Os múltiplos estão postos neste sentido da mesma forma que a transfinitude dos conjuntos a partir de Cantor. Se os números possuem uma existência tão ampla que a mente humana não consegue imaginar o final, quiçá a quantidade de pensamento que povoa todo o devir revolucionário, tão delimitadamente fincada às raízes do imaginário do espetáculo da mercadoria.

A totalização do animal humano na sua condição vitimaria, aquele que só se transforma em humano a partir do momento em que se revela a infinitude pelo próprio fim que se aproxima. Este ser uno na verdade é precedido por uma multiplicidade que antes mesmo de torna-lo sujeito humano e não animal, é portador das quatros condições básicas do pensamento e no plano teórico, da própria filosofia. É lógico que numa democracia liberal, nenhum gestor deixa transparecer o efeito da mortificação do ser, nem na esfera doméstica, no âmbito privado, nem no espaço público onde vigora a linguagem do espetáculo.

Na privatização das relações humanas, até mesmo em seu ambiente mais íntimo, o ser uno é captado em seu desejo e então no capitalismo, a ideia do amor, e totalmente voltado para o ideal romântico, aquele que fatalmente culminará em um sofrimento. Então é assim que uma das condições do pensamento, o amor, foi socialmente construído para ser intangível em tal sistema, por isso, está associado a dor ou só existe enquanto pensamento. É neste sentido que Badiou é platônico, ao enfatizar um certo elogio: Quem não começa pelo amor nunca saberá o que é a filosofia.[64] De certo, há a condição política para a construção da subjetividade amorosa que deve ser entrelaçada nas relações sociais. Porém, é em paradoxo que esta condição se revela, a ideia de segurança do capital em evitar o risco significa necessariamente que se o indivíduo ama o outro, é preciso olhar-se mais a partir do despotismo do mesmo[65] e quanto mais se volta para si, menos o outro parece envolvido. Se o outro ama alguém acima de todas as coisas, por outro lado, ele não é

[64] Elogio ao Amor, pag. 10
[65] Referência à expressão do Ética, pag. 29;

mais dele e o desejo do outro também se foi e o que ficou deixou de ser interessante, não há mais nenhum enigma a desvendar.

Nesta relação ética, quando o outro de uma forma ou de outra sofre, a ironia ainda é maior; ele não de ter amor para dar, como se da forma que é, fosse um bem gratuito num mundo hipotético. Para os que arriscam ainda menos, há o recurso ao platonismo no sentido da eterna espera por um ser ideal. O que se caracteriza como o vazio cooptado pelo amor liberal é preenchido pela dependência emocional do consumo, não é só desvantagem ilusória, é o fim que leva o relacionar vicioso, a síndrome da abstinência alimenta mais vazio novamente ocupado pela angústia. Este desejo conservador é o que reproduz mais opressões, ele se transforma na perversão que normatiza a loucura em emoção dúbia cheia de desejo e desprezo, oscila entre a mitificação e a repulsa, da aparência de cuidado à essência da frieza cotidiana, mas só mantém a solidão entre os dois (unos). A confusão sentimental que se forma através de tais artifícios é como se fosse reciprocidade pela atual lei ética, porém esta aparência é o labirinto típico de todo amor romântico preconizado no capitalismo. Afinal existe na vida real um controle para o desejo ilimitado no capitalismo? Em Ética a Nicômacos, Aristóteles vai dizer que a ira é mais racional do que o próprio desejo.

Quais seriam os componentes do niilisto ético da democracia? Há uma combinação substancial entre o homem tirano, na figura da subjetivação política, a inércia da multidão de unos e ainda o reformismo dos partidos da esquerda. Quando se denomina de ultraconservador a teocracia e de um regime liberal a democracia, não se pode levar em consideração que este binarismo tem o alcance divisório entre necessariamente o que é o mal e o que é o bem, apesar dos pesares.

Assim, neste discurso humanitário de tal ética, quando um voluntário de alguma ONG, por exemplo, “salva” um “humano” desorientado pela fome ou pela guerra, naquele momento está reproduzindo não só uma ideologia do estado estrangeiro que o enviou assim como está legitimando a ideia de que há humanos que são heróis enquanto outros nacionais estarão â mercê da própria danação. Há uma situação complexa neste pacto dos direitos humanos entre o salvacionismo ocidental e as vítimas da exploração capitalista porque consiste em afirmar nada a não ser que no momento da morte, aquelas pessoas são humanizadas por pessoas que tiveram acesso à educação à tecnologia, por isso dispõem de tempo não usurpado para a prática da caridade em terras estrangeiras. Não é demais reduzir o pensamento à estimativa genérica de que não há

amor no capitalismo, o que pode ser recolhido são as suas migalhas espalhadas aleatoriamente ou cacos estilhaçados de um reflexo invertido na imagem em busca de um falso real.

No amor, transmutar a individualidade é resistir e não se transformar em mais-valia. É neste sentido que a descoberta do amor é também uma característica do sujeito novo. De fato, para a ideologia predominante não é confortável aderir ao risco e provocar uma mudança através de um potencial estímulo. Para a formação do par amoroso, é preciso entender que a intimidade, é na verdade, um espaço que pode revelar o devir da realização do evento como um acontecimento, o aprofundamento do encontro.

No direito do mesmo e do outro (ética do outro, Badiou, op.cit.p.28) deve haver um cuidado ético, porém, a promoção de um discurso moralista e profissional do político estatal, aquele que age em nome do poder e que reduz a participação das massas a uma outorga e como tal, é autoritária em seu lema orientado pelo profissionalismo dos corruptores do voto democrata. Embora toda a democracia liberal esteja centrada no voto, os verdadeiros políticos são aqueles que fazem progredir o processo político e são anônimos mas se fazem presente em assembleias populares e outras formas de exercício de democracia direta fora do estado. O quanto de negociação ética pôde ser realizada na luta dos ribeirinhos contra a indústria pesqueira, das mulheres que resistiram na revolução iraniana, dos índios e camponeses contra os latifundiários ou dos trabalhadores que lutaram anonimamente em 1917, por exemplo? Não foram todos sujeitos do instante revolucionário a partir do momento em que multiplicaram a luta e se reconheceram na infinitude da contestação do sistema? A política também é um processo de verdades que nasce de experimentos generalizáveis no evento. A peculiaridade na vontade de fazer multiplicar um bem coletivo é uma necessidade maior, mas que no sistema capitalista não prospera enquanto ideia, uma virtude conclamada desde a Grécia Antiga.

A captura do tempo, a universalização das experiências pelo niilismo, o obscurantismo do diálogo, tudo isto transforma o encontro num hábito a ser evitado, afinal não se pode amar no capitalismo fora da ideia do uno que leva a anulação da singularidade experimentada no evento amoroso. Então quando se trata do amor no universalismo é notório lembrar da relevância do apóstolo Paulo na conversão da ideia da desobediência da lei para se submeter ao amor na garantia da fé para o pensamento devotado à idealização da liturgia do sofrimento que ainda hoje prevalece influenciada pela moralidade cristã.

Nesta ética democrática, é oportuna a conjugalidade mortificada pela natureza contratual. O Cristianismo através da conversão de Paulo vivifica a ideia de salvação pela fé na ressurreição que é uma demanda para a fundamentação da ética entre a angústia da finitude e o medo da morte, então o amor é exatamente aquilo que a fé é capaz[66], contrária a visão pagã do oriente centrada em alguns aspectos na destinação da finitude como através da mitologia da deusa egípcia Maat que, após a morte, pesava a alma das pessoas com o valor do coração de cada um, ninguém seria salvo pelo amor de um deus. Porém esta predestinação do Livro Sagrado que ditava o segundo mandamento: "ama-te o próximo como a si mesmo". Neste princípio é que se democratiza a relação de igualdade entre todo aquele que reconhece o salvador, não importa a origem, a classe, a conversão é um processo de singularização e em certa medida detém também uma verdade. Através de poeta e escritor Pasolini é que Badiou expressa a contemporaneidade do apóstolo:

> Para Pasolini, Paulo desejou destruir de maneira revolucionária um modelo de sociedade baseado na desigualdade social, no imperialismo e na escravidão. Existe nele o santo querer da destruição. Certamente, no filme planejado, Paulo fracassa e esse fracasso é mais interno do que público. Mas ele pronuncia a verdade do mundo, e nada o faz sem que seja necessário mudar nada, nos mesmos termos em que ele falou há quase dois mil anos.[67]

Com o amor de Cristo, o homem deixa de viver com o pensamento voltado à morte, prostrado perante esta condição da lei mosaica. Os mandamentos representavam um uno, um comando incondicional perante deus, esta totalidade representava uma ética voltada a cada um e ao mesmo tempo, a todo povo eleito. Porém, a partir da perspectiva de São Paulo revelada pelo universalismo cristão, o amor é acessível a todos, a fé é maior que a própria vida mas a própria subjetivação pela mesma só tem evidência material através da declaração pública.[68] A razão para tratar do apóstolo é que o local do evento, no caso, a galileia, representou o deslocar da experiência para o mundo, o que é uma característica da verdade militante. Nenhum grupo étnico precisa renunciar suas diferenças ou ninguém as suas singularidades em nome de uma coexistência universal:

Para compreendê-las, no entanto, também é preciso que a própria universalidade não se apresente com as características de uma particularidade. Somente é possível transcender as

[66] Op. Cit. p.103
[67] Op. Cit. Pag. 47
[68] Op.cit.pag.103

diferenças se a benevolência em relação aos costumes e às opiniões apresentar-se como uma indiferença tolerante às indiferenças , a qual tem como prova material apenas poder, e saber, como narra Paulo, praticar as diferenças.

Por isso, Paulo desconfia muito de qualquer regra, qualquer rito que possa afetar a militância universalista, designando-a, por sua vez, como portadora das diferenças e de particularidades. [69]Quando há na democracia o desejo de generalizar algo bom e ainda despossuído no espaço castrador, prevalece uma universalidade de interesses na qual o individualismo universalizante não mantém o vigor. Toda a vida coletiva possui necessidades na política e supõe três características: o pensamento é a direção, o afeto é a sua materialização e o desejo é a energia vital.[70] Nesta amplitude, a democracia real se expande e o povo procura incorporar-se na universalização do processo da política democrática e não há recusa consciente em deixar prevalecer o devir militante, a priori, a fidelidade acompanha o acontecimento a partir da luta. Segundo Badiou, na República de Platão recontada, outrora citada, o ser em busca de felicidade só involuntariamente abandona o que lhe faz bem. A maior quantidade de bem equânime só será alcançada através de um regime comunista, este é o que direciona o pensamento e dimensiona o afeto para o homem novo, do ponto de vista do processo das verdades, a satisfação das necessidades individuais se dará na esfera pública, até porque o homem velho também é incapaz de sobreviver e plena solidão. Não é a negação das emoções no âmbito privado, estas são indisponíveis de fato. O que se quer dizer com esta afirmação é que havendo uma real igualdade entre todo o ser, o que prevalecerá é um pertencimento necessário à igualdade do destino naquilo que abrange as condições materiais de existência.

Não seria necessário a defesa da meritocracia que é afirmada na democracia liberal, seu significado profundo é oligárquico, a formação do sujeito político pressupõe uma educação de base, ou seja, a mesma oportunidade para todos. Seria então essa a primeira etapa para equalizar socialmente cada um em sua nacionalidade. Sem outorga de poder na gestão administrativa porque o povo aceita a tarefa do destino do pensamento como mediador deste processo, os corruptores não mais cumpririam o desejo insaciável pelo poder e por intermediar a política de equivalentes universais.

---

[69] Op.cit. pag. 117
[70] _____ Republica de Platão. Pag. 161

A aniquilação da vida pelo niilismo mortificador da mercadoria corrompe os bons e também bem-intencionados de coração, mas a apropriação dos meios de produção por uma classe não permite a expansão do povo e seus infinitos múltiplos, o poder é perpetuado pelo homem tirânico e seu desejo universal em manter a desigualdade. E a multiplicidade implica também numa simplificação em dividir e organizar tarefas e funções, uma vez que não haverá a manutenção de uma profissão porque as oportunidades são desiguais. A tarefa da filosofia marxista também é pensar criticamente a ideia de comunismo.

Para Badiou, não há outro meio que renove a constituição do sujeito se não for pela formação do homem novo. O que se espera do século XXI é que haja ainda a abertura revolucionária para o acontecimento em seu momento mais oportuno sem o simulacro da gestão política, é o alcance do múltiplo como agente político. Tanto para proletários quanto para capitalistas, o conflito social vai se apaziguar pela lei e nos direitos humanos vai se manter a consciência do homem conformado pelo seu destino. Ainda nesta lógica complexa, inclusive pela própria linguagem permeada pela comunicação de massa, é preciso pensar numa teoria com base em práticas coletivas atuais. Ao observar a construção do discurso da sociedade de risco, por exemplo, nada há de novo, a não ser a forma conservadora de expandir o capital.

Por isso que o internacionalismo é fundamental para suplantar o pensamento nacional imbuído de valores como raça e cultura. Não que não haja uma constatação de uma indignação local ainda por conta destes valores, mas o que ocorre é que não está disponível a abertura a novos procedimentos de verdade por justamente haver o simulacro do sistema.

No Brasil, por exemplo, em junho de 2013, houve um ascenso militante contra a onda conservadora e que resultou na própria contestação do sistema, a partir desta historicidade, há um novo sujeito revolucionário porque a contestação permite criar um novo laço com a realidade e ainda teve um teor internacionalista, afinal, muitos movimentos ocorriam também em outros países e que também eram anticapitalistas. Embora houvesse uma repressão forte por parte do estado, o acontecimento leva a um processo com consequências imprevisíveis:

> Vemos em tudo isso como "fracassar" está sempre muito perto de "vencer". Uma grande palavra de ordem maoísta dos anos vermelhos dizia: Ousar lutar ousar vencer. Mas sabemos que se não é fácil obedecer a essa palavra de ordem, se a subjetividade receia não tanto lutar, mas vencer, é porque a luta expõe à forma simples do fracasso (o ataque não deu certo). Enquanto a vitória expõe sua forma mais temível: perceber que vencemos em vão, que a vitória prepara a repetição, a restauração. Que uma revolução nunca é mais do que um entremeio

> do estado. Daí a tentação sacrifical do nada. O inimigo mais temível da política de emancipação não é a repressão pela ordem estabelecida. É a interioridade do niilismo, e a crueldade sem limites que pode acompanhar seu vazio.[71]

Além da preocupação com a formação do indivíduo, o que refletirá no seu afeto de pertencimento ao mundo e não há assim como pensar numa capacidade classista em se apropriar do bem público, ou seja, a necessidade real perpetuará uma ética voltada para a preocupação efetiva nas relações dialéticas não completamente relativistas, o que se torna um pensamento famélico pela violência institucional para apaziguar relações com base em uma política de aniquilamento do outro pela identificação da diferença.

É desta forma que se dissolve a política do inimigo, afinal ninguém nasce amando o outro só porque há uma imposição artificial e um governo propagandista que se encerra no conservadorismo da subjetividade legalizante. A administração da justiça universal sinaliza o aniquilamento ético não só pelo processo massivo de mortes que amplia o genocídio. É por fazer parte da natureza constitutiva da democracia liberal a punição pelos meios necessários ao outro, até porque com a identificação pela diferenciação se torna muito simples pelo padrão estereotipado. Desta forma é que na França, pode-se instituir um regime de proibição da burca como se ocultar parte da vestimenta islâmica fosse de fato findar os atentados. A construção da subjetividade do militante do estado islâmico se deve em parte também da sua falta de pertencimento ao mundo e a adesão ao universalismo profético no sentido da promessa que a fé desesperada supre por aquilo que o mundo não lhe oferece.

Todo aquele inconformado com a aridez do mundo, pode se sujeitar a uma forma niilista de se preservar vivo, o radicalismo religioso é uma fuga para muitos indivíduos[72], obviamente, como já foi mencionado, o universalismo religioso em si não é o cerne da questão. O que deveria existir é uma concepção humanizadora das relações em si. Nestas situações de sacrifício contemporâneo da fé, há também o culto à mercadoria muito mais sutil porque é da sua natureza a mistificação por outra forma de fé, a do consumo e provisoriedade da vida.

Desta forma, tanto o desespero religioso quanto o consumo exacerbado parecem ocultar o que o fim do tempo determina, que é a necessidade de esquecer a morte. A totalização do uno que

---

[71] _____Hipótese comunista. São Paulo, Boitempo, 2012. p. 22

[72] _____Entrevista Alain Badiou sobre o Lançamento do Livro Éloge de la Politique. Sem tradução para o português.

é a subjetivação no capitalismo também se realiza nas vítimas prostradas na ritualização do sofrimento pela fé e a liberação da adrenalina no acionamento das bombas terroristas. Há algum tempo a indústria farmacêutica tenta conter os impulsos desviantes da necessidade também de correr riscos e então as pessoas canalizam a raiva e a ira na amortização da dor e no amor passivo oferecido pela medicina, também a serviço do estímulo capitalista. Na gestão política democrata, nada é gratuito, assim como o amor também não é, pois é uma relação de troca de afetos, então o amor ao próximo também não se dá por mais que tenha sido um mandamento bíblico.

A universalização ideológica que é o niilismo nos direitos humanos se concretiza através desta ética de mercado. Não necessariamente a forma é a adoração do nada, mas sim o temor de ser um ser para a morte sem nunca imaginar a permissão para o acontecimento da imanência da finitude. Nos países imperialistas esta questão é possível pela tecnicização da ciência que conceitua o que é a vida, o seu início e quando se dá o seu fim, através da morte. É na manipulação da tecnologia que se decide quem vai morrer, e quem merece viver nas guerras controladas pelas armas de última geração. Como usar uma arma biológica para praticar de forma legítima um genocídio, por exemplo. Da mesma forma que em dado momento, o aborto é proibido e as clínicas de reprodução assistida permanecem funcionando pelo mesmo motivo, a ciência neste momento, assume uma posição em que seu fim se confunde com o próprio estado, pois não se posiciona de forma progressiva, para o bem coletivo, serve a quem lhe financia.

É exatamente assim que funciona a medicina por um lado, mediante a gestão de interesses dos grandes, ou seja, a liberação de patentes depende de quem pode arcar com custas processuais num método persuasivo que mantém muitos doentes sem atendimento nos hospitais públicos. O resultado desta logística é que então vai gerar outra forma de enriquecimento pela manipulação da saúde e gestão da morte através de leitos e medo da finitude.

De forma absoluta, pode -se afirmar que a ciência determina o que as coisas são enquanto a técnica é forma em que são feitas, em um dado momento histórico, a filosofia refuta a ideia de deus, em outro, é a ciência que passa a controlar a vida. Em consequência disso também, a manipulação da informação impõe uma insegurança subjetiva e que leva ao medo constante também do risco. Isto significa que não houve necessariamente uma única consequência, o medo de perder a saúde é ter a sensação intermitente de lembrança da morte, nos intervalos da vida, mas por exemplo, este monopólio da a informação e a detenção pelo segredo e manipulação de descobertas científicas, torna lucrativo o banco de dados para as empresas.

Os problemas da humanidade que poderiam ter sido resolvidos há muito tempo como fome, não foram ainda porque a tecnicização é o monopólio do controle biológico da vida. Em muitos aspectos, o cotidiano é uma rotina de hábitos banais, totalmente sem sentido em suas ações, se for reduzir o pensamento a sensação de que nada vale a pena, se o único fim é a morte. A vida é o maior acontecimento de cada sujeito, é preciso encarar como um objetivo maior, isto afasta a lembrança da morte, a solidão do lar contemporâneo iluminado pela propaganda televisiva ou das redes sociais também é um método de fuga desta ideia fixa, por isso mesmo que a cooptação de dados pessoais e preferências é tão lucrativo para as empresas que trabalham incessantemente para as grandes corporações.

É tão notória a historicidade da ciência em nome das ideologias, como por exemplo, a descoberta do computador para que a guerra tivesse uma vantagem para o detentor de tal recurso ou hoje como os algoritmos continuam fornecendo as bases do pensamento de massa para as empresas, o *Google* avança nos mecanismos de busca e assim possuem menos riscos e maior probabilidade de acerto com maior lucro para os seus produtos. No capitalismo que é um sistema, nos países periféricos, o controle da vida reprodutiva é feito de tal forma que há o total controle da vida, é como não fosse crueldade a manutenção de uma maternidade compulsória tal como era na idade média onde os riscos eram tão altos que para evitar o sofrimento com o alto índice de mortalidade infantil, a criança era vista como um adulto imperfeito, um ser inacabado, pensar de forma reducionista era um meio de evitar o apego e então a ideia de família de infância foi ser desenvolvida e ampliada no capitalismo, pois o casamento de natureza contratual é também altamente produtivo.

A ética representa tal sistema não é um processo das verdades por isso que o pensamento sim, na nova teoria do sujeito, é um sistema porque assim nas condições de realização pela arte, política, amor e ciência o individualismo perde seu sentido, uma vez que pela primeira o homem se subjetiva e nas três últimas se torna um sujeito também coletivo, esta amplitude é um escudo contra a reificação.

Esta forma de acobertar a finitude pela fungibilidade dos bens de consumo o que se inclui as drogas terapêuticas que fazem dopar a memória e postergam a dor como se fosse o método ideal de se preservar de algo que não pode , na verdade, ser esquecido que é a possibilidade de enfrentar o medo e amadurecer a ideia de que justamente por conta da certeza que é a finitude é que é preciso ampliar a necessidade da abertura ao risco porque é na transformação que o ser tem a chance de

encontrar um novo amor, uma assembleia popular, um filme no qual se identifique, um método alternativo da medicina para uma possível cura para este tipo de pensamento.

A ética deveria estar voltada para um processo coletivo não sendo entendida como algo cindido em representações no domínio da moral. A ética dos processos das verdades é um projeto para resgatar o papel para o qual lhe é destinado ao projetar a infinitude do homem. Para a vida humana, o fim é o início. É um componente incalculável do prospecto da própria vida.[73] Então é por isso que na teoria sobre estes processos é tão importante refutar a ideia universal dos direitos humanos, mas ao mesmo tempo afirmar a singularização através das experiências. Não se deve deixar de pensar que a singularidade é também a sensação de existir no mundo e ter um sentido que não esteja voltado para o ser da morte. Em tempos tão difíceis para compreender o outro, parece distorção generalizada a batalha de individualismos e luta pela sobrevivência, a sensação é que todos são semelhantes sendo preservadas as diferenças que destacam os traços distintivos de raça, gênero e outros elementos que são monopolizados também enquanto se transformam no poder político para quem detém.

A ética corrobora para a visão do homem como vítima e este desdobramento está relacionado também ao fato de que a necessidade de se alcançar o real é submetido ao real econômico:

> Digamos que a questão filosófica do real é também, e talvez sobretudo, a questão de saber se, estando dado um discurso segundo o qual o real é impositivo, podemos- ou não podemos-modificar o mundo de tal maneira que se apresente uma abertura, anteriormente invisível, através da qual se consiga escapar dessa imposição se contudo negar que haja real e que haja imposição.[74]

Então, a abordagem do mal em Badiou é parte de sua crítica mais ampla contra o que ele define dessa ideologia ética porque se constitui no liberalismo dos direitos humanos, na ética da diferença e na política humanitária. No seu pensamento sistêmico, a crítica visa a generalidade dos direitos humanos e quando ele está criticando a possibilidade de uma eticidade, obviamente, a crítica não está restrita ao campo da moralidade porque ela a define como um princípio.

---

[73] Citação do Badiou numa entrevista intitulada https://lavrapalavra.com/2016/03/18/abaixo-a-morte/, consultada em outubro de 2017

[74] _____ Em Busca do Real Perdido. Tradução Fernando Scheibe. 1.ed.Belo Horizonte: Editora Autêntca, 2017.

Quando os defensores de tal ideologia proclamam a dignidade da pessoa humana, na verdade, estão correlacionando o homem como uma vítima, a ética não perpassa as situações concretas, a legislação consagra as orientações normativas do estado de direito que o define para o extermínio do mal. Esta legalidade a subordinada ao poder de juízos do poder político, uma vez que os direitos humanos não podem ser justificados de maneiras mais positivas que refutem a negação. A crítica de Badiou faça uma série de afirmações sobre a ética dos direitos humanos, que inclusive é uma ferramenta do democracia liberal, que é dissimulada do real e mantém as desigualdades étnicas, que se baseia em um humanismo num universalismo generalizante. No que se pensa a respeito disso e deve ficar claro que o processo das verdades do filósofo representa as vertentes para tornar este sujeito uma singularidade imortal. Além disso, embora a crítica de Badiou seja ocasionada do seu projeto filosófico, como a aceitação positiva de uma humanidade e sua transformação por este processo alternativo, há uma dimensão local de onde o mesmo se origina com a capacidade singular de apreensão da verdade. Deve-se em grande parte ao fato de que o mal da ética contemporânea e da influência kantiana, são forças imanentes ao poder totalitário do estado.

A ética predominante dos direitos humanos considera o mal como primário e autoevidente e submete a identificação do sujeito ao reconhecimento universal do mal que lhe é feito. Uma vez que o autoritarismo dos direitos humanos consagra a vulnerabilidade na necessidade de suportar o peso da morte, considerada imanente à consciência humana e que faz reconhecer que o homem é aquele capaz de reconhecer a si mesmo como vítima. Na realidade, a crítica sobre a questão humanitária é que a proteção não afasta o excesso da lei[75]. Se tudo o que é radicalizado como mal é dentro deste esquema universal, então o bem é o não -humano.

1.3 A virada ontológica: do ser para a morte ao ser para a vida

[75] No caso por exemplo, da intervenção das ONGS em locais devastados pela guerra, por exemplo, muitos abusos são cometidos e nada será feito para honrar, na prática, a dignidade das vítimas, ainda que conforme os valores democráticos.

A crítica de que a ética é niilista emana da ideia de que o homem de fato, em relação à sua finitude, é levado a pensar que é um animal que luta contra a morte, este é o fundamento do niilismo ético. Na política, a maior influência é a luta contra um mal, em primeiro lugar, e neste sentido, não há uma necessidade de análise do caso concreto e não perpassa por nenhum outro processo, a não ser o imperativo do juízo e ingerência humanitária. Por isso, a outorga da violência é uma necessidade do estado, o estado democrático de direito é aquele que luta contra este mal. Esta relação binária entre mal e bem cria induz a uma relação que cinde o sujeito em dois aspectos, o que pode distinguir o que vai levar ao sofrimento e aquele outro que pode se prevenir dele.

Nos direitos humanos, é o sujeito que implora o direito de não ser hostilizado, em outras palavras, é o signatário do direito ao não -Mal[76]. No entanto, apesar da aparência de autoevidência, a ética oculta a realidade dos individualismos, dos seres ensimesmados, do oportunismo das políticas de distribuição de caridade oferecida internacionalmente. A própria interferência de um país civilizado em outro, é feita sob o percalço do combate ao inimigo, é melhor inclusive exterminar o mal antes que se alastre. Porém, o homem, como imortal, se sustém a partir do incalculável e do impossuído. Ele se sustenta a partir do não-sendo.[77] A partir do instante em que se retira a esperança ou expectativa de um outro futuro, pode-se afirmar que também deixou de existir a sua própria humanidade. A principal consequência disto é um pessimismo generalizado e um pensamento obtuso em relação ao que seja uma ruptura com essa ética.

Se agir é necessário, então a ética do mal com toda a sua generalização, obscurantiza a ação humana necessária para modificar este quadro atual. Quando o sujeito se depara com uma situação desoladora, como por exemplo, uma mulher que praticou um aborto num país em que o mesmo não for legalizado. Então se ele for médico e seguir o ordenamento legal, ele vai se sentir impelido a cumprir um dever legal e fazer uma denúncia ao estado. Se por outro lado, considerar uma situação extralegal, na qual, a aquela paciente é vítima de um autoritarismo genocida, então ele poderá agir de outra forma a impedir que o punitivismo prolifere através de sua ação, é neste momento em que excede a legalidade para produzir uma outra forma de subjetivação que está ligada sim aos direitos do homem enquanto imortal, a

[76] Expressão utilizada no Ética, uma Consciência do mal
[77] Oc.cit. p.26

partir do momento em que houve o resgate da própria humanidade e do outro, ainda que neste exemplo, as consequências resultem numa criminalização do ato em si, ele agiu não só por uma consciência mas pela legitima defesa de outrem, alguém que não tinha condições de se defender do direito penal e ao mesmo tempo produziu verdades generalizáveis.

Além de se constatar isso, é lúcido afirmar que o niilismo moderno é caracterizado pela onipresença da técnica da ciência, conforme foi mencionado, a partir de Heidegger, na qual a ciência e matemática são equivalentes ramos da metafísica.[78]Com efeito, a consequência do niilismo é que o sujeito contemporâneo além de estar conectado à finitude, é constituído, em primeiro plano, pela definição de o-que não é-o-ser- enquanto ser.[79] Trata-se, pois de entender o sujeito contemporâneo como parte de um processo de verdade e não a um conceito universal da verdade em si.

Pode-se reconhecer aqui este outro enquadramento além da condição vitimária deste sujeito universal, ou seja, a tendência à a afirmação a partir da negação, o que é conceito que se assemelha ao de niilismo e a reducionismo à condição animal, prostrada diante do medo. É também neste contexto que se apresenta a necessidade de afirmar a condição de sujeito múltiplo, na ontologia com o pensamento matemático, esta é a porta para abertura das outras condições ocultas pela realidade por conta da mistificação das relações sociais no capitalismo. Não é demasiado consignar que a multiplicidade antecede a unidade mas este uno presente no sujeito contemporâneo o torna limitado a uma verdade.

Segundo Heidegger, a verdade está no campo da estética, é o poema. A sua ontologia poética, como define Badiou, permite apreender que não há nada fora da vida, não há porque se questionar o que haveria fora dela, para quê se a mesma é gratuidade pura. Não há uma limitação naquele que se inscreve pela poesia porque ela pode ser universal embora cada autor permita uma singularização. Até que neste ponto parece haver um consenso entre Heidegger e Badiou, o dissenso está na forma totalitária do poema, enquanto é uma questão de verossimilhança, ou seja, pode ser ou não a interpretação dos fatos e não de reducionismo à técnica.

Isto revela de forma radical que a vida é o desvelar-se mas a certeza é do que não é, em primeiro ponto, as certezas vêm a partir do momento em que se vai permitindo agir e o

[78] Ser e o evento. Pag.17
[79] Op.cit.pag.21

homem é este ser no mundo. Neste quesito, o homem nada é, por isso, está aberto ao mundo. Outra diferença ontológica em Badiou é que enquanto há o pensamento com base no ser múltiplo, no Heidegger, há muitos uns e estes não se opõem a existência de um todo. A filosofia heideggeriana enxerga na filosofia também uma missão, mas neste sentido apresentado, enquanto na ontologia matemática deve ter um fim crítico, levar a uma revolta do pensamento e o seu desejo é pela infinitude. Não é um individualismo e a abertura se dá pelo acontecimento e na aposta repetida do engajar-se na vida, este sentido é o oposto da vítima que nada mais é do que o ser-para-a-morte, ela é imortal.

Não há um esforço descomunal para impor os direitos contra a morte mas sim um exercício soberano e consciente de que a finitude é passiva e não de natureza imanente. O homem não pode estar à mercê desta espera pela eternidade fora de si porque a sua subjetivação já é infinita. Por outro lado, estar consciente significa não estar adormecido pelas relações mundanas, é assumir seu posicionamento perante o mundo, para só assim agir contra o destino final. Tampouco é ser um uno reificado no individualismo, o ser para a vida assume também as responsabilidades coletivas.

O pensamento parte dos processos das verdades, por isso, seu teor é afirmativo porque também a prática e a singularização o tornam mais apto inclusive a reconhecer as injustiças porque ser coerente significa estar atento ao mundo ao redor. Se existir então o conceito de bem que este não parta indutivamente do mal mas sim que seja o conjunto coletivo de ações afirmativas que mudam determinadas situações. O sujeito universal da democracia é enquadrado pela generalização que padroniza, por isso, não é capaz de se singularizar pelo amor ou pela arte, nem se coletivizar pela ciência e pela política. No Ser e o Tempo, cada um é essencial, porém, este ser é uma luta contra o tempo, não consegue esquecer a finitude, ele é aberto para este transcender, porém é uma cadência de ações que tem por finalidade a superação da morte, esta temporalidade é uma verdade, assim definido:

> A exposição do ser-para-a-morte mediano na vida cotidiana orienta-se pelas estruturas da cotidianidade já explicitadas. No ser-para-a-morte, a presença relaciona-se com ela mesma enquanto um poder ser privilegiado. Entretanto, o próprio da cotidianidade é o impessoal, constituído na interpretação pública

> expressa na falação. Este deve, portanto, revelar, de que modo a presença cotidiana interpreta para si o seu ser-para-a-morte. [80]

A questão é como participar da virada ontológica do ser-para-a-morte, niilismo, ao ser para a vida, afirmação do pensamento. Em defesa da ontologia matemática e seu pensamento coerente, é preciso esquecer o tal esquecimento. Se a cura for pelo esquecimento que Heidegger diz, então é melhor morrer doente. A reificação do sujeito é determinada pela tecnologia e neste contexto, também consigna o fim da filosofia. Neste sentido, conforme já foi dito, a ciência moderna e o estado totalitário são um pensamento niilista. [81] A ética como uma representação do mal é parte desta universalização e a desertificação do pensar é parte deste destino técnico. Para a ruptura, é preciso socializar os meios de produção, não há outro caminho:

> The Statements displaying "modern science" as the effect , indeed the main effect of technology´s reign as the effect, indeed the main effect of technology´s reign, are untenable. If, for example, we consider a great theorem from modern mathmatics, the one that demonstrates that the indepependence of the continuum hypothesis (Paul Cohen, 1963), we find within it a concentration of thought, na inventive beauty, a surprise of concept, a risky rupture.[82]

Apesar do reconhecimento do devir revolucionário presente em determinados momentos, é preciso ainda levar adiante a possibilidade de pensamento militante que se encoraja da necessidade de mudança. É tudo também uma questão de interpretação pela ideologia dominante e opinião pública desde o fim da União Soviética, que rompeu com um ideal socialista. Houve uma negação do potencial transformador como se o processo revolucionário também fosse um mal absoluto tão radicalmente fascista quanto o foi o nazismo. É preciso entender a necessidade do processo de enlutamento deste regime

---

[80] HEIDEGGER, Martim. O ser e o Tempo. Tradução de Marcia de Sá.. Petropolis. Editora Universitária São Francisco, 2013. Pag. 328

[81] _____Manifesto for Philososophy. Traduzido por Norman Madarasz. Publicado pela Universidade estadual

[82] As declarações que mostram a "ciência moderna" como o efeito, de fato, o efeito principal do reinado da tecnologia como o efeito, mesmo o principal efeito do reinado da tecnologia, são insustentáveis. Se, por exemplo, consideramos um grande teorema da matemática moderna, que demonstra que a indepenetração da hipótese do continuum (Paul Cohen, 1963), encontramos dentro dela uma concentração de pensamento, uma beleza inventiva, uma surpresa de conceito, uma ruptura de risco. Op.cit. pag 54

totalitário na ideia de que foi um mal radical e toda a representação da democracia é um mal menor ou de extrema necessidade.

Os movimentos sociais contemporâneos não apaziguam a luta de classes e nos últimos tempos, houve vários deles ocupando as ruas e as praças ao redor do mundo. É tudo um processo de evolução, mas parece que atualmente a comunicação de massa se faz prevalecer até mesmo na mortificação do pensamento que a democracia é um regime ideal e que por ser menos explícito em seus genocídios e ocultamento de corpos, mantem o ideal imaginário de que possui uma transparência, no entanto, tudo é mediado por uma forte propaganda publicitária.

Os propagandistas do governo e os nossos líderes sabem muito bem que o capitalismo liberal é um regime desigual, injusto e inaceitável para a vasta maioria da humanidade.[83] Então a única razão para se dizer que na verdade por não ser um mal tão destruidor, que o fascismo pode ser controlado na democracia, é justamente um falseamento da consciência que por ora, não se restringe aos ideólogos, embora estes também sirvam a tal modelo no qual a filosofia decadente é parte.

Os estrategistas de estado corroboram através de ameaças militaristas de que o único regime possível é a democracia liberal e não há como pensar numa alternativa possível. Então apesar do assombramento de tal ideologia, não é demasiado consignar que a emancipação humanitária depende também de reais projetos dos quais a hipótese comunista é uma ideia que vale a pena lutar. No entanto, as grandes potencias que usufruem das igualdades disseminam ideologicamente que o fracasso e o risco de totalitarismo é o que impede um regime político alternativo ao atual.

O que restaria então seria pensar que não há motivos para outras revoluções, porém, como a história tem consequências imprevisíveis, apesar da propaganda negativa, as massas se movimentam, lutam nas ruas, realizam greves e motins, afinal, contestam o sistema que mantém todas as desigualdades. É desta forma que o sujeito cindido entre o nada e a vitimização abre a oportunidade do evento. Ainda que não se realize um grande acontecimento, aquele conjunto de ações revolucionárias avançam para evidenciar que não estão todos parados esperando a morte. A arma da propaganda de direita é a calúnia, então, a

---

[83] Fonte: https://lavrapalavra.com/2016/07/15/sobre-o-mal-uma-entrevista-com-alain-badiou/. Consultado em agosto de 2017.

totalidade midiática atua nos espaços pós- eventurais a fim de vincular novamente a ideia de violência gratuita e fracasso como expectativa.

Na verdade, o não ser é que é anormal mas o devir revolucionário é tratado como sintoma de um distúrbio, desde a psicanálise. O nada é a recaída inerte do aparecer, a não-natureza, cujo apogeu, na época do niilismo, é a anulação de todo aparecer natural no reinado violento e abstrato da técnica moderna.[84] A ideologia anti-humanista que conclama a morte deste homem universal, preconiza o infinito porque a rigidez está no absoluto, no equivalente do capitalismo.

É o estado totalitário na perspectiva democrática que conduz a inospitalidade do pensamento radical contra esta questão do autoritarismo político. Na prática é que se observam as quatro grandes orientações políticas: a revolucionária, a fascista, a reformista e a conservadora, a primeira e a segunda dirão que o conflito é forçosamente violento. As duas últimas vão dizer que o conflito pode-se manter através das regras constitucionais, mas todas convergem para a representação.[85] Porém, apesar destas orientações, o que se verifica na contemporaneidade é a representatividade na democracia com a outorga do poder pelo povo. Salvo em alguns governos mais tradicionais como na Inglaterra que possui uma monarquia parlamentarista.

É reiterada a perpetuação da opinião pública na qual o que não está dentre estas opções, só pode representar um sistema político ilegítimo como nas autocracias em alguns países no oriente, por exemplo. Esta forma de representação pela via eleitoral não deixa de ser também uma modalidade unívoca que na prática não possui uma participação popular:

> Mas num âmbito constitucional o voto é regrado, organizado pelo próprio estado. Supõe-se que todo mundo aceite este âmbito. Supõe-se então, um consenso político quanto à ideia de representação. E no cerne do consenso, há o estado. As mobilizações populares são apenas meios de pressão. Porque elas são meios de articulação incompletos. Elas não tocam diretamente na representação do estado., aceitam fundamentalmente o consenso.[86]

[84] Op.cit. pag.143
[85] _____Para Uma Nova Teoria do Sujeito. Conferências brasileiras. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002. Pag.54
[86] Op.cit. pag.55

Na verdade, só não são contestados na base militar se a paz for mantida por natureza contratual e ainda assim com ameaça de invasão bélica pelas potências imperialistas. O que não se pode deixar de mencionar é que o pensamento democrata reproduz racismos e outras tendências conjecturais ou ainda o imperativo do relativismo cultural cuja relação é alicerçada no ideal do homem branco e ocidental. O pensamento decolonial já faz uma abertura nesta homogeneização para uma compossibilidade de atuação de outros pensamentos que não esses que reproduzem as opressões.

As novas configurações de materialidade das ações são articuladas principalmente no âmbito do exercício da democracia direta. O ser-para-a vida não se perde e nem deixa prevalecer o esquecimento na luta contra a mortificação. Agora há também a preocupação com o reconhecimento da abertura do evento. Duas questões são imediatas: a primeira é: em que medida esta definição corresponde mais ou menos à ideia intuitiva do evento? [87] A esse respeito é preciso reconhecer que o evento é situado numa localidade. O que Badiou quer dizer com esta afirmação é que primeiramente é preciso reconhecer uma situação numa determinada localização, para que depois se torne globalmente reconhecível.

Em todas as revoluções, há elementos conservadores e progressistas, então além dessa condição geográfica, é preciso que haja uma fidelidade à situação histórica. Este espaço supranumerário ou que representa as condições infinitas do evento possui uma historicidade. Ao inverso de Heidegger, o filósofo sustenta que a localização histórica é aquilo pelo que o ser ad-vem à aproximidade apresentativa assim como este equilíbrio da apresentação é muito mais do que aquilo que o ser-aí trama o maior esquecimento.[88] O sítio eventural é o espaço historicamente localizável e que vai fundar o lugar de atuação do ser múltiplo. Por outro lado, só a técnica que é reducionista e pretensiosamente neutra vai sustentar a ideia de naturalidade e imparcialidade. Estas características não fazem parte da estrutura do sítio eventural:

> É possível caracterizar de maneira geral o tipo de múltiplo que pode concernir a um evento numa situação qualquer. Como se poderia prever, trata-se do que pré-nomeei um sítio eventural (ou na borda do vazio ou fundador). Estabeleceremos de uma vez por todas que não há evento natural, nem tampouco evento neutro.[89]

[87] Op.cit. pag.148
[88] Op.cit.pag. 146
[89] Op.cit.pag147

A aparência de neutralidade na verdade apenas é um modo conveniente de perpetuar o poder. Poder-se-ia arguir agora que o evento é diferente de um fato histórico, pois, em primeiro lugar nem todo fato histórico se revela como um evento, pois a diferença é que ele precisa estar localizado e ter traços de múltiplos e ao mesmo tempo condições generalizáveis. Outro elemento importante para que se realize é que o estado não pode participar, pois representa o uno e o evento é um múltiplo *a-normal*. A identificação por este uno acabaria num falseamento do acontecimento ou ainda na traição ao mesmo. Por outro lado, na democracia representativa, o evento, inicialmente, está dentro da situação colocada, ou seja, antes de se apresentar como uma situação nova, ele está centrado justamente no ponto do indecidível.

E o que faz mudar radicalmente para a identificação do múltiplo revolucionário é se, na história, vai haver um termo imanente de si mesmo, isto será conhecido como distinto do sistema, o real revolucionário. Que a imanência esteja presente na hipótese revolucionária e o ser que milite seja para a vida e não que esteja na própria vida como futuro certo para a superficialidade que é o pensamento conformista da única certeza que seria a morte. Desta forma, ao ser diferenciado do ser que não é, o decidível se apresenta a partir da verossimilhança do que aparentemente é indiscernível. Como decorrência disso, é possível deduzir que somente de forma retroativa à ação do sujeito, ou seja, pelo tempo histórico, é que se reconhece que aquele processo de verdade teve um resultado que não o da situação apresentada, pela percepção do tempo de forma ativa.

Em Heidegger, o acontecimento[90] apodera-se do homem porque o ser é apropriável, em Badiou é impossível de apropriar do que está despossuído, além disso, para o filosofo alemão, a verdade é desocultamento[91], enquanto em Badiou simplesmente não há uma verdade porque não é fruto de nada que possa ser absoluto e nem reverenciado, o que está encoberto é a relação de mistificação da mercadoria, equivalente universal do capitalismo. Existe também no pensamento Heideggeriano uma questão do seu tempo, que para ele, só os

[90] Em Badiou, ele trata de acontecimento ou evento. Em Heidegger é a tradução de Ereignis no Ser e O Tempo.
[91] Expressão utilizada pelo professor Gilvan Fogel, em aula ministrada no IFCS no primeiro semestre de 2017. Originalmente do grego é aletheia mais no sentido de despertar para a realidade.

gregos e os alemães fizeram uma verdadeira filosofia.[92] A realidade no Ser e O Tempo se perpetua pela ação também, porém, ela recai no esquecimento e não está conectada pela historicidade, é como dizer a verdade na literatura, o que seria fundamental para o processo das verdades generalizáveis que valorizam as experiências do sujeito. A questão vai além no Ser e Verdade, afinal, para Heidegger, a questão fundamental da Filosofia visaria a liderança político-espiritual da juventude alemã para o futuro da humanidade:

> Toda Orientação essencial se alimenta de uma grande determinação contida nos fundamentos. E tal determinação constitui, por primeiro e por último, a missão espiritual do povo que o destino reserva para a nação. Trata-se do despertar o saber desta missão e implantá-lo nos corações a na vontade de seus membros.[93]

Esta questão é complexa, afinal como marxista internacionalista, esta conclamação ao povo alemão e sua missão é algo que vai de encontro a filosofia militante. Sem falar que o estado em Badiou tenta sempre evitar um colapso através de uma segunda ordem estruturante da situação.[94] Então isto implica dizer que o povo alemão no excerto apresentado, fazer acontecer historicamente é originar seus acontecimentos próprios, simplesmente o passado é imemorial, o ser é partícipe do acontecimento que possui uma unidade de sentido que o orienta. Pode-se depreender daí também que o niilismo tem em sua vertente algo parecido, que é o deixar acontecer porque o destino final já está desde o nascimento ou a origem traçada. Nada que se realize, nenhuma ação ou construção de subjetividade é possível porque nada importa a não ser a finitude e este retorno ao infinito a partir deste destino. Este absurdo da vida sem sentido é uma construção coletiva por valores e como tal se perpetuam no tempo imemorial, não adianta lutar contra este fato, por isso, é preciso encontrar o vazio do sítio eventural deste ser universal. Em carta ao Humanismo, Heidegger diz que a essência do agir é consumar, ou seja, fazer chegar a eternidade.[95] Na filosofia militante, é preciso pensar que o que deve emanar fora da subjetividade legalizante é justamente os direitos do

---

[92] Esta revelação está no texto Hegel e os Gregos

[93] ---------- O Ser e a Verdade. Editora Fundamento, Rio de Janeiro, 2007. p.21

[94] ROBINSON, Andrew. O Estado em Badiou. Traduzido por Daniel Fabre. Disponível em https://lavrapalavra.com/2017/02/06/alain-badiou-o-estado/

[95] _____Carta sobre o Humanismo. 2 ed. Tradução de Rubem Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2007.

imortal, ou seja, enquanto há vida, há o desejo por um pensamento radical em busca do real, assim o sujeito não mais fica à mercê da ideologia humanitária. Já para Hannah Arendt, a refutação da metafísica ou desencarnação do ser foi realizada a partir de Heidegger:

> Heidegger, nessa dimensão de profundidade aberta apenas pelo seu pensar ativo, estabeleceu uma grande rede dessas trilhas do pensamento, certamente, o único resultado imediato levado em consideração , e que formou escola, foi o de ter derrubado o edifício da metafisica existente, onde, em todo caso, ninguém mais, há muito tempo, se sentia realmente à vontade, como as galerias e sapas subterrâneas fazem desmoronar aquilo cujos alicerces não têm profundidade suficiente.[96]

Contudo, este retorno à eternidade como consequência do sentido no consumar -se pelo tempo é uma característica do niilismo contemporâneo. Pensar desta forma é como navegar sem nenhuma esperança de terra à vista, então rema-se ao leo ao dissabor da próxima tempestade, não só navegar não é preciso assim como não faz mais nenhum sentido. De forma contrária, Em Lógicas de Los Mundos, Badiou define:

> Nos es Mundo, dado em la logica de su aparecer-lo infinito de sus objetos y sus relaciones-, lo que induce la posibilidad de vivir. Si al menos la vida es otra cosa que la existencia. La induccion de tal posibilidad reposa sobre aquello que , em um mundo, constituye uma huella de lo que le advino bajo la forma de uma disposicion fulminante. O sea, la huella de um acontecimiento desvanecido.[97]

Ou seja, para ele, a verdadeira vida está presente. No capitalismo, há a mortificação pela estetização do mundo através do sistema econômico. Num mundo marcado pela abundância da oferta da mercadoria, suas modalidades que constroem imagens e paisagens universais. É como se na democracia fosse a abertura para o mundo que é possível somente na forma como já é, ou seja, é a estetização da vida cotidiana. Em toda parte, o real é reduzido à imagem. Esta universalização leva a padronização da arte ao universo consumista e o consumo é uma necessidade que apazigua a sensação de substituição das singularidades, na

---

[96] ARENDT, Hannah. Homens em Tempos Sombrios. Tradução de Denise Bottman, São Paulo, companhia das Letras, 2008.

[97] _____ Lógica de los Mundos. El Ser Y el Acontecimento, 2. 1. Ed. Buenos Aires: Manatial, 2008. Pag. 557

forma fungível em que o sujeito é constituído. Por outro lado, para refletir sobre a questão do unívoco que toma a vida no capitalismo:

> O nome do ser é a vida somente para aquele que não toma a vida como um dom ou um tesouro, ou como uma sobrevivência, mas como um pensamento que retorna ao ponto em que toda categoria entra em pane. Toda vida é nua. Toda vida é desnudamento, abandono das vestes, dos códigos e dos órgãos; não que nos dirijamos ao buraco negro niilista. Mas, ao contrário, para estarmos no ponto em que se trocam atualização e virtualização; para sermos um criador, isto é, o que Deleuze chama um "autômato purificado", uma superfície cada vez mais porosa à modalização impessoal do ser.[98]

Pode-se depreender-se disso, portanto que, o ser para a vida não deveria ser uma minoria militante que desperta do eterno sono niilista. Não é meramente por acaso que o evento é a necessidade de aposta no risco, e em certo ponto, da intuição para aquela reminiscência de afeto que leva sempre ao encontro, porque afinal, o amor existe, não há ceticismo apesar de que o processo de alienação no capitalismo origina a positivação na aposta do fracasso ou de forma controversa, em arriscar em nome do amor romântico para que a família reunida possa ser uma unidade de consumo. Assim, aventurar-se pelo amor no liberalismo é sucumbir às opressões e a exploração do trabalho doméstico da mulher. É importante tratar disso porque o amor e a política são condições do procedimento genérico no pensamento. Assim, enunciar-se nesta tarefa hercúlea é manter-se presa ao mesmo padrão de consumo:

> Eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não assalariado.
> Eles chamam de frigidez. Nós chamamos de absentismo.
> Cada aborto é um acidente de trabalho.
> Homossexualidade e heterossexualidade são ambas condições de trabalho… mas a homossexualidade é o controle operário da produção, não o fim do trabalho.
> Mais sorrisos? Mais dinheiro. Nada seria tão forte na destruição das capacidades curativas de um sorriso.

[98] _____ Da vida como nome do Ser. http://claudioulpiano.org.br/signos-deleuzeanos/alain-badiou-da-vida-como-nome-do-ser/. Consultado em setembro de 2017.

Neuroses, suicídios, dessexualização: doenças ocupacionais da dona de casa.[99]

É interessante pensar também que embora haja prescrição dos direitos humanos para as questões de gênero, a construção da subjetivação feminina tem outra problemática dentro do universo niilista. Diante desta exposição da sobrecarga de tarefas, é árduo não pensar que, na questão de gênero, o processo do ser da vida é ainda mais anulado e subjugado, não pela unificação dos dois na vida amorosa mas porque pela mitificação da mulher, é como se ela não tivesse a propensão ao pensamento abstrato como o homem e ficasse colada à modalidade concreta de pensamento.

Essa degeneração é "como resultante maior do seu limitado acesso à lei moral enquanto instância universal".[100] Ou seja, as políticas de gênero, na verdade, como representantes do estado de situação irão manter a condição de vítima da mulher, neste sentido, também incorporam esse universalismo e ainda mais grave, reproduzem a injunção de que não há como a mulher ocupar uma posição diversa que não a de vítima, já que não há como produzir uma nova subjetividade que não esteja conectada à finitude cotidiana e banal de suas tarefas, é como se o estado definisse que a sua multiplicidade foi um elemento da sua subjetividade sobrecarregada e não na composição de seu ser enquanto múltiplo, é a afirmação de que a disjunção separadora dos entes múltiplos e do todo não é e nem será uma realidade possível.

Desde sempre, o sítio eventural, no acontecimento, sempre vai desempenhar um papel crucial, o espaço vazio por onde a intuição pode alcançar, como mínimo residual do pensamento como algo no qual a aposta é tomada. Nestas políticas identitárias, o acontecimento também não pode estar vinculado à função que a justiça representa, como já foi dito, o estado não produz evento e a subjetividade legalizante é concebida como um modo de captura para igualdade política. Assim, ao mesmo tempo, é possível que a possibilidade de abertura para o novo não seja uma experiência impossível para qualquer pessoa. Aconteça o

[99] FEDERICI, Silvia. Salários Contra o Trabalho Doméstico. Disponível em https://autonomistablog.wordpress.com/2016/08/15/salarios-contra-o-trabalho-domestico-silvia-federici/. Consultado em setembro de 2017.

[100] BIRMAN, Joel. Gramáticas do Erotismo. A Femilidade e suas Formas de Subjetivação em Psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. Pag. 200.

que acontecer, primeiramente, o experimento diferente do risco está no âmbito do que não foi cooptado e está despossuído de um fato calculado.

A necessidade de correr este risco é que o resultado pode ser imprevisível e o conceito de uma verdade é pós-eventural. Por isso, a tese heideggeriana de uma co-pertença originária do ser e da verdade deve ser abandonada.[101] Esta virada ontológica ocorre por meio dos procedimentos genéricos da arte, do amor, da ciência e da política, pelas experiências dos processos de verdades generalizáveis. A priori este conjunto de elementos parece que limita a tomada de decisão pelo risco. É muito mais confortável se manter numa ética que se relaciona com todo mundo através de um enquadramento político esvaziado de dialeticidade.

É por isso que, primeiramente, o evento é indiscernível, porque rompe com o saber dado, a verdade não é, *ad-vem* a partir da suplementação do indecidível.[102] Neste sentido, a verdade apreendida em Badiou é uma ruptura com a ética vigente, também faz um buraco nos saberes prontos. O evento é um conhecimento originado pelo processo e também pela fidelidade ao acontecimento. Em busca do real, esse processo das verdades é que irá induzir o sujeito e o acaso é a matéria que o constitui porque o mesmo não é uma substância nem possui uma origem, conforme a nova teoria, aquela que se volta para o ser da vida.

[101] Op.cit. pag.279
[102] Op.cit. 307

2 O SUJEITO E O PROCESSO DA ÉTICA DAS VERDADES

2.1 O niilismo ético e as consequências para os direitos humanos

Conforme as motivações expostas nos capítulos anteriores, atualmente a ética dos direitos humanos representa a ideologia do estado democrático de direito e como tal se constitui como um valor programático de uma formalidade adquirida por um determinado status quo, um formalismo que declara a igualdade entre os homens a partir da origem. Para Badiou, esta ética niilista também é responsável pela colonização da política[103]. A partir da revolução francesa, há o marco dessa positivação dos direitos naturais e de um potencial igualitário, por outro lado, também há a universalização do paradigma da dimensão da liberdade consensual, cuja única liberdade consiste em ofertar a força de trabalho. Há também a cisão do sujeito a partir da declaração dos direitos universais, afinal um é o homem e o outro o cidadão. E o terceiro aspecto é quanto ao dogma da fraternidade, estes três valores democratas perpetuam uma dimensão ainda maior que seria a da alienação do cotidiano pelas relações sociais no capitalismo.

É preciso pensar na forma de habilitação deste sujeito universal para que ele não represente ser parte da generalização do mal absoluto e nem da categorização signatária de uma declaração universal. Foi em torno deste contexto que Badiou definiu ser fundamental a compreensão da tese em que os direitos humanos, embora tenham sido fundados com o intuito de proteger o outro através da relação com os direitos do mesmo, na política das diferenças, na realidade, impõe uma política estatal que reproduz as opressões através de um ideal salvacionista desse outro. Para ele, o sujeito não é uma substância, não é um vazio, não tem nem consciência e nem uma origem[104]. Porém, é preciso uma militância anti-humanista para que se alcance o processo das verdades.

---

[103] SAFATLE, Vladimir. De Que Filosofia do Acontecimento a Esquerda Precisa? https://revistacult.uol.com.br/home/de-que-filosofia-do-acontecimento-a-esquerda-precisa/. Consultado em novembro de 2017.

[104] Op. Cit. Pag. 44

Não há nenhum projeto político emancipador neste potencial humanitário alicerçado nas dimensões da democracia e a filosofia, parte deste pensamento, não anda mais descontente, faz as regras legais do jogo. Há quatro componentes da filosofia que revelam o outro desejo: a revolta que é o sentimento de insatisfação com o mundo, a lógica que revela a necessidade de uma razão coerente, o universal no sentido de recusa sobre o particular e o fechado, a aposta que é o gosto pelo risco. [105]O que se prolifera como ética é um pensamento totalitário enquanto deveria ser uma outra forma de construção, uma radicalidade direcionada ao processo das verdades subjetivas, porém, universalizáveis.

Em sua filosofia política, a ontologia do ser múltiplo refuta esta formalização e torna-se capaz de reinventar o desejo pela busca de um real e seu risco supranumerário além da potencialidade humanitária. Este capítulo aborda alguns aspectos contemporâneos que atingem toda a humanidade como a questão dos refugiados e do terrorismo de estado a partir de elementos reflexivos do seu pensamento filosófico. Em torno do arquétipo do mal, pois embora haja uma preocupação com o outro, no atual sistema político, permanece a impossibilidade de se alcançar o bem entre os povos. Tampouco a inclusão das minorias por cooptação, pois a questão é como o ser é universalidade e identificado justamente a partir das diferenças, o relativismo cultural é outra questão também levantada porque este todo-outro é o sujeito central do colonialismo, porém vai ser outro capítulo a parte.

Em primeiro lugar, esta ética niilista é uma manifestação sintomática do sistema econômico cuja racionalidade do mal se torna consensual a partir do pensamento difundido pela opinião pública. Seria o caso dos genocídios étnicos pela subalternização do pensar e produção de saberes do outro, este estranhamento que identifica o mal para discernir o que não é o bem. É preciso pensar o que está em jogo como proposta do valor universal que produz destruição em massa sob a ordem de subjugar este mal. Para este fim, haverá a ruptura com o pensamento democrático de que o universal é algo dado, o sujeito também, sendo o mesmo fruto dos direitos naturais.

O que deve prevalecer é o desejo pelo risco da imprevisibilidade consciente da necessidade de romper com as opressões que fluem como opiniões e que se originam a partir de

[105] Op.cit. p.12

universalidades, o bem e o mal, o bárbaro e o civilizado, o herói e o vilão. O vigilantismo do evento pelo estado também se caracteriza pelo controle em se evitar o risco deste acontecimento. Desta forma, o genocídio, por exemplo, que é um mal radical intrincado na expansão da política imperialista, deve ser objetivamente refutado porque com a reprodução desta ideologia ética niilista, não haverá a autodeterminação dos povos e muito menos a formação do sujeito pela constituição dos múltiplos. Com o prevalecimento e estímulo de individualismos, a máxima democrática é a revolta pela união de unos, assim as chances de abertura para o novo são identificadas pelo estado. É como repetir que assim caminha a humanidade, porém, não se sabe em qual direção.

É necessário mostrar a atualidade da problemática das relações constitutivas entre o regime democrático e a inexistência absoluta do amor pelas verdades que a sua teoria propõe como condição necessária para a construção de um humanismo alicerçado numa dialética positiva. Esta questão é mais complexa, na verdade, afinal, no que concerne à morte, essa democracia conforta o sujeito no ser mortal, o mínimo que vai acontecer é que ele vai recorrer à psicanálise cuja aproximação com a filosofia é a questão da verdade e como ela toca o real[106]. Ou em raras exceções, o ser ainda que se configure como um mortal, pode pensar na morte menos que qualquer outra coisa, ainda assim, esta idiossincrasia não é suficiente para torná-lo alguém que busque o real. É que na filosofia militante este é o meio para se alcançar a felicidade, não aquela originada pela necessidade de consumo.

No universalismo, o pensamento amplia-se à linguagem na modalidade já exposta sobre o logicismo da filosofia analítica, e no mundo homogeneizado pelo modo de produção de vida capitalista, onde o dinheiro é signo da divindade, como ser distinto do filósofo proselitista? Esta função é compatível com a demanda do capital, o intelectual hoje, quando também reduz seu pensamento ao estado, atende no mundo da produção, como auxiliar do processo de exploração central. Estes sujeitos acríticos funcionam como consultores das ciências sociais na maior naturalidade que possa parecer a gestão do capital, assim, é melhor cooptado por este sistema de pensamento. Também atuam no ramo da bioética, ramo da ética, para aniquilar ou diluir o valor

[106] O real de fato é uma expressão que o Badiou usa do Lacan

da dignidade humana, segundo o etnocentrismo. Quanto à profusão do niilismo, ratifica o discurso neo-malthusiano genocida que legitima o belicismo, através da política do inimigo.

Então existe o niilismo que é a perda de deus, seria expresso na frase de Ivan Karamazov, em Os Irmãos Karamazov personagem de Dostoievski: "Se Deus não existe, então tudo é permitido"[107]. Neste sentido, o niilismo significa que já que tudo é permitido fazer, então nada me importa. O puro hedonismo, ou seja, viver o máximo que puder porque não se sabe sobre o amanhã se configura como o sentimento contrário a vontade de fazer nada, porém a ação tem uma semelhança porque ambos significam isenção sobre a responsabilidade coletiva, com o outro, um porque quer extrair o máximo de prazer sem consequências já na anulação não há sequer amor próprio. No hedonismo também pode haver ainda a extração da dor através da sua extensão como obtenção do prazer sádico, neste caso, é preciso dessubjetivar o outro, aniquilar a sua autonomia naquele instante, torna-lo mero objeto do seu prazer. Todas estas relações têm fundamentos na falta de amor nas relações capitalistas. O corpo é visto como algo a ser explorado, tragado e ofertado como mercadoria.

Outra forma de exercício do niilismo ético é através da política imperialista e o discurso de ódio que implementa a campanha militar contra o todo outro e faz com que o genocídio do diferente seja simplesmente aceito como forma de eliminar o mal. Neste sentido, é que em um país como a França, berço da fraternidade universal, reproduz o racismo e por mais contraditório que pareça, apoia a guerra desde que faça uma aliança política de aniquilamento do todo outro. O laço expresso pela fraternidade é muito frágil, considerado por Badiou um axioma, nas palavras de Jean Birbau, que descreve muito bem como a figura do herói que irá salvar o mundo de todo o mal é bem retratado por Badiou no livro O século:

> Leremos neste livro de Badiou belas páginas dedicadas ao "axioma da fraternidade" e algumas linhas perturbadoras, em que a energia poética de Paul Celan converge com a dos ferroviários grevistas de 1995, opondo um imenso "Todos unidos! Todos unidos!" ao inverno glacial do cálculo egoísta. Mas, imediatamente, trespassa o gosto pela violência pura e desenfreada e até, além do

[107] Na literatura, citação do niilismo Russo, representado por Ivan Karamazov, personagem em Os Irmãos Karamazov de Dostoiévski: "*Se Deus não existe, então tudo é permitido*"

> bem do mal, o fascínio pelo "niilismo ativo, violento -ou mesmo terrorista- do século".[108]

A figura do salvador humanitário é o ideal de salvação que move o mundo contra as catástrofes humanas que ainda estão por vir, um futurismo alicerçado no fascismo da política de segurança, afinal, terrorismo é uma praga a ser combatida pelos seus próprios co-fundadores: o protagonista representado na figura do *direito do mesmo*[109], por um lado o homem branco ocidental civilizado e o direito do todo outro, ou seja, todo aquele que não é esse outro e que é o bárbaro. Se por um lado, há este niilismo passivo da vítima a espera da morte, há a outra face da moeda, o niilismo ativo, movido pelo ódio e a ira também cega e faz apenas se guiar pelo sentimento de vingança. Não é uma observação excessiva dizer que em muitos aspectos, o caldo entorna também contra o feiticeiro, porém o feitiço se espalha entre os que não têm o corpo fechado, parafraseando o ditado popular. Isto porque as políticas de segurança ao tentar aniquilar este outro, acaba também implantando o medo no próprio estado beligerante.

A indústria do medo mantém também o arsenal das empresas responsáveis pela vigilância e armamento. Como consequência, o próprio povo porta a dor psíquica gerado pelo temor da violência e da morte, então acaba se tornando um problema sistêmico e generalizado. Como em todo capitalismo, a dor também gera o lucro, é na exploração do medo que se mantém a necessidade constante do armistício interno, da dependência das drogas lícitas, do consumo de enlatados, do aumento do suicídio. Por isso é que prevalece a opinião pública, é preciso uma propaganda contra o sujeito bárbaro, uma forte ameaça à paz interna. Em entrevista ao Le Monde sobre o episódio referente ao atentado na Charlie Hebdo, ele diz o seguinte:

> Neste contexto desesperador montou-se uma espécie de peça histórica farsesca. Sobre a trama geral do “Ocidente”, pátria civilizada do capitalismo dominante, contra o “Islamismo”, símbolo do terrorismo sanguinário. Aparentemente teríamos, de um lado, os grupos de assassinos e indivíduos fortemente armados, acenando para garantir o perdão de Deus; e do outro, em nome dos direitos humanos e da democracia, selvagens expedições militares internacionais que

[108] A Depuração do Século. Publicada originalmente no Le monde e traduzida pela Folha de São Paulo. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2702200514.htm

[109] Referência a relação binária criada entre o padrão de um homem branco e civilizado e o outro bárbaro. Estas expressões vão ser melhor aprofundadas no capítulo sobre o relativismo cultural

> destroem Estados inteiros (Iugoslávia, Iraque, Líbia, Afeganistão, Sudão, Congo, Mali…), que fazem milhares de vítimas, que chegam para negociar com os bandidos mais corruptos em busca de poços, minas, recursos alimentares e enclaves onde as grandes empresas possam prosperar.[110]

A questão nevrálgica desta situação é que em nome deste niilismo ético, o nacionalismo e outros movimentos de direita vão se expandindo também e dilacerando cada vez mais as relações sociais, isto culmina no essencialismo dos movimentos identitários. Toda esta fragmentação na batalha pela identidade, por quem é um "nacional de verdade" e quem não é, a fiscalização da polícia aos refugiados, a condição de apátrida, a perseguição política de movimentos revolucionários. Inclusive no relatório do comissário para os direitos humanos do Conselho da Europa, divulgado em 2015, o país passou a figurar na lista dos que sofrem "deterioração da coesão social".[111] No mesmo relatório consta também um alto indício de antissemitismo e islamofobia, a ponto de ser o único país que, no ano de invasão de Israel em Gaza, proibiu manifestações a favor da Palestina.

Por outro lado, como a história é permeada pelas contradições, é percebido o quanto a universalização de valores tem um alto teor de superficialidade. Contra a própria utopia que é uma democracia no liberalismo, a fraternidade vai revelando como um discurso demagógico. Na própria comunidade francesa, as nacionais de origem étnicas variadas também são vistos com desconfiança ao mesmo tempo em que são explorados como mão de obra mais barata. E o fascismo faz suas vítimas internas também, não é só no expansionismo imperialista, no país que foi berço dos ideais democratas, pessoas de origem semita não só são discriminadas como também sofrem um "atentado reverso", têm suas casas e locais de trabalho atacados por nacionais que se consideram puros etnicamente. Toda esta dilaceração causada pela invenção do sujeito ativo e passivo no niilismo ético. A situação dos refugiados, por exemplo, é muito crítica:

> A banalização do discurso discriminatório na França em relação a certas minorias – a mais visada é a comunidade de franceses muçulmanos – na boca de diversos políticos franceses, de esquerda como de direita e de extrema-direita, foi apontada pelo comissário de Direitos Humanos do Conselho da Europa como

[110] Sobre o atentado em Paris. Disponível em https://blogdaboitempo.com.br/2015/02/04/o-vermelho-e-o-tricolor-alain-badiou-sobre-o-charlie-hebdo/

[111] Fonte: https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Racismo-em-alta-mancha-reputacao-da-Franca/5/32906

> altamente preocupante. Segundo ele, esse tipo de linguagem envia um sinal à polícia, aos funcionários e aos cidadãos de que o discurso racista pode ser assimilado pela sociedade. Os policiais são frequentemente acusados de violência no tratamento com migrantes, vindos do mundo inteiro, que vivem ilegalmente em Calais, na esperança de atravessar o canal para chegar à Inglaterra.[112]

As diferentes etapas desde processo crucial de descoberta do aumento do fascismo ocorreram também nos países periféricos porque o capitalismo é sim um mal sistêmico. A militância anti-humanista proposta pelo filósofo é justamente uma opção alternativa à exploração das diferenças e o universalismo pelo apagamento das singularidades. Desde então é preciso propagar pelo processo das verdades em todas as suas redescobertas inclusive nos avanços da própria ciência enquanto conhecimento, bem coletivo e não como um saber apropriado.

De que adianta a descoberta da cura de um mal se ele vai servir a uma potência ou na melhor das hipóteses, ser distribuído de forma racionalizada pelos servidores das questões humanitárias nesta subserviência à economia. De imediato do que adiantaria os avanços da psiquiatria se ela continua a servir também como gestão da dor e ainda manter na classe média seus profissionais? Nas crises, tais filósofos, sociólogos e médicos ganham muito mais lucro. Em nome deste niilismo ativo representado na figura do herói, a própria ONU, fundada sob o princípio da proteção universal dos direitos humanos não desobedece a própria lei para proteger os humanos. Afinal direitos humanos para quem? É sempre uma pergunta que vai levar a uma contradição. Segundo Débora, uma psicóloga a serviço do Médico Sem Fronteiras, sobre a sua atuação em países que sofrem algum tipo de calamidade:

> Onde está a vida possível naquele que morre talvez seja a questão que atravesse os tantos mundos que ela e os demais MSF alcançam. Mas a dor permanente é que não é possível interromper o ciclo de horrores enquanto a maioria não estiver disposta a enxergar os invisibilizados do mundo. Porque não é que sejam invisíveis, é que os tornamos invisíveis para o nosso conforto. E as vezes tudo o que homens e mulheres como débora podem fazer é superar as fronteiras para se assegurarem de que não estejam sós na hora da morte...[113]

[112] Entrevista op. Cit. Referência nota 101.
[113] NOAL, Débora. O Humano do Mundo. Diário de uma psicóloga sem fronteiras. Editora responsável: Tainã Brito. São Paulo, 2017.

Existe aqui ética niilista de exploração da dor para manter o humano na sua condição animal de vítima. Neste sentido, a invisibilidade de alguns parece uma condição predestinada, como se as pessoas não vivenciassem uma situação na qual há exploradores e explorados. Talvez por uma questão de alívio de consciência, alguns profissionais se joguem nesta jornada, enquanto outros acham que enfrentam a morte por conta do seu humanismo interfronteiras.

Assim tudo o que se pode reforçar é que uns nascem para a vida inclusive em condições materiais de praticar uma caridade ao outro, que não tem a menor chance contra a morte e seu único momento de humanização, ou seja, de estar na condição de direito do mesmo é quando se torna universal equivalente pelo maior equalizador que se ouve falar (antes ou depois da moeda?): a própria morte. No entanto, ao contrário do que foi dito aqui, toda pessoa e isto também serve para o animal que vai ser abatido, a luta é pela vida, ninguém quer morrer a não ser quem já está se sente entregue e então é uma condição niilista esta falta de vontade pela vida, ou seja, é uma exceção e não a regra, como na teoria do ser para a morte. Nas palavras de Badiou:

> Bem, podemos dizer que niilismo é a subjetivação negativa da finitude; é fundamentalmente a consciência organizada ou anárquica (ambas são possíveis) de que, porque iremos morrer, nada importa. A figura mais clássica do niilismo é a declaração de que tudo é sem valor, sem simbolização e insustentável frente à morte. É uma equalização da totalidade de tudo que poderia ser valorizado, diante da radical finitude ontológica que a morte representa. Essa questão da relação entre niilismo e valores é, como se sabe, a questão central da filosofia de Nietzsche, que toma este tema do niilismo para fazer um diagnóstico muito importante, bem como seu uso crítico.[114]

Em decorrência disso, pode -se deduzir que, segundo Badiou, que o niilismo é total, se assim se pode afirmar sem ser uma contradição, quando não se considera morrer também no apagamento das diferenças porque não se considera a produção de nenhuma verdade relacionada ao ser múltiplo, é como morrer em vida e o suicídio se torna um ato de coragem. Por ocasião, os direitos humanos podem ser culturalmente relativos? As marcas desta pergunta estão presentes em diversas questões concernentes a ponderação de valores democráticos, como por exemplo, não

[114] Entrevista sobre a morte já citada.

receber refugiados porque o país em questão pode sofrer uma recessão econômica ainda que no passado este tivesse sido o colonizador. O que acontece então quando um refugiado não consegue a porta de entrada e também não tem como retornar ao seu lugar de origem? Da mesma forma é submeter os ciganos a expulsão compulsória do território com auxílio da polícia. O conflito é algo positivo na luta de classes porque uma exclusão aguda gera revolta, porém, nesta situação, é um genocídio ou apagamento das diferenças.

Com relação ao niilismo no relativismo cultural, ao pensar que, embora haja políticas identitárias progressistas, a questão está na imposição da aceitação do todo outro a partir da própria imagem do direito do mesmo como se não houvesse imposição de uma violência inerente no próprio estado democrático de direito. Além disto, a imposição da aceitação é feita mediante a reprodução das opressões e no famigerado lema, incluir por exclusão. Se o imaginário social é republicano, é um verdadeiro calcanhar de Aquiles aceitar como semelhante a pessoa com outras subjetivações próprias do islamismo, por exemplo. No feminismo, por exemplo, a pluralização de identidades a partir da identificação provoca muitas outras porque as identidades são relacionais e totalmente normatizadas pelo estado. Quem não se enquadra na política pública que a determinou vai permanecer na exclusão, seria a mesma situação de um apátrida. De certa forma, a alienação é uma garantia de conforto para que não se deseje nada, apenas deixar que a vida siga seu fluxo natural.

Se o direito deixar de retratar a ficção jurídica, o filósofo a pós- metafisica e o a democracia como melhor regime, parece que também vai resultar num enorme vazio, é melhor continuar a não pensar em nada além das questões relacionadas à sobrevivência. Então a morte é um prêmio, o retorno ao infinito. A totalidade deste infinito é a junção deste finito com o infinito quando a vida acaba, ou seja, a estrada finda. Estes são os elementos de representação, justiça e alteridade juntos em uma discussão sobre ética. Mas este finito também enquanto se vive é o ser uno do todo outro relativizado pelas diferenças culturais porque não lhe cabe nenhum espaço no mundo. Nem terra, nem pátria, apenas seu corpo escravizado e entregue ao mercado de trabalho. Não há nenhuma diferença entre superar um tipo de niilismo pelo outro, o da morte divina e o do apagamento em vida porque mais cedo ou mais tarde um vai ser tomado pelo todo outro.

Estes remanejamentos cruciais apenas se reordenam de tempos em tempos e em alguns períodos históricos explanam de forma violenta a luta de classes na democracia, na forma do bom mocismo e o vilanismo. Como no caso do genocídio indiano enquanto a Índia era uma colônia britânica:

> Winston Churchill, the hallowed British War prime minister who saved Europe from a monster like Hitler was disturbingly callous about the roaring famine that was swallowing Bengal's population. He casually diverted the supplies of medical aid and food that was being dispatched to the starving victims to the already well supplied soldiers of Europe. When entreated upon, he said, "Famine or no famine, Indians will breed like rabbits." The Delhi Government sent a telegram to him painting a picture of the horrible devastation and the number of people who had died. His only response was, "Then why hasn't Gandhi died yet?"[115]

A ética niilista que esvazia a política: não há empatia nem por Gandhi, líder democrata, o nazismo foi considerado um mal radical, um parâmetro para o período que sucedeu a segunda guerra mundial, outras questões eram males menores. Por isso, era possível pensar que as mortes durante este período selavam apenas o destino e a condição vitimária daquelas pessoas, a morte causa a sensação de que muitos se foram, porém, muitos outros virão, no final, são substituíveis, não há singularidades, nem nenhum ato de criação que os preserve na eternidade assim como há na originalidade artística, pode-se executar uma obra após muitos anos em que o autor já não existe mais. O que são centenas e centenas de anos, quando esses podem ser apagados em um instante?" (Bosseut)[116]. É claro que estas tragédias vão se multiplicar ao longo da história, estas repetições

[115] Winston Churchill, o primeiro ministro da Guerra Britânica, que salvou a Europa de um monstro como Hitler, era perturbadoramente insensível com a fome rindo que estava engolindo a população de Bengala. Ele desviou casualmente os suprimentos de assistência médica e comida que estava sendo despachado para as vítimas famintas dos já bem abastecidos soldados da Europa. Quando implorada, ele disse: "Fome ou sem fome, os índios vão se reproduzir como coelhos". O governo de Deli enviou um telegrama para pintar uma imagem da horrível devastação e do número de pessoas que morreram. Sua única resposta foi: "Então por que Gandhi ainda não morreu?"Fonte: https://yourstory.com/2014/08/bengal-famine-genocide/

[116] Op. Cit. Entrevista Abaixo à Morte

que tendem ao infinito são características do imperialismo e parte do processo civilizatório. Só que o sujeito constituído pelo ser uno vai se repetir apenas na busca de sentido, na banalidade das coisas cotidianas, em busca de uma unidade, como no mito de Sísifo. É muito insólito uma pluralidade de pessoas que ainda vivem no mundo como animais biológicos, mas possuem menos direitos que os próprios cães, em analogia a ética do bem-estar animal.

Uma das críticas referentes a Badiou é que ele não trata da questão econômica, ou seja, da centralidade da ação no capitalismo, no qual as práticas sociais atuam modulando a sociedade, tudo devidamente estruturado pelo livro o Capital. Porém, esta é apenas uma verdade absoluta, e como tal é contestada; ou seja, é mais um saber instituído que passará pelo processo das verdades. Nas próprias palavras do autor: "quando se trata de niilismo na ética, se quer dizer que ela é serva da necessidade e o nome moderno da necessidade é, como sabemos, "economia". A objetividade econômica -que devemos chamar por seu nome: a lógica do capital."[117]A anarquia de mercado juntamente com a política parlamentar esvaziada é que são responsáveis pelas tragédias genocidas.

Os direitos humanos não são universais e imprescritíveis como constam na declaração francesa. Eles são parte de um senso moral que impõe os princípios éticos da gestão da dor e da finitude da vítima. Nesta relação binária, atualmente, seria possível optar entre ser este sujeito que apazigua a morte através da caridade ou participando ativamente com as mãos sujas de sangue ou sendo a reprodução da própria subjetivação da finitude imanente. No entanto, apenas declarando querer aquilo que o conservadorismo decreta ser impossível e afirmando as verdades contra o desejo do nada é que nos afastamos do niilismo.[118] É preciso agir ao acaso e com fidelidade às próprias experiências, assim é possível estar atento à originalidade da abertura ao novo, sempre impossuído.

2.2 O relativismo cultural e a construção do outro

[117] Op.cit. pag. 40
[118] Op.cit. pag.46

Para começar, em Badiou, não há o todo o outro, este é um pensamento conservador, este todo é uma ontoteologia que reafirma a continuidade da tese heideggeriana, na qual o esquecimento do ser é fomentado para se destinar ao fim poético, na adaptação de Lévinas, não há poema, há remissão a infinitude do ser ao ente supremo infinito, teoricamente não deixa de ser uma bela transcendentalidade. Conforme já foi dito, o ser é repleto de uma alteridade infinita, esta afirmação é uma refutação da teoria do relativismo cultural que prevalece em favor de uma democracia universal que se afirmar neste âmbito das categorias identitárias pelos direitos humanos. O começo da Totalidade e infinito de Lévinas é uma comparação da guerra como a arte de vencer a todos através da política.[119]Neste sentido que é necessário também não aceitar a ética niilista como política de estado democrático, pois se trata da ideologia em sentido totalitário no qual o bem é a capacidade de reconhecer o mal através do outro, o diferente, através de seus traços e cujo fim é o retorno ao todo ou enquanto finito estar em paz.

Quando Lévinas trata do traço, melhor, do reconhecimento pelo rosto, é no sentido literal, o rosto como expressão do reconhecimento, é lógico que assim se prescinde da experiência. O conservadorismo é porque se vive sob um regime que estimula o individualismo e a competitividade, assim o ego e o seu totalitarismo se tornam uma questão de possibilidade de realização da justiça cujo objetivo é a pacificação entre o mesmo e o outro. Porém, o que reina é a injustiça numa economia que se perfaz de universais pré-estabelecidos. Isso introduz a problemática do outro e o reconhecimento do mesmo pelo rosto. Além disso, Lévinas retoma a origem ao que ele estabelece como ponto de partida do ente supremo infinito e mantém a ideia de que o indivíduo tem participação da realidade, como Platão dizia, em relação à totalidade social, porém, é parte do todo chamado deus. Lévinas então ao tratar de injustiça prescreve que a abertura ao verdadeiro significa este estado de guerra. Ele cita Lacan para afinar-se na remissão do reconhecimento do outro através da linguagem como espelho[120],porém, a sua prática torna-se anti-humanista, na clínica, a partir do momento em que ele diz que o sujeito não é uma criação histórica e sim constituído a partir do outro pela linguagem e pelo desejo, é a fala o depósito de reconhecimento neste outro. A questão é pensar que a determinação pelo mal deixa o homem numa postura negativa, numa subjetivação finita em estado permanente de alienação, Lévinas não fala

[119] LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Tradução de José Pinto pinheiro. Edições 70, Portugal, 1980.
[120] Citado por Badiou no livro Ética, a referência ao Lacan é em relação ao livro o estádio do espelho, pin ecris, seuil, 1966. pag32

do mal, porém, a sua literatura é em parte influenciada pelo deus todo poderoso, com origem hebraica.

O pensamento deste ser é afetado pela seguinte consciência: é preciso entender o quão animais somos pela finitude, pela provisoriedade, é ela que nos faz lembrar que o retorno é a este todo outro, esta é uma máxima do niilismo. É então uma elucidação do movimento pelo qual um ser existente mantém a existência porque representa a infinitude bíblica[121]. No capítulo anterior do trabalho, já foi dito que niilismo é esta vontade de retorno ao nada, e em Lévinas, a identidade por subjetivação é uma boa formação num estado de paz, ele diz que a política é uma questão moral. Talvez neste ponto, ele se afasta um pouco da imagem de deus como o todo-poderoso que em nome da paz entre os povos, se for necessário aos seus escolhidos, promete guerras.

Como falar de um universalismo do todo outro sem questionar a influência nas relações oriundas da ética das diferenças. O mesmo e a Mesma nas relações culturais que são remetidas a uma relação metafísica cujo real baseia-se na diferença entre os sexos, onde o feminino é considerado uma dimensão do ser subjetivo. Lévinas discute que o feminino tem uma "significação categorial" e não deve ser pensamento em termos de categorias biológicas ou sociologicamente determinadas. (Lévinas, 2009, p.98) No entanto, para Lévinas, o outro feminino é encontrado numa espécie de morada do ser (em Heidegger a morada do ser é a linguagem) uma espécie de exílio contra a guerra , essa outra é a que questiona o direito do outro de ser e assim introduz uma dimensão ética no outro de acordo com a teologia do infinito. Esta á a forma da ontoteologia trazer o binarismo de gênero para a discussão (Lévinas, 2009, p.98). o campo da diferença é marcado ontologicamente pelo bom exercício do altruísmo. Através da totalidade, Lévinas também descreve a alteridade no trabalho, afirmando que a transcendência não é uma negatividade, a negatividade é um sentimento de um mundo insatisfeito com a sua morada, diga-se de passagem, finitude no mundo. Ele fala que a resistência ao trabalho está dentro do mesmo (Lévinas, 1980, p.28). Nesta fenomenologia, a alteridade feminina é considerada o outro por excelência, mas o problema é que se remete a uma totalidade, a alteridade é alicerçada numa imagem e semelhança de deus.

[121] EMMANUEL, Levinas. Ethics, Justice and the Human beyond Being. Sidney University, 2009. Pag.9

A principal preocupação que impera na alteridade feminina é uma imaginação de como a natureza de forma idílica se diferencia pela estrutura da totalidade social, nas relações sociais, sem pensar na reparação pelas distorções numa cultura de gênero. Como distinguir nesta metafísica que prescinde do processo através da experiência se a alteridade feminina não é construída a partir do tête-à-tête e com o pensamento voltado à totalidade e a cara devotada ao infinito. O Outro é uma crítica da concepção platônica do amor que fornece um fundamento unificador e o princípio da totalidade social (Lévinas, 2009, p.99). Essa ideologização pela totalidade e através dela a regulação pelo direito do mesmo e do outro não permite o acesso às singularizações pela experiência, todo o tempo o vazio é sempre o universal e as ações tornam-se previsíveis, esta condição animal faz com que o homem use o desejo para ampliar as necessidades de consumo porque tudo lhe parece fungível, a ideia é que o ciclo de repetições ao longo da vida serão envoltas numa monomania que em breve será realocada para o todo outro quando o mesmo e já for ausente.

Em muitos aspectos, estas questões da banalização do controle do desejo pelo bem do outro por processo de tais verdades tem resultados bem pontuais nos direitos humanos, como por exemplo, pode uma comissão de ética no parlamento agir contra a vontade popular, como a ética médica permite que um médico não tenha condições materiais de trabalhar num hospital público a ponto de ter que escolher dentre os que podem ser salvos ou não, como pode um país bélico enviar tropas com armas químicas para um outro estado e depois pedir auxílio humanitário se que isto de fato provoque alguma indignação pela falta de humanidade?

São estas questões que Badiou define como gestão pelo bem viver que nada mais seria do que a legitimidade para a ingerência de um estado totalitário sobre outro. De acordo com Lévinas, o sujeito individual é ser um cujo trabalho sela o destino sobre o sujeito, apesar de permanecer livre na sua vontade, porém, a realização da injustiça, afirma, é o momento da limitação desta liberdade, nesta concepção contratualista do pacto entre os homens e o ajuste de contas perante o ente supremo infinito.

Além disso, a metafísica precede a ontologia assim como, em Badiou a multiplicidade precede o Uno, nele, o desejo metafísico precede o ser, mais fundamentalmente, o que ocorre é que este desejo delimitado moralmente no todo faz com que o encontro e o respeito que é um choque, seja amortecido (Lévinas, 1980.p. 30), assim, não só diferem pelo aparecimento de virtude com propriedades distintivas porque há este apaziguamento. Lévinas idealizou discurso ôntico (ente

supremo infinito) que não apenas detalha as relações entre entidades do vivo, mas tenta elucidar a hipótese as identidades se ajustam entre si. Em outro ponto, aproxima-se de Heidegger na abertura do ser pelo tempo, dentro do qual os entes podem tomar alguma forma de posição desde que limitada pela justiça do pensamento centrado no ente infinito. Porém, para um ser tornar-se aberto é preciso esperar do mesmo uma visão crítica. Um ser existe em sua permanência através da relação com a existência que assume a paz como desejo.

Neste sentido, quantas leis permitem a flexibilização de direitos humanos em nome de uma política autoritária em nome da paz? Qual seria o fundamento existencial para as relações que definem o eu e o outro mas que com a aparência de uma relação de reciprocidade na verdade apenas reproduzem as opressões mas o auxílio fundamental da opinião pública. Quando as atrocidades são cometidas por uma imposição do mais forte, não há a responsabilização coletiva e esta também é uma característica da universalidade dos direitos humanos, afinal, o diferente leva ao estranhamento. O Ser não é puro desejo nem uma substância; mas no infinito, é o verbo que designa um evento. A separação de entidades em ser com desejo metafísico no mundo e os seres que estão dentro do mundo aptos a uma multiplicidade é que caracteriza também a oposição entre Lévinas e Badiou.

Por exemplo, esta oposição entre a metafísica e a refutação do materialismo dialético da democracia em relação à construção das alteridades por ser exemplificada. Houve em Ciudad Juarez, no México, o caso conhecido como mortas de Juarez, onde o número de mulheres assassinadas aumentou depois da entrada de multinacionais terceirizadas no estado, a partir de 1993. De acordo com a ONU, tais mulheres sofreram crime de ódio pela submissão de gênero, pois a maioria das vítimas era composta por mulheres jovens e pobres que se lançaram na jornada de trabalho para melhorar as condições de vida. Segundo a comissão dos direitos humanos, o estado mexicano foi responsabilizado por negligenciar as provas, pelas omissões resultantes da cultura machista. Este seria um bom exemplo de como na prática funciona a ética regida pelos direitos humanos, na verdade, não houve nenhuma mudança significativa nem atuação diferencial da comissão, o caso teve repercussão mundial, mas sob um viés midiático e com teor de espetáculo.

De fato, fica evidente que a existência de tais direitos do homem e mulher mortais apenas existem para cumprir uma ordem burocrática e para aliviar a consciência dos que se sentem

privados de fazer algo diferencial, a estes falta uma pulsão militante. Da influência do reconhecimento pelo traço, para o padrão de justiça esta fórmula é derivada de uma simples comparação entre os indivíduos e depois é universalizada. Este direito do mesmo é democraticamente governado pela lei do desejo metafísico último adaptado à objetividade e à impessoalidade.

Após tal abordagem é necessário apostar na rejeição da abordagem ética fundada na gestação do viver contra a impossibilidade da morte, em nenhum momento vai se dizer que é possível desviar da finitude, mas por outro lado, é interessante esquecer a memória que se tem dela e ampliar o pensamento para sair deste niilismo, porque apesar desta afirmação negativa, o niilismo é uma disposição para este mal, um conservadorismo que mantém o desejo na fixação do consumo, afinal o ser uno vai pensar a vida toda na consumação do seu destino e o medo é uma constante que perfaz a rigidez desta política gestionária da democracia. Desta forma que, para o marxismo, explorar a natureza é no âmbito do domínio da técnica e a socialização pelo trabalho, em Lévinas, a relação do indivíduo e o todo social pelo trabalho, resulta na diferença entre a objetividade e a transcendência do que se entende por trabalho, um é a dominação ideológica e no outro, o meio de se alcançar a paz (op.cit. p.36). A relação com a alteridade também teria que levar em conta a questão da reprodução das opressões da justiça porque esta é o reflexo das desigualdades, mas ele não faz a crítica do amor ao ego no capitalismo.

Outra questão exorbitante entre ambos é que o real, como foi dito em Badiou, é uma busca constante do ser que é pelo desejo de revolta e necessidade de correr o risco. Como já foi dito, o amor é uma condição política do pensamento. Porém, se o homem, quando vai em busca do real, no encontro amoroso, em Lévinas, ele se mantém numa solidão extrema que só pode ser preenchida pelo ente infinito. Por um lado, isso poderia visto positivamente na recusa em se tornar dependente de uma relação mas não é. Conforme já foi mencionado, pela imagem do ente infinito é que se pode induzir a alteridade feminina, esta é uma questão séria para ser ponderada nesta ética das diferenças e o seu significado representa um processo de autoafirmação pela vida que não é necessariamente o que vai leva-lo ao acontecimento porque, além da fidelidade , que é manter-se na continuidade pela perseverança, há outros fatores que serão ditos mais adiante, mas é preciso um pensamento positivo , uma disposição para o bem. Como o próprio materialismo histórico prescreve, não há como apagar as contradições, elas são necessárias, são matéria de vida e a

formação pelo acaso é a matéria do sujeito, assim Badiou nega que o sujeito seja constituído previamente pela substância, no sentido aristotélico. No entanto, pelo materialismo democrático como apresentação da ideologia dominante apaga as diferenças reais e se mantém através de seus herdeiros niilistas:

> Es también el deseo especulativo de lo mejor que hay em la herencia heideggeriana: guardar prácticamente, em el conciliábulo de los escritos donde permanece la cuestión, la posibilidad de um retorno. No obstante, dado que este mantenimiento, por el cual se espera que no sean abolidos los fastos intelectuales y existenciales del passado, no tiene ninguna posibilidad de ser efectivo, no podría convenir para la creacón de un concepto para el tempo que viene. El combate de las nostalgias, a menudo dirigido como uma guerra contra la decadência, además de oferecer una imagem ýa en Nietzsche-marcial y crítica, tiene algo de deliciosamente amargo. Pero ya está perdido desde siempre. (Badiou, A. 2008, p. 19)

A partir desta citação é possível entender que se na antiguidade grega, a ética era o alcance de virtude, hoje, pela complexidade colonial apresentada pela ética das diferenças, é fundamental que se converta de uma imposição pela universidade a uma abertura pela experiência, é preciso parar de pensar que o tempo está contra o ser e que o outro socializado também pelo trabalho não é apenas para ser pensado como uma expressão ou efeito de um explorador da força de trabalho, que a guerra é uma questão moral na política mas, em Badiou, continua ser a velha máxima nem guerra entre os povos, nem paz entre as classes. Para contestas também a influência da tese heideggeriana, esta é a ontologia da presença, também o ser deve ser entendido o que tem consciência da possessão, isto é, como a presença e não a ausência. Para Lévinas, esta é uma economia de injustiça que não é reconhecida, o diferente não é aquilo que o mal não define ser nem que a vida se realiza apenas na transcendentalidade ao retorno do mesmo, o infinito místico apregoado pelo radicalismo ético.[122] Em outras palavras, esquematicamente: Lévinas afirma que, cativa de sua origem grega, a metafísica subordinou o pensamento à logica do mesmo, ao primado da substância

[122] LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Trata-se de sua obra fundamental.

e da identidade.[123] O universalismo pela moeda universal é também a conta por um do estado , a economia representa o momento produtivo que está alienado pelo desejo metafísico.

No entanto, o valor é que traz a paz a moeda universal é que estabelece a igualdade. Embora Marx evidencie no capital que a mistificação das relações se dá pelo fetichismo da mercadoria, a metafísica reside nestas relações e não no sujeito, como prescreve esta ética das diferenças.

Porém, a questão é que apesar da aparente dialética, a identidade não remete ao outro, de imediato, porque o eu na figura do outro seria um espelho narcísico, e portanto refletiria a imperfeição que impossibilita reconhecer o outro, porque se há uma diferença que faz com que a linguagem seja o fato que possibilite a coexistência, afinal , neste sentido, o homem é um animal bem adaptado, na falta de um aparelho fonador específico, ele utiliza o próprio sistema respiratório para ultrapassar a barreira da incomunicabilidade, como dizem os gregos, o homem é um animal político. Por outro lado, também não há liberdade para escolher o ente supremo e a condição em que a totalidade toma forma. A vontade se submete ao ente infinito. Este é um mundo que a Lévinas define por um absoluto, mas continua a ser uma multiplicidade entre os indivíduos.

Entre a concepção em que o ego alcança o Outro em puro respeito (baseado em empatia e amor) é um reconhecimento que nos converte numa singularização voltada ao conceito homem, onde um indivíduo é o narcisismo (eu me deleito na exterioridade do outro enquanto eu mesmo visível a mim mesmo) e a agressividade (invisto sobre o outro minha própria pulsão de morte, meu desejo arcaico de autodestruição) (Badiou, 1995, p.32). Desta forma, a extensão desse conceito está sujeita à legislação de uma racionalidade da situação que legitima a totalidade como uma universalização deste ego narcísico que, na prática, não possui nenhuma unidade com o outro e seus direitos, mas em relação a uns com os outros desde que o outro pareça ele mesmo. Os sujeitos da relação intersubjetiva devem manter ambos uma distância em relação a esta totalidade, enquanto vivos, o que é um espelho com os reflexos em relação a si mesmo. Para se proteger da morte e esquecer das guerras, o homem se volta para o trabalho e constrói seus abrigos. Ele realiza sob a forma de alienação, as transações da mercadoria em seu cotidiano, ao mesmo tempo que na moradia, pode pensar em efetivar a sua caridade ou como construir relações sólidas a partir da

[123] Op.cit. pag. 29

conquista dos direitos do outro, tudo o que foi positivado pela subjetivação legal. No entanto, nenhum pensamento que se presume afetar pelo evento pode ser tão estático e voltado para uma moralidade humanitária e ao mesmo tempo encontrar esta paz.

A infinitude é este caminho de abertura à alteridade e o sujeito regido pelo risco e matéria do acaso é a relação dialética que perpassa o processo das verdades singularizáveis. afirma-se que objetivar, isto é, constituir, tornar algo um objeto, é uma prerrogativa da subjetividade. A consciência reflexiva de si ou a autorreflexão seria uma auto objetivação (2009, op.cit.) que comporta, em si a apreensão do outro pelo respeito às diferenças ainda que na imagem do sujeito universal e que serve como modelo paradigma do materialismo democrático que representa o apagamento automático das singularizações? Lévinas diz que a ética é justiça sem esclarecer que é uma redução de um para o outro, mas que a multiplicidade é irredutível na relação ética da perseverança como resposta ao outro que é singular mas infinito desde a vida, a teoria da ética das diferenças é uma declaração de toda uma humanidade possível sem o processo de singularização das verdades.

Entretanto, o fato de que a ética seja o nome último do religioso como tal (daquilo que re-liga ao Outro sob a autoridade indizível do todo outro) afasta-a mais completamente de tudo o que se pode supor sob o nome de "filosofia"(idem, p.33).Este projeto transcendental e idealista da filosofia do sujeito e da consciência de si se encerra literalmente no ego. Sempre se reproduz a imagem da resignação da muçulmana, da inconveniência do imigrante, do estrangeiro, do latino, embora todos sejam uma mão de obra mais barata, há que se destacar essa superficialidade. Acima de tudo, há o reconhecimento do mesmo e isto não é realização de justiça, como define a vontade da ética das diferenças tão presente na filosofia moderna, , manifesta na mediação dos conflitos como prenúncio de uma verdade que ela revela, em seu embasamento teórico essencialista, cuja propaganda de um estado de guerra e conflito estabelecido como moralidade política só pode reafirmar a condição vitimária do sujeito dos direitos humanos em sua eterna vontade de retorno ao destino final:

> A intencionalidade trazia a ideia nova de uma saída de si, acontecimento primordial que condicionava todos os outros, não podendo ser interpretado por qualquer movimento mais profundo e mais interno da Alma. Esta transcendência

> prevalecia mesmo sobre a consciência de si. No primeiro contato com o filosofo matemático Husserl só contava essa abertura, essa presença no mundo na rua e nas estradas e essa revelação de que em breve se iria falar.[124]

Em Badiou, a questão é como reconhecer no outro, o primado da identidade deste sujeito, a partir da ideologia do direito à diferença, no catecismo contemporâneo da boa vontade com respeito às outras culturas (op.cit. 31). Se a ética que representa o sujeito a partir do mal, de uma abstração cujo padrão é o homem branco, ocidental e com outras características afim que o impõem somente pelo que ele é a partir de sua origem classista, porque a ideologia dominante cumpre sua tarefa de dominação a partir do momento que relativiza toda experiência em nome da unicidade deste ser. E esta consciência religiosa que, em nome da verdade, proíbe a pessoa de interpretar os fenômenos se não for dentro do moralismo cristão e a política é que se torna uma questão moral.

Seu objetivo é a coexistência tranquila entre todas as comunidades mundiais. Então se perpetua a disciplina de proclamar a verdade também como prova da bondade de Deus. Segundo Badiou, é preciso, portanto, girar o pensamento em direção a uma origem diferente, uma origem não grega, que propõe uma abertura radical a primeira ao outro, ontologicamente anterior à construção da identidade. (idem, pag. 31) Todos esses argumentos, tomados juntos, constituíram claramente uma batalha contra a metafísica mais dominante que permeou o pensamento moderno. Essa novo agir crítico da filosofia das diferenças, que se manifesta em um modo que parece depender de uma paz profunda com o todo onisciente, a consciência é uma resposta a unificação em deus, somente assim surge o diálogo entre o mesmo e o outro.

Assim se desvelam as origens da intersubjetividade vivida entre este colonial e o seu colonizado, entre o bárbaro e o civilizado, entre o homem e a mulher. Levinas utiliza boas expressões para isso ao afirmar que a responsabilidade é a experiência afetiva e imediata de "transcendência" e "fraternidade"(Lévinas, 2009. p.99). A experiência do niilismo com todas as suas manifestações que se assemelham a uma doença crônica. Além disso, emana intuitivamente um acordo vinculante que toma a forma de niilismo total porque tem a habilidade de curar a

[124] LÉVINAS, Emmanuel. (1967), En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger. Paris, Vrin.

doença crônica do isolamento e falta de entendimento milagrosamente se a experiência do contato mas pressupondo o reconhecimento pelo traço.

Do ponto de vista do respeito ao direito do mesmo e do outro, a situação no domínio da filosofia se reduz ao desejo metafísico e ao ordenamento dessa moral. Lévinas propõe a existência de um pelo outro através da influência do que ele denomina de lei, e neste sentido, é a de origem judaica. No capítulo anterior, houve uma exposição das ideias que foram trazidas pelo apóstolo Paulo, no que diz respeito ao universalismo cristão e a sua relação da transformação da lei pelo amor, só que no sentido retomado por Lévinas, a posição do outro a partir de determinados traços muda radicalmente a questão da abertura pelo amor, no capítulo de Paulo contra a lei, esta característica é fundamentada desta forma:

> Porém, de onde procede que é necessário renegar a lei no que diz respeito à morte? É que considerada em sua particularidade, ou seja, as obras que ela prescreve, ela cria uma barreira para que o destino universal da graça seja subjetivado como convicção pura ou pela fé. A lei "objetiva" a salvação e proíbe que ela seja atribuída á gratuidade do acontecimento Cristo. Em Rm. 3.27 ess., Paulo indica claramente o que está em questão, que é exatamente a ligação essencial entre acontecimento e universalidade, por tratar-se do Um, ou mais simplesmente, de uma verdade (idem, 2009, p.89).

Ou seja, foi a graça pelo acontecimento do sacrifício em Cristo que passa a cativar os fiéis e os salva do pecado e da morte, visto até mesmo a intangibilidade dos dez mandamentos. A fidelidade no acontecimento em cristo ocorre a partir do sacrifício do outro, a favor de toda a humanidade. Isto fez com que saísse de uma localidade para tomar a proporção de uma religião universal. Porém, a ética em Lévinas, é o novo nome do pensamento, aquele que fez girar sua captura lógica (o princípio da identidade) em direção à sua submissão profética à lei da alteridade fundadora (Idem, 1995, p. 30). Deste modo, em Lévinas, há uma fenomenologia que serve a uma ética ponderável pela lei do estado, não é demasiado consignar que esta vertente filosófica surgiu no período próximo ao positivismo lógico, numa tentativa de suprimir a metafísica.

Em relação à esta ética da diferença, em Badiou, há um projeto que retoma a ética a partir da filosofia. Lévinas tem uma influencia intensa pelo Heidegger, esta também seria outra questão que refunda a crítica. Eles se assemelham na convergência do ser uno e sua reunificação ao infinito:

> Pode-se sem dúvida procurar deduzir-se a alteridade metafísica a partir dos seres que nos são familiares e contestar, a partir daí o caráter radical desta alteridade. a alteridade metafísica não se obterá acaso pelo enunciado das perfeições, cuja imagem pálida o cá embaixo preenche? Mas a negação das imperfeições não basta para conceber esta alteridade. Justamente, a perfeição ultrapassa a concepção, sobrepuja o conceito, ultrapassa a distância: a idealização que a torna possível é uma passagem de fronteira, isto é , uma transcendência, uma passagem ao outro, absolutamente ao outro. A ideia do perfeito é uma ideia do infinito.[125]

A questão da contestação desta radicalidade, ocorre de forma problemática, conforme Badiou, por exemplo, ao invés de se confrontar o racismo, simplesmente é negada a sua existência. Essas diferenças surgem do ser ao ser ora, por conta das singularidades. No Ser e o Tempo, já mencionado, Heidegger propõe analisar o ser e as coisas através da relação com o Dasein, especialmente nos aspectos que eles mostra a abertura inexorável ao tempo de modo a determinar as diferentes formas de ser cuja coletividade está à mercê do mundo. A indicação das formas de desvelamento do ser não pensa sequer nas diferenças.

O niilismo que se inspira na inexorabilidade do tempo apaga a própria diferença do outro pelo reconhecimento legal no qual o outro é obrigado a conviver por inclusão de direitos, porém nesta hipótese, não há uma relação dialética, ela suprime os processos de subjetivação pela experiência e o universalismo do relativismo pressupõe a ideia de que o ultrapassar a barreira entre um e o outro é através da tangibilidade da infinitude.

De qualquer modo, Badiou diz que o Tu acaba levando vantagem sobre o eu. E seria através deste reflexo que a lei caminharia em Lévinas, através deste reflexo tão introspectivo porque também está ligado a introjeção do eu universal do individualismo, do estilo das potências e o devir sempre enquadrado no universal:

---

[125] LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Ediçoes 70, Lisboa, 1979. Pag. 29

> This economic value as a third has the ontological structure of a body—both the "I can" and a vulnerability of the physiological body (CP 39/EN 40). For Levinas, this is an economy of injustice that is not recognised (CP 39/EN 40). The institution of a universal currency within this economy betrays the unique productive moment of the singular will. Yet, at the same time, it brings the singular into the system in which it can be measured and judged, as well as measure and judge according to this universal (CP 39/EN 40). In the midst of the exploitation of the singular, the subject is relocated—re-cognised in terms of a common value[126]

Em Lévinas, o ego remete a primeira filosofia, esta é a consciência em sua teoria. A sua fenomenologia propõe a abertura pela singularidade do outro pela expressão captada dos traços, da linguagem corporal como um todo. Porém, o ser existe enquanto humano em conformidade a determinados valores democráticos. A ideia seria a valorização pela destinação em cada um, o que cada um teria de melhor, uma espécie de refutação das relações interpessoais? até o presente momento, a teoria de Lévinas parece corresponder de maneira ontológica a uma abertura pela alteridade.

A questão é uma visão assumidamente religiosa, na fundamentação pelo encontro, é o começo do evento com o outro e o esquecimento do todo outro (até porque ele pode não existir ou até existir mas não da forma esperada). Seriam os traços deste experimento fenomenológico, que o um vê no outro a imagem do infinito, deus, muito aquém da expectativa real daquilo que se é. Porém, quando se trata da ética da diferença, Badiou afirma que a ideologia do direito à diferença a sua visão crítica permite dizer que a há uma originalidade do devotamento ao outro. (op.cit.p.31) como é um processo que prescinde da experiência, então as relações de afinidade surgem na hipótese da distância, ou seja, o um é o objetivo na metodologia da diferença, é a manutenção da mesma relação de desigual para desigual com a oportunismo do sistema democrático.

---

[126] _____Ethics, Justice and the Human Beyond Being. STUDIES IN PHILOSOPHY. Edited by Robert Bernasconi University of Memphis A ROUTLEDGE SERIES, 2004. Tradução: Esse valor econômico como terceiro tem a estrutura ontológica de um corpo - tanto o "eu posso" quanto a vulnerabilidade do corpo fisiológico (CP 39 / EN 40). Para Levinas, esta é uma economia de injustiça que não é reconhecida (CP 39 / EN 40). A instituição de uma moeda universal dentro desta economia trai o momento produtivo único da vontade singular. No entanto, ao mesmo tempo, traz o singular no sistema em que pode ser medido e julgado, bem como medir e julgar de acordo com este universal (CP 39 / EN 40). No meio da exploração do singular, o sujeito é reconhecido em termos de valor comum

É para pensar que não há realmente a necessidade de entender algo como justo, como o verdadeiro encontro. Em que momento, esta vivência com o outro é possível e não por uma questão de respeito mas pela compreensão de que todos são diferentes e ao mesmo tempo possuem suas singularizações? A questão da objetividade prática do materialismo está ausente nestas relações, não é o que se vê que se entende mas o que é dado como pressuposto a respeito do outro. Esta dedução prévia é capaz de delinear todas as possibilidades que substituem o encontro?

A visão da fenomenologia com base nesta formação de consciência, substitui aqui a experiência que é totalmente suprimida, o processo de formação das verdades pela alteridade não existe. Como pode o outro sair do seu plano de comodidade em relação ao diferente, aquele que é o ser uno da democracia ou, por exemplo, o imigrante que necessita de trabalho além das fronteiras? Como enfrentar a questão do medo ao diferente se não pelo único caminho possível que é o encontro real com o outro. Por isso que Badiou diz que além da falácia que representa o valor da fraternidade, há um racismo intrínseco à democracia quando se fala através do outro e ainda assim o mantém afastado pelo olhar de estranhamento, é o que acontece com pessoas de outras origens étnicas que nasceram na França, por exemplo.

O discurso da diferença não é capaz de apagar a islamofobia e em alguns aspectos, até reafirma sentimentos de autoritarismo em relação aos muçulmanos, porém de forma oculta. Quando houve o episódio da Charlie Hebdo que já foi citado, era normal criticar o islamismo por suas características mais visíveis porque seus adeptos geralmente usam vestimentas que afrontam as potências ocidentais. De certa forma, em países influenciados pelo catolicismo e pelo protestantismo não havia de ser um modo diferente para tal estranhamento, o discurso é confrontado pela prática.

Nos países democráticos, não há muitas instâncias governamentais nas quais os imigrantes possam participar das decisões, geralmente são encaminhados por ONGS que socorrem as suas necessidades, em tal condição vitimaria que se impõe assim que ultrapassam fronteira adentro. Outras questões complexas também não são muito discutidas, como por exemplo, o relato do sexismo que sofrem as mulheres muçulmanas. É sabido que o corpo feminino não é exposto segundo as leis muçulmanas que acreditam que o corpo deve ser preservado do pecado, e o cristianismo se considera superior porque a salvação vem pela graça. Porém, há relatos que

enquanto as mulheres enfrentam esta imposição religiosa, em outros países considerados democráticos há alguns comportamentos masculinos excêntricos. Um é que, no ocidente, a vestimenta da mulher muçulmana pode ser visto como um fetiche por conta de toda aquela cobertura, ou seja, há uma inversão de valor e a vontade da mulher fica em segundo plano, de uma forma ou de outra.

Outro comportamento típico que revela a não aceitação pela diferença é no caso do feminismo ocidental em relação à estas mulheres. Nas universidades e algumas redomas de produção de saberes, dizem não ser possível conciliar religião com feminismo como um ideal salvacionista previamente determinado. Porém, há um movimento forte de mulheres muçulmanas que inclusive defendem o ideal de conciliação entre direitos das mulheres e islamismo porque este seria uma questão patriarcal, caso do estado que é indissociável da religião, então, do ponto de vista da formação da subjetividade, é muito diferente de nascer num país católico ou protestante em optar pelo ateísmo.

Este ideal salvacionista não aceita a diferença como uma realidade possível. Outra discussão que envolve este ponto de vista é que muitas mulheres participaram da revolução islâmica na resistência, mas este papel nunca foi muito bem valorizado, elas se opuseram contra os xás. Além disso, quando não se aceita que uma mulher possa conciliar o feminismo com o islamismo, no ocidente, não se faz a autocrítica de que o tensionamento nas regiões que provoca o aumento da ortodoxia religiosa, através do estado islâmico, é fruto da invasão militar das potências ocidentais e seu ideal civilizatório, além, é claro de garantir riquezas pelo monopólio da exploração de petróleo. No que concerne a visão sem a percepção da real imagem destas feministas, no qual é necessário que elas se autoafirmem também na combatividade contra o niilismo ético, nesta passagem do Lévinas há um comentário assertivo sobre o Hegel, no qual ele mesmo faz uma crítica ao universalismo mas mantém a imagem do todo outro:

> A relação com o ser produzir-se apenas na representação do lugar natural da evidência? A objetividade, cuja dureza e poder universal e guerra revela, trará a forma única e forma original sob a qual o ser se impõe à consciência, quando ele se distingue da imagem, do mundo, da abstração subjectiva? A apreensão de um objeto equivalerá a própria trama em que se tecem os vínculos com a verdade? A estas perguntas a presente obra responde pela negativa. Só pode haver escatologia da paz. Mas que isto não

> quer dizer que, afirmada objetivamente, ela é aceite como objeto da fé em vez de ser possuída como fruto do saber.[127]

Por falar em fruto do saber, como não lembrar do academismo autocentrado em que o outro é visto como exótico, então se torna um objeto de estudo sem que nenhum proveito seja pensado pelo social para a comunidade pesquisada. Não deixa de ser uma reprodução de um pensamento colonial, muitas vezes oculto sob a roupagem do relativismo cultural. Embora ele reconheça a experiência pela guerra como uma questão negativa, ele mantém a relação com o todo outro, conforme foi dito. Em sua influência heideggeriana ela afirma que a relação com o infinito, obviamente não se concretiza pela experiência, mas sim pelo extraviar do pensamento, em sua relação absoluta com o todo outro. Esta questão também influencia a relação com a justiça conforme foi delineada:

> …the word "justice" applies much more to the relation with the third than the relation with the Other. But in reality the relation with the Other is never uniquely the relation with the Other: the third is always and already represented in the Other; in the very apparition of the Other I already regard [me regard] the third. And all this renders an extremely close connection [rapport] between responsibility in regard to the Other [à l'égard d'autrui] and justice. (DVI 136) (op.cit.p.16)

É possível para Lévinas, como ele define, que os processos e estados mentais como tais em representações de sentimentos podem até mesmo ser reinterpretados pelo outro, ainda que com as dissonantes diferenças. Porém, a totalidade é centrada no ser uno e suas características, por isso, eis a questão relacionada ao identitarismo e sua vinculação ao estado, para que haja a inclusão deste um, como é uma origem relacional, o outro não tem como abarcar com todas as suas particularidades, o que resulta no pressuposto determinante do ser uno sem as suas multiplicidades ocultas, não reveladoras. O mundo gerido pelo capitalismo não é fato heterogêneo, que há é uma

[127]A palavra "justiça" aplica-se muito mais à relação com um terceiro do que a relação com o Outro. Mas, na realidade, a relação com o Outro nunca é exclusivamente a relação com o Outro: o terceiro é sempre e já representado no Outro; na própria aparição do Outro, eu já considero o terceiro. E tudo isso torna uma conexão extremamente estreita entre a responsabilidade em relação ao Outro e à justiça. Op. Cit, p. 12.

homologação de um acordo para que o universalizável seja automaticamente aderido sem contestação entre as partes. E claro que não há uma articulação entre os pares, há sim uma incongruência, mas que se conforma a medida que a reificação do humano vai atingindo o patamar mais alto, principalmente quando há a culminação das guerras e a subjugação do mais fraco, na questão do devir reduzido à condição vitimária.

Este unidirecionamento provocado pelo sistema de equivalências da mercadoria é um padrão canônico, não é preciso que a relativização das diferenças evidencie isto por suas falhas porque elas vão acontecer. A filosofia moderna propõe que a existência é a essência do homem. A existência do homem é orientada teologicamente para a presença (Husserl), ou é uma preocupação com o mundo (Heidegger) (Levinas, op. Cit p.98). O mundo não é apenas o palco em que o homem persegue seu destino; ele deve articular um mundo como seu destino.

Esse conformismo no modo de ser do homem, a análise existencial significava não só definir a forma específica do devir a todas as suas relações objetais, já que o heideggerianismo é a unificação ou identidade entre o pensamento e a coisa de onde surge a verdade, mas é o afetivo , a intuição, a desconstrução da verdade em si é que caracterizam o movimento do homem novo que é um articulador do mundo e não mero expectador numa circunstância de niilismo na qual se participa de uma abertura pequena. Se for pensar no predomínio da aparência que adquire a identidade ou pelo qual abre o mundo pela contagem negativa do tempo, só há espaço para a unidade do pensamento por anulação.

Assim, o sujeito sem subjetivações como procedimentos da verdade, torna-se apenas um acaso à espera de um retorno ao transcendentalismo. Não é o mesmo que defender a hipótese de existência de um vazio no sitio eventual a ser alcançado pela intuição que ainda que unificada, por que assim é a natureza do sujeito transcendental, não é demasiado consignar que como o múltiplo precede a unidade, em algum momento ele pode desejar correr o risco pela abertura do vazio e entender que a vida é uma aventura, sim porque Badiou diz que a matéria desse sujeito é o acaso. Não há como afirmar sempre que a paz se perpetua pela manutenção das diferenças se, de tempos em tempos, as guerras provocam destruição étnica e então emanam opiniões singulares que surgem de tempos em tempos e também refutam a opinião pública.

Caso contrário, tudo seria totalmente induzido pelo princípio universal que abstraiu a experiência do imediato encontro face a face com o outro. As descrições de Lévinas mostram que "no início era a relação humana" mas quando ele remete á lei, fica claro que na verdade mesmo o princípio era o verbo. A alteridade radical do outro romperia com a totalidade (Levinas, op.cit.p. 22) mas , na prática, o primado da relação pelas diferenças denota que o ser até interage para se entender com o outro nas questões de ética, mas a universalidade promove uma espécie de entorpecimento, esta conformidade ao ente infinito por Lévinas parece que o sujeito se direciona ao acontecimento por um encontro ao absoluto. O problema desta localização universal da filosofia do traço é o convite ao diálogo que será argumentado como a principal condição para a comunicação humana. Para contrapor esta visão de niilismo em Lévinas, pode se argumentar do ponto de vista da biopolítica, na melhor das hipóteses, ainda que Badiou a descreva como sendo a gestão do bem viver contra a morte:

> duas tendências contrapostas nos obrigam hoje a repensar este termo tão antigo e a cada dia mais invocado: a vida. A primeira delas pode ser formulada como segue: o poder tomou de assalto a vida. Isto é, o poder penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou, e as pôs para trabalhar em proveito próprio. Desde os genes, o corpo, a afetividade, tudo isso foi violado e invadido, mobilizado e colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes. Mas, o que são os poderes? Digamos, para ir rápido, com todo os riscos de simplificação: as ciências, o capital, o estado, a mídia. Mas é uma resposta muito geral e molar, pois de fato assistimos a uma lógica esparramada, dispersa, infinitesimal.. [128]

O niilismo total é tão boa oportunidade para uma refutação crítica do desejo do nada que permite retomar as origens. Assim, na vontade de potência de Nietzsche, em oposição às ponderações do niilismo relativo como no caso de Dostoievsky, que era mais um pessimismo, o próprio termo indica uma função prosaica de um plano de vida e é encampada justamente por isso. Agora quando se pensa num niilismo mais denso e astuto que vai resultar na ética contemporânea como a luta como mal, é neste niilismo como mal que pode ser retomado em Kant:

> Este mal é radical a partir do momento em que corrompe a base das máximas (morais): enquanto propensão natural, também não pode ser extirpado

[128] PECORARO, Rossano. ENGELMANN, Jaqueline. Filosofia Contemporânea. Niilismo. Política. Estética. Editora Puc Rio, 2008. pag83.

> por forças humanas...porém deve igualmente ser possível vencer este mal porque ele encontra-se no ser humano atuando em liberdade.[129]

Ora, o neokantismo contribuiu para a formação e um sujeito irreflexivo e vazio de sentido, a não ser pela vontade se enquadrar no imperativo categórico que é matéria da sua universalidade. É um jeito pacífico de manter a transcendentalidade estabelecida ocultamente nos valores fraternais. Já Nietzsche aborda um niilismo como a última oportunidade que permite anular ou neutralizar tais os valores da existência e repensar a tarefa do pensamento filosófico, mas, na verdade, não deixa de querer o nada a nada querer, sua famosa máxima, inclusive.

A figura mais clássica do niilismo é a declaração de que tudo é sem valor, sem simbolização e insustentável frente à morte. É uma equalização da totalidade de que poderia ser valorizado, diante da radical finitude ontológica que a morte representa. Essa questão da relação entre niilismo e valores é, como se sabe, a questão central da filosofia de Nietzsche, que toma este tema do niilismo para trazer uma questão relevante inclusive sobre o ego, porém, ele é a própria essência do niilismo, o reconhecimento do humanismo pela vontade do nada, já para Heidegger, o homem é este ser aí, jogado no mundo, em busca de sentido e quando menos espera seu encontro é com a infinitude. Aliás, "restabelecer Marx implica, para Badiou, libertar a filosofia de suas ilusões em relação à liberdade hiperindividualista apresentada" pela leitura heideggeriana de Nietzsche[130]. Então, Badiou vai repensar o sujeito por uma outra ontologia, ou seja, não é a substância, não é uma identidade que detecta o mal tampouco uma consciência, mas é isso, um ser que não é levado sem sentido ao acaso mas que toma este acaso como risco para fazer sua ação prevalecer.

2.3 O ser múltiplo e o risco revolucionário do evento (um olhar sobre o risco, o acontecimento e os movimentos contemporâneos)

[129] KANT, IMMANUEL. Die Religion Innerhalb der Grenzen der blossen vernunft (A religião dentro dos limites da simples razão), AK,. Augs VI, 37.

[130] Madarasz, Norman.http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/MADARASZ_Norman_Roland.pdf. Publicado em outubro de 2011

A verdade não é, ela vai sendo e acontece enquanto se busca o real, essa é a melhor definição para este processo e é o nada que vai nos separar, ou seja, o niilismo nos mantém de forma isolada no mundo. Quando Badiou inicia o livro O Evento, ele diz que há três características que permeavam o pensamento naquela época, 1988, a primeira delas é a ideia que já foi mitigada que seria Heidegger como o filósofo que tematiza a relação do ser com o infinito, a segunda é a questão da racionalidade científica como um paradigma e a terceira é ainda estarmos num período que não superou a filosofia pós cartesiana na figura do sujeito. Ou seja, após quase 30 anos, continua sendo uma obra importante para se discutir temas tão contemporâneos. Estas três correntes foram mencionadas para contextualização, porém, o foco deste capítulo está centrado na terceira, a que trata do sujeito, pois é preciso fazer a relação entre ser e sujeito, o risco contra o conservadorismo e a consequência que se transforma no acontecimento.

Para falar do sujeito, é preciso reconhecer que não há outra menção a não ser a vinculação hoje ao materialismo democrático que pensa o homem como aquele potencial consumidor, nem mesmo a marginalidade lhe escapa, afinal, têm se aqui a função relativa à manutenção do valor baixo da mão de obra já que a socialização ocorre por meio do trabalho. Esta subjetivação encampa toda uma contemporaneidade na qual é muito difícil escapar a forma discursiva na qual se dá este materialismo, que é a opinião pública.

Então ser um sujeito significa ao mesmo tempo estar aberto ao procedimento genérico da verdade, através da multiplicidade, o ser se apresenta através do múltiplo e ao mesmo tempo é o ser portador deste novo mundo a partir do sítio eventural. Se a ontologia é a ciência do ser enquanto ser, afinal o pensamento grego sempre se preocupou com o ser a partir de Parmênides , no qual o ser era algo com natureza imutável, então, para Badiou, ela nada mais é do que a ontologia das matemáticas ou a ciência do ser enquanto ser. O sujeito não é o ser passivo e vítima dos direitos humanos porque ele não se delimita pelo estado nem mesmo na apresentação que este encampa através do discurso. Este sujeito contemporâneo que se apresenta como vazio a ser preenchido pela universalidade da mercadoria também se revela como irreflexivo.

Porém, o que se quer construir é outra forma de pensamento que vá incluir todo o materialismo histórico que se apresenta como uma hipótese comunista, ao longo da história é preciso correr este risco, qual seja burlar a política de segurança, o medo, enfrentar as

criminalizações. O que se pretende neste capítulo é justamente evidenciar que o vazio do sítio eventural é o espaço necessariamente localizável que sempre surge apesar da tendência de universalização. A primeira forma deste ser múltiplo é através do uno, a forma apresentável porque é assim que se torna irreflexivo. Não há uma ética em geral porque não existe este homem animal universal denominado sujeito que é uma massa de manobra para a opinião pública.

Para Badiou, é possível superar a condição animal na realização da multiplicidade quando se intui pela outra situação, este movimento não ordinário vai culminar no suplemento (op.cit. 1995, pag. 48). Isto porque o sujeito contemporâneo é uma abstração que anula a qualidade de ser múltiplo, no seu condicionamento animal à espera da morte, esta se torna um acontecimento esperado, mas o acontecimento que muda os fatos representa a possibilidade de exceder a vida e criar um ambiente político engajado inclusive negando a condição de vítima.

É no espaço criativo dos eventos revolucionários, ao longo da história, é pensar de forma prática e ao mesmo tempo quando a situação mesma requer, é a necessidade de ultrapassar uma crise econômica no capitalismo. Não é possível ocorrer dentro das leis impostas, esta é uma ilusão. É preciso ser fiel a este engajamento. Uma circunstância muito repetitiva na democracia é a ideologia da fidelidade ligada ao par romântico, porém, no acesso ao real sem buscar a amortização nas relações competitivas e cotidianas, é o risco do perigo iminente que faz ultrapassar a barreira fundamental da fidelidade ao fato novo.

Esta foi uma questão muito clara quando por exemplo, quando houve uma união estratégica entre estudantes e trabalhadores em maio de 68 na França, através das comissões. Ao mesmo tempo que havia o risco da repressão havia a felicidade do encontro, o momento em que a esquerda se une em prol do acontecimento. Esse radicalismo é a experiência para a tentativa de outra ética, movida sim pelos processos localizáveis da verdade que serão posteriormente generalizáveis a partir da capacidade dos múltiplos. Foi o que aconteceu com movimentos de resistência em fins de 1978, na reconhecida revolução iraniana na qual houve a participação de grupos de resistência apesar da violência do caráter repressivo do estado e da polícia fieis ao regime, mas que a priori, não conseguia deter os manifestantes.

O interessante neste acontecimento é que foi uma revolução bastante televisionada. Porém, embora houvesse a insurgência popular, a democracia liberal, na figura da CIA contribuição no boicote a por apoiar, por mais contraditório que fosse, o conservadorismo dos xás, a pretexto de

representar a política de segurança favorável. Outras manifestações anticapitalistas contemporâneas que começaram de forma localizável mas que foram generalizadas pela experiência foram justamente as manifestações que começaram no Occupy Wall street, por exemplo. A fidelidade dos movimentos foi produzindo uma verdade ligada aos processos em busca de um novo real. Até mesmo a denominação do movimento *Occupy* era entusiástica, a imanência e a disseminação das notícias sobre as ocupações das ruas ou quando havia repressão do estado sejam talvez um modelo de fidelidade a tais acontecimentos.

Estes sujeitos revolucionários nas manifestações globais adquiriram especial relevo na conjuntura dos protestos anticapitalistas a partir de 2011. Se esta ética por processos requer uma continuidade que lhe torne universalizável dentro do universal das estruturas, então este desvelamento pelos novos acontecimentos foram eventos relacionados a manifestos espontâneos e populares, de caráter democráticos sob o exercício de uma democracia direta, com participação popular massiva nas assembleias, com reapropriação do espaço público.

Se for pensar num sítio eventural localizável, elas foram iniciadas através de uma insatisfação com a crise econômica de 2008, mas evoluem para a luta pela efetivação de direitos e pela contestação da atual configuração de Estado incluindo a representação parlamentar. O militante no processo destas verdades vai também tomando corporificação através da emancipação do humanismo deste estado democrático de direito. No entanto, como é preciso a singularização pelo amor, é fundamental que este sujeito também reflita em suas ações a condição de estar enamorado pela vida e o seu sentido, uma oposição fatal ao niilismo. Dentro das condições do pensamento novo, até mesmo a reversão da ciência em nome de uma produção que seja coletiva, em muitos aspectos foi fundamental o uso da tecnologia para produzir uma contrainformação que fosse favorável às manifestações e a rede foi em muitos casos a plataforma de encontro para estes sujeitos. Assim, o resultado de uma pesquisa científica, já que no caso da computação, ela foi uma descoberta da guerra fria para a dominação, neste outro momento, levou a uma felicidade na comunidade política, no qual ela foi bem usada. Na realização dessa política deve ser o militante um articulador da real democracia, a que de fato pensa na participação popular e realização deste outro tipo de gestão:

> Ocupando espaço público, é claro, sempre é importante. Existem exemplos passados onde a ocupação de espaços públicos ou até mesmo edifícios

> públicos e os locais de decisão política tem servido para constituir uma política revolucionária. Quando falamos de revoluções, contamos o assalto da Bastilha, a apreensão do Palácio de Verão, etc. Quando um movimento assume espaços reservados às autoridades ou à vida comum e os torna novos espaços transformados pela vontade coletiva, estes são sempre importante, dizendo episódios. Dito isto, ainda temos que estar cientes de que eles próprios não explicam um futuro claro: não vamos permanecer nos quadrados para sempre. Também temos que pensar no que devemos fazer a seguir, a longo prazo. Penso que o grande problema para a política em geral é como ela pode definir sua temporalidade: isto é, não seja escravo de uma temporalidade que lhe seja impostas. O estado é algo que prescreve um tempo.[131]

Na apresentação do sujeito uno, ainda foi possível criar o espaço necessário para as ocupações de 2011, por exemplo. Não se sabe exatamente, como apesar da existência de vários tipos de manifestantes, curiosos e até mesmo minorias conservadoras, como se iniciou a fidelidade que levou a generalização dos movimentos posteriores a nível global. Quando o trabalho abordou a opinião pública como o meio difusor do materialismo democrático foi justamente para opor, em momento oportuno, o conjunto de opiniões que podem formar uma contra hegemonia, porém, não prescinde da arte do encontro. A pontualidade ocorre em algum momento e tais manifestações como reivindicações peculiares em cada região, mas muito semelhantes quanto a politização e consciência mútuas foram testemunho desta possibilidade que o risco provoca.

As ocupações não foram eurocêntricas, foram localizáveis primeiramente no Norte da África e estenderam-se pela Europa, percorreram a América Latina e ocuparam depois Wall Street. As sequências de insurreições envolveram movimentos cada vez mais organizados tais como os Indignados da Puerta do Sol em Portugal, na Espanha, Geração à Rasca assim como os mais espontâneos na ocupação da Praça Syntagma, Grécia, da praça Tahrir, cenário dos protestos egípcios[132]. As similitudes entre estes movimentos globais pelas circunstâncias é justamente a necessidade de agir na crise econômica e contra a política neoliberal. A estratégia de disseminação de informação mencionada era feita através de plataformas virtuais tais como *Twitter* e outras redes sociais superando o individualismo e a solidão provocada pela comodidade de comunicação em rede, aliás, em Badiou, a comunicação tem a opinião sobre uma verdade a sua matéria -prima. Outros movimentos como, por exemplo, o Nuit Debout, há uma outra característica relacionada

---

131 Entrevista intitulada https://www.versobooks.com/blogs/2652-alain-badiou-on-politics-communism-and-love concedida em maio de 2016.

132 HARVEY, D.; TELES, E.; SADER, E.; *et al*. *Occupy*: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior Editorial, 2012.

com a temporalidade e com a localidade generalizável:

> Espero que estejamos no início de um processo, pois esse tipo de movimento sempre deixa vestígios. Há pessoas saindo disto com uma convicção reforçada de que precisamos fazer algo e ter novas idéias. Existem grupos pequenos e as experiências locais se espalham. Nuit Debout agora teve ecos nas cidades provinciais. Bem, não sabemos muito bem como isso pode se perpetuar. Mas tudo isso deixará vestígios. E, deste ponto de vista, espero que seja uma espécie de precursor de algo. Espero que os sinos toquem para que algo aconteça. (Badiou, 2016)

Porém, a ética como perpetuação do niilismo, na ideia de fracasso generalizado, não prevaleceu perante a perseverança popular. A partir também do reuso do recurso tecnológico que se tornou favorável às massas, era possível argumentar como se fazia na antiga Grécia, nas praças, nas ruas, inclusive houve intensos debates sobre a funcionalidade da democracia liberal a ponto de se pensar a diferença entre implementação de uma democracia real ou somente a reforma de uma outra ilusória, tal como propunha o movimento M15M-Democracia Real Ja, na Espanha.

Essa humanidade enfim deixou de temer e de ser um consumidor ávido por mercadorias para participar de novos acontecimentos expressivos. É claro que todo momento histórico tem as suas peculiaridades, é possível dizer que a situação se apresenta como a multiplicidade. Além de todos esses aspectos, assim como na Comuna de Paris, na qual muitas pessoas com exclusão social aguda, em situação de miséria, participaram da rebelião, houve a união, nos diversos países envolvidos, do proletariado com outras categorias, talvez uma nova forma de excluídos, uma massa pauperizada devido à crise econômica.

Quando Badiou diz que há uma conta por um que é a representação significa que este um é o que pertence à estrutura. Então esta questão do pertencimento não permite a total falta de acesso ao vazio criativo, ao experimento que é a singularização generalizável ainda que se revele como algo trágico. Foi também uma comoção e empatia por afeto, mesmo no mundo que não suporta de fato a experiência ética do outro, mas não se pode esquecer também que inclusive tratando do ocuppy, meses antes houve o caso de suicídio de *Mohamed Bouazizi*, um vendedor de frutas na Tunísia que se sentiu humilhado mediante o confisco de sua atividade pelas autoridades locais e que gerou um sentimento que afetou o pensamento de muitos envolvidos neste evento. A questão é quando o forçamento em direção ao evento é capturado pela conta por um no jogo das forças

políticas da democracia liberal:

> Quando partidos como Syriza ou Podemos jogam o jogo oficial, torna-se difícil para eles se alinharem com o movimento. De qualquer forma, temos esse problema muito difícil de aceitar partes que foram criadas no fogo do movimento e jogar o jogo oficial, como está. Eles se vêem forçados a decepcionar parte de seu apoio - de fato, muito assim. Todos os meus amigos americanos estão muito felizes com Bernie Sanders: afinal, nos Estados Unidos, até mesmo ver alguém vagamente falar sobre o socialismo é absolutamente extraordinário (Badiou, 2016).

Embora também este universal e a militância humanista tenha este caráter da imposição do outro pelo mesmo, ainda assim, oriente e ocidente apresentaram similitudes na espontaneidade destes movimentos e da unidade da esquerda através da pluralidade de lutas antirracistas, feministas, num fenômeno interseccional. A questão que fica e que só poderá ser respondida com o tempo é que a originalidade de um evento só pode ser afirmada pelo tempo, embora em muitos destes países, a possibilidade de uma revolução foi comprometida pelo recrudescimento do estado, a questão da ética se perpetua pela perseverança e pela imprevisibilidade que é a possibilidade constante de formação de um novo sistema político que possa substituir o atual sistema capitalista.

Como a democracia liberal é autoritária, pode-se introduzir nesta conjuntura, a questão da traição ao evento, porque só o nazismo é considerado um mal radical, uma forma totalitária de poder, mas na democracia, o enquadramento dos sujeitos das manifestações como irracionais e o massacre étnico é totalmente apaziguado. Uma forma de traição pode ser considerada quando se inicia um processo decisório numa local e usa-se a calúnia como como arma para dissimular os fatos.

É por isso que Badiou define a parte genérica da situação do evento como desconhecida, inexistente e indiscernível (op.cit. 1988, p. 334). Isto porque não a conta por um feita pelo estado é a captura desta situação genérica, na qual o estado tenta se reapropriar, para que a novidade não se realize, quiçá as condições políticas com caraterísticas socialistas, com foco na gestão popular e participativa, aquela que questiona a burocracia e tem o revestimento de democracia, mas no em essência é autoritária.

É o que aconteceu, por exemplo, no movimento de ocupações pelas escolas que se iniciou

no Chile e que quase teve o processo interrompido no Brasil, mas foi adiante por estratégia dos próprios secundaristas. Se a educação é um forte alicerce para controle do pensamento, então a tentativa de romper com esta lógica semeou uma condição política ainda que por extensão genérica, mas com a ruptura pela novidade, de acordo com Jonas Medeiros:

> A luta dos estudantes não começou agora, e está longe de terminar. Em 2006 e 2011, o Chile viveu a Revolta dos pinguins, um movimento intenso de estudantes secundaristas que exigia uma educação pública gratuita e de qualidade. Durante meses, as escolas do país inteiro foram ocupadas pelos alunos- que entravam, tomavam o prédio, montavam equipamentos, e ali ficavam dia e noite como forma de protesto, até as reivindicações serem atendidas. As ocupações começaram nas escolas onde as turmas estavam mais engajadas na luta, mas o exemplo serviu de inspiração para estudantes de mais lugares, e rapidamente quase todos os colégios do Chile foram tomados por alunos.[133]

No caso, por exemplo, dos 43 estudantes assassinados em Ayotzinapa, México, em 2014, segundo a investigação, os estudantes foram assassinados e as dificuldades forma apontadas pela negligência do próprio estado. Segundo a Comissão dos Direitos Humanos da OEA, cuja função é limitada a apontar em território estrangeiro, os problemas decorrentes de crimes como desaparecimento forçado, responsabilizar o estado, criticar o processo penal, apoiar as vítimas, recomendar dano moral às famílias, foi através de uma série de erros judiciais e desrespeito às próprias leis que reivindicam o estado democrático de direito. A responsabilidade pelo crime de massa foi totalmente jogada na conta do mal, atribuída à guerra do narcotráfico, mas claro, os estudantes foram vítimas de uma execução embaixo dos olhos do próprio estado. A questão é que houve negligência na investigação e uma demora para entender o que havia ocorrido, os estudantes eram filhos de camponeses e viviam numa região periférica tomada pela violência, o que ajudou no discurso de condição vitimária dos estudantes e personificação do mal na figura do tráfico, como na potencialidade do niilismo passivo, um crime perfeito que não precisaria de nenhuma demanda especial para além da pacificação pela política local.

Em alguns aspectos, esta apropriação do não enumerável pelo estado, na forma destas dissidências, provoca a mudança do contexto do protesto popular para um autoritarismo do estado apenas conserva o conjunto representado pelas quatro condições da arte, política, ciência e amor. Na prática, quando se analisa as possibilidades do real, através dos instrumentos democráticos

[133] M.CAMPOS, Antonia. MEDEIROS, Jonas. M. Ribeiro, Marcio. Escolas de Luta. Editora Veneta, São Paulo, 2016.pag.55

disponíveis, não se pode deixa de analisar que a consistência ética atual é alicerçada em questões complexas tão arraigadas no sistema que tornar a apresentação da nova situação apenas um caminho impossível. São emblemáticas as aparições de jargões populares do tipo "rouba, mas" faz. É como confabular a permanência de males menores porque são menos problemáticos do que uma grande revolução a começar pela extensão do pensamento:

> O que conta, o que regula o mundo dos sujeitos, é o consentimento geral a que seja assim. E isso, o fato de que em definitivo todo mundo pensa mais ou menos que o que importa é ter o dinheiro necessário para comprar o que se tem vontade, e que esse é o fundamento inabalável do mundo tal como ele é, isso sim, é a humilde corrupção. A que partilhamos todos, mais ou menos, e da qual compartilhamos todos, mais ou menos, e da qual escândalo das corrupções memoráveis é apenas a exceção pretensamente salvadora. O que Pasolini nos ensina indiretamente é que, se de tempos em tempos alguns grandes corruptos são lançados à arena da opinião pública, é porque o que conta é a pequena corrupção. O essencial é que cada subjetividade seja comprada por aquilo que se propõe a vender a ela. Alguns grandes corruptos podem ser sacrificados: vale a pena se, por essa pechincha, o sistema de "humilde corrupção", que é também o da diversão, da sobrevivência, da vida protegida de todo e qualquer real, pode se perpetuar (Badiou, 2017.p.49).

Portanto, não implica, no fundo, em criar, uma inexistência (a partir do vazio do evento)a fim de criar outra situação, a lógica do capital, suscita uma reorientação da conduta organizações não governamentais atuantes, para que atuem de acordo com suas ações na defesa dos tais valores democráticos, mas que possuem o discurso autoritário do ideal salvacionista. Sem falar que as Comissão de Direitos Humanos estão atreladas aos processos eleitorais dos países, o que retoma a questão da preservação do pensamento conservador ou permanentemente ligado ao relativismo cultural. A CIDH representa cerca de 6% do orçamento da OEA, que responde por menos da metade dos recursos que sustentam a entidade. A maior parte do financiamento vinha de doações de países europeus, que agora enfrentam emergências em sua própria região com a crise de refugiados e estão relutantes em contribuir para a questão dos direitos humanos na América Latina.[134]

Como pensar no ser de um real sem primeiramente dizer que, embora Badiou, em parte, seja próximo a Lacan, há suas diferenças. No campo da psicanálise, a revolta é considerada um

[134] http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,sem-dinheiro--comissao-da-oea-para-direitos-humanos-pode-parar,1872752

desajuste, um sintoma, o que pacifica o indivíduo e seu desejo de mudar aquilo pelo qual o levou a insatisfação e o fez decidir pela análise, a terapia da fala, o depósito de confiança no outro. Agora o real vem do Lacan mesmo, é por outro lado, esta busca incessante por aquilo que parece inalcançável, mas que é justamente o movimento que vai fazer ir ao encontro, então Badiou faz as suas ponderações em relação à psicanálise. A aproximação entre a filosofia e a psicanálise é de que há uma disjunção entre conhecimento e uma verdade e o vazio é o destino de todo evento, mas a psicanálise diz que o evento está no sujeito, esta é uma diferença (op.cit, 1993, pag 59). Então isto significa que este vazio sempre vai movimentar o impulso e o desejo. No capitalismo, isto também se aplica à questão humanitária porque com a mansidão do pensamento se compensar a culpa com o exercício da caridade.

É questionado o fato de se reverter uma renda irrisória obtida por um produto para manter a exploração capitalista com uma consciência humanitária. Discute-se também neste âmbito o problema da isenção da responsabilidade pelo que acontece com o outro. Não se pode perder de vista que embora se trate de um sistema global, cada localidade presume um descontentamento geral com as práticas neoliberais assimiladas pelos governos nacionais, porém, o humanitarismo e sua política de estado, através dos direitos humanos, tem uma função universal em apagar incêndios e propagar a caridade ao invés de pensar o direito como um sistema, no qual o direito tributário seria teoricamente uma forma de redistribuição de renda por políticas públicas, porém, cada vez mais a gestão dos recursos fomenta o mercado das empresas privadas, é a terceirização pela responsabilidade da vida, tudo isto a partir do momento em que ocorre um fato novo e revolucionário.

Por fim, a conta por um é parte da estrutura, cabe o papel de vanguarda às massas revoltas e aos manifestantes nas respostas dadas pelos movimentos anticapitalistas que apontam os sintomas dos problemas sociais ainda que, a filosofia e a psicanalise também tenham projetos dissonantes em quanto ao vazio. Quando os mesmos são tratados como aqueles que não sabem o que querem fora do desejo e ao pertencimento comum, não é difícil imaginar que há um sentimento de onipertinência (idem, op. cit. p.30) do par um- múltiplo em ação. Afinal, nas questões formuladas dentro da estrutura pertence a uma verdade e, em muitos aspectos, apenas se questiona a legitimidade das revoluções sem apresentar soluções concretas e atribuindo todo o fracasso à incompetência de uma esquerda. Tem uma crítica bem interessante com Zizek, autor que tem algumas afinidades com Badiou e que o seguinte:

> As invocações contemporâneas aos diretos humanos, em nossas sociedades liberal-capitalistas, geralmente repousam sobre três suposições. A primeira, que tais invocações funcionam em oposição a fundamentalismos que naturalizariam ou essencializam traços contingentes historicamente condicionados. A segunda, que os dois direitos mais fundamentais são a liberdade de escolha e o direito de dedicar a própria vida à busca do prazer (ao invés de sacrificá-la por alguma causa ideológica maior). A terceira, que a invocação aos direitos humanos pode formar as bases para uma defesa contra o "excesso de poder".[135]

Esta terceira questão é importante porque não se trata de compartilhar o poder cujo monopólio é outorgado a uma classe ou de criminalizar o excesso. Em que pese as diferenças entre uma revolução socialista e os movimentos citados tais como ocupas e jornadas, tem como uma de suas principais bandeiras a crítica à desigualdade econômica, mas com questões regionais, é uma outra questão do risco de agir. Os ocupas também reuniram um número muito grande de pessoas, em Wall Street, por exemplo, chegou a reunir em torno de 15 mil pessoas, em torno de uma única questão: apesar de certa radicalidade, está dentro da convicção da verdade do materialismo democrático. Uma das universalizações entre um pequeno evento e um outro maior, por assim dizer, é que há sempre a luta de classes e o discurso neoliberal de que com o crescimento econômico, haverá maior distribuição de riquezas irá culminar na redução da desigualdade econômica, é um ponto de convergência, neste momento, há espaço para o encontro. Ora, em todo movimento de esquerda, ainda que reformista, entende que os grupos que detêm o poder determinam também os investimentos que influenciam a sobrevivência da maior parte da população, por isso, os *ocupas* tinham participação massiva do povo.

Saindo um pouco do entendimento que, a priori, os direitos humanos são universais e influenciam a subjetivação dos sujeitos através do mesmo em seu aspecto acidental, em algum vazio pode ocorrer alguma característica de alteridade, assim é que se pode pensar como o *M15M* europeu influenciou o *Occupy Wall Street* que por sua vez foi inspirado pela Primavera árabe, por exemplo. Uma das características comuns em todos eles foram a participação efetiva de jovens dos diversos setores da sociedade desde trabalhadores organizados até os que compõem a massa difusa. Foram diversos tipos de encontros (ou microencontros generalizáveis) que simbolizaram a luta contra a precarização da saúde, o desemprego, o racismo dentre outras opressões.

[135] https://blogdaboitempo.com.br/2013/03/14/contra-os-direitos-humanos-artigo-de-slavoj-zizek/

Não só os ocupas revelam este caráter de evento local com condições generalizáveis que conclamam a autonomia dos movimentos para além das limitações a atuação caritária dos direitos humanos. Seria o caso, por exemplo, de não potencializar sentimentos nacionalistas, mas, ao contrário, nacionais e refugiados que conclamam por um mundo sem fronteiras:

> Os desenvolvimentos sociais e econômicos dos últimos anos lançam luz sobre o futuro próximo em que nos enfrentamos: privação de estruturas e processos democráticos, aumento da insegurança econômica e da precariedade, retorno de formas autoritárias de política através de um enorme aumento de poder executivo e um ressurgimento de partidos populistas e de direita certos em toda a Europa. Enquanto prometem os direitos humanos, a igualdade e a paz para todos, a agenda política europeia é vivida por milhões como um puro pesadelo. A Europa está mudando rapidamente. Mas essas mudanças nunca foram feitas sem uma briga. Os conflitos que se formaram ao longo das lutas sociais, ecológicas, feministas e antirracistas foram revigorados com o advento da crise financeira em 2007. No entanto, a implementação das medidas de austeridade que se seguiram piorou a situação das pessoas no sul da Europa, causando cortes extremos no estado social, sistema de saúde, pensões e locais de trabalho.[136]

Da mesma forma que há a necessidade de união pelo ideal comum por um mundo sem fronteiras, há o horror expresso no simulacro da direita conservadora, que nem sempre se expressa com um discurso de ódio mas na sua forma banalizada que até parece um discurso racional mas que através do uso da mídia e da opinião pública de jornais a serviço do poder econômico dizem que os manifestantes estão apenas aborrecidos com uma ordem de Donald Trump, que impede temporariamente a entrada de refugiados e imigrantes de várias nações da maioria muçulmana desejam que não haja fronteiras para que se impere o banditismo e o desequilíbrio econômico por conta de uma "enxurrada de imigrantes". Esta seria uma verdade difundida pelos meios de comunicação norte-americanos que ameniza os ânimos na unificação do sujeito uno democrático com valores nacionais que vão ser protegidos na imperatividade do controle das fronteiras.

A verdade propriamente dita, que é esse múltiplo interno à situação que se constrói, pouco a pouco à fidelidade, é o que a fidelidade reagrupa e produz (Badiou, op.cit.p. 71). Essa essência vitimária que se reproduz porque é preciso que as "pessoas de bem" evitem o pavor de conviver

[136] Fonte: https://beyondeurope.net/543/be-goes-no-border-camp-2016/

com esse outro, que quer roubar-lhe o espaço da sua terra, seu emprego, aumentar a criminalidade ao adentrar num abrigo civilizado que é o mundo europeu, é esta a ética que se preserva na dominação do bem pelo mal.

Em alguns momentos, essa ética niilista que conversa o ideal de morte é superada por movimentos que reconhecem a necessidade de superação da condição vitimária. Seria o caso por exemplo, do *Blacks Lives Matter*, vidas negras importam que se proclama como um grupo contra o genocídio do povo negro nos EUA:

> O BLM vai para além do nacionalismo estreito que pode prevalecer no seio das comunidades negras, que se limita a apelar aos negros a amar os negros, viver como os negros e comprar produtos dos negros e mantém à frente do movimento homens negros heterossexuais, enquanto as nossas irmãs e as pessoas homossexuais, transexuais e incapacitadas se veem marginalizadas. Black Lives Matter estima as vidas dos negros e negras homossexuais e transexuais, pessoas incapacitadas, negros sem documentos ou com antecedentes criminais, das mulheres e as vidas de todos os negros de todo o espectro de géneros. Convoca a quem foi marginalizado nos movimentos de libertação negros. É uma iniciativa para (re)construir o movimento de libertação negro. [137]

Este é sem dúvida um movimento que quer reconstruir outra dignidade que não aquela da ideia de ser para a morte como uma inevitabilidade, como que para um homem jovem negro, ela espreita a todo instante. Tem outro protesto bem direto em relação a esta virada ontológica, da vida para a morte pela tomada de consciência pela vida não só pela preservação contra o massacre, mas como uma necessidade não do vivo mas do ser que tem consciência da sua história, da sua infinitude, e que portanto, vai lutar para manter a legitimidade da sua vida e da sua afirmação contra o racismo, a eugenia e outros aspectos que representam a gestão ocidental da morte. Este protesto é o Reaja ou será morto, reaja ou será morta que surgiu na Bahia, após a chacina de 12 homens negros pela polícia, num bairro periférico de Salvador.

Nenhum destes dois movimentos, um nos EUA, outro no Brasil, ambas democracias liberais, se não fossem por estes movimentos que dão uma abertura para lutar contra o apagamento da população negra, não trariam a abertura fundamental para denunciar o racismo que ainda

[137] Fonte: https://www.geledes.org.br/o-movimento-black-lives-matter-organiza-se-e-procura-definir-se-politicamente/

prevalece também devido às omissões destes estados democráticos e do amparo nas declarações dos direitos humanos que fazem declarações mas que não se perpetuam para além do discurso. Por isso que Badiou enfatiza:

> É por isso que a ideia sobre o mal se tornou essencial. Nenhum intelectual irá defender o poder brutal do dinheiro e o desdém político pelos desprivilegiados ou trabalhadores manuais que o acompanha, mas muitos concordam em dizer que o mal real está em outro lugar. Quem hoje realmente poderia defender o terror stalinista, os genocídios africanos, os torturadores latino-americanos? Ninguém. É aí que o consenso em relação ao mal é decisivo. Sob o pretexto de não aceitar o mal, nós acabamos fazendo crer que nós temos, se não o bem, pelo menos o melhor estado das coisas possível — mesmo que esse melhor não seja tão bom. O refrão acerca dos "direitos humanos" não é nada além da ideologia do capitalismo liberal moderno: Nós não iremos massacrar vocês, nós não iremos torturar vocês em cavernas, então fiquei quieto e adore o bezerro dourado (Badiou, entrevista op.cit.2016).

Quando se trata da crítica ao sujeito uno e ao mesmo tempo universal dos direitos humanos e a sua perpetuação através da verdade, ele identifica que o outro sujeito dos múltiplos, aquele que se manifesta por todos estes protestos, movimentos antihegemônicos, eles possuem algumas inovações porque são uma nova categoria filosófica, se não aparecem totalmente como múltiplos que fragmentam a universidade, ao menos, apontam a necessidade de ruptura com o universalismo. Porém eles podem ser identificados pelo seguinte é o ser para a vida que se manifesta, não é uma substância, um ser, uma alma, uma coisa pensante. Depende de um processo, começa e acaba. Não é um nada, nem um vazio. Não é uma consciência, não é necessário, aliás, nem sempre há um sujeito ou sujeitos. Não é uma origem. não é senão outra coisa que um ponto de verdade (Badiou, op.ct. 1994).

Outra vertente do trabalho foi pensar a ideologia do direito à diferença como um universalismo e como tal doutrina e a teoria do novo sujeito é a preocupação estratégica com a articulação que leva em consideração a efetivação dos processos das verdades. Apesar da mídia ser um instrumento a favor da política identitária, houve um atravessamento pelo experimento ético apesar da mobilização feita através de redes sociais, surgiu uma liberdade propícia para se discutir a tática da ocupação como meio de alcançar a visibilidade desejada, embora liberdade seja um

conceito delicado no capitalismo.

E apesar de pairar no ar dialética delimitada das relações e não o respeito através de uma alteridade infinita que se apresenta em todo ser, apesar do predomínio do ideal da democracia, uma das maiores reivindicações seria a denúncia da farsa democrática dos países capitalistas centrais. Não somente esta seria a questão de uma possível abertura, mas o quanto foi possível pelas experiências dos ocupas, viver com o diferente, uma vez que países que possuíam uma ditadura como Tunísia e Egito ainda assim tiveram movimentos de massa, integraram a Primavera Árabe mas ainda hoje vivem uma fase de transição, mas também com a contribuição militarista de países imperialistas do sistema democrático.

Dando continuidade ao processo de abertura ética da convivência, até nos locais que vivem uma democracia, é questionada a representatividade do Parlamento e a manutenção de um *status quo.* Como um uma infinidade de elementos unificados pode, em algum momento, ultrapassar um individualismo e perpetrar uma intersubjetividade através da elaboração de uma pauta generalizável que contemple uma hegemonia social e autodeterminação dos povos. Além disso, sempre surge, pela esperança, a possibilidade em criar uma condição efetiva para o surgimento de novas organizações para movimentos efetivos.

Em outro aspecto, é preciso enfatizar a densidade histórica dos movimentos que sempre começam por um local e depois se alastram através da ação mas sob uma liderança ou unidade pois o que importa é ter consciência de que, em algum momento, alguém vai ter legitimidade para agir de modo diferente, é possível dizer que este alguém induziu um processo de verdade. Esta formulação seria a necessidade de incorporar demandas que incluam as necessidades do sujeito, Badiou entende alguém como um animal da espécie humana, que embora tenha um pensamento capturado, por alguma questão se sente motivado a participar de alguma reunião ou assembleia ou de algum outro encontro que a partir de um fato , passa a se desintegrar , ou melhor, se desatomizar em nome de um processo maior do que ele. Tal empenho mostra o vigor da organização dialógica dos movimentos para fomentar os debates públicos através de fóruns urbanos e populares. Esta seria uma conquista além das redes sociais.

Para a tessitura da solidariedade entre os alguéns que ainda compõem o sujeito e induzem outros processos ainda que à sua própria revelia, por meio de uma convocação virtual, o impacto nos espaços reais de convivência também pode perseverar na ruptura e não mais na defesa

democrática das instituições. No entanto, como saber que este alguém induzido por um processo é capaz de manter essa continuidade da luta contra a opressão sistêmica, não é uma questão autoevidente, é preciso que se efetive a universalidade das ideais em comum. Por outro lado, deve-se combater a difusão de setores mais conservadores que enxergam na crítica à democracia representativa uma forma velada de legitimar um autoritarismo. O debate acerca do estado democrático de direito significa pensar sobre a implementação de conquistas para todos e não para uma minoria privilegiada. Esta democracia do futuro, a que está por vir, é uma hipótese, um projeto em construção contínua.

Neste sentido, a refutação a velha democracia parlamentar é no sentido de que ela encampa interesses de grupos econômicos e torna-se incapaz de proteger os povos ou que se aplica a todos pela ideologia da fraternidade. Este cansaço em relação aos partidos políticos é o sintoma de uma demanda por um novo mundo, melhor uma nova democracia. Na crise econômica de 2008, por exemplo, a Islândia decidiu pelo calote, pela soberania popular mas recentemente, a Inglaterra decidiu pelo *Brexit*. É preciso também entender que "pensar é a melhor forma de agir", então a crise econômica grega é utilizada para refletir sobre o que ocorreu por conta da desregulamentação do sistema financeiro, mas a opinião pública manipulou os interesses populares e disseminou a ideologia de que o problema foi exclusivamente por conta da corrupção e dos gastos públicos não por conta de um sistema democrático que mantém as suas opressões e má distribuição de riquezas, a redescoberta pelo encontro é o que impulsiona alguém a agir, sua força em direção ao real é o que permeia a reconstrução das relações sociais.

Por outro lado, os ideais de liberdade no sistema capitalista garantem o direito à propriedade privada, ao livre mercado e à exploração do trabalho e estes desapropriam pessoas por interesses individuais ou da classe dominante porque o sistema de capital financeiro é despótico, esmaga os mais fracos, sejam eles os pobres, os estrangeiros, o muçulmano. Uma das mazelas da superexploração é justamente a aplicação de princípios neoliberais nas políticas públicas voltadas à população, que forma um exército de ninguém. A democracia só reforça a indiferença através da outorga ao mandato dos parlamentares que servem ao mercado e não ao povo. Somente com uma manifestação construída a longo prazo é que se pode alcançar pequenos avanços, apesar do estimulo às políticas identitárias que reforçam a unificação das subjetividades.

Diante desta problemática surge a necessidade de dar continuidade aos processos

revolucionários iniciados pelos sujeitos ainda que não totalmente desvinculados da estrutura, porém, a questão é essa; que em algum momento vai ficar evidente que o múltiplo antecede o uno, todo pensamento é infinita, os ascensões pela abertura pelo risco faz deste homem não mais uma substância mas matéria pelo acaso.

A igualdade, a fraternidade e a liberdade são valores que geram a figura ideológica do inimigo público, aquele que não possui direitos e que atenta contra a segurança pública. Tal discurso é tão coercitivo que até mesmo os direitos humanos se consolidam na lógica de mercado, na qual há humanos que não são humanos e, por isso, é necessário, numa democracia, a existência de grupos que vivem da defesa destes outros, os inimigos do povo, pessoas desumanizadas. Desta forma, o discurso de que há tais humanos apenas reforça a ação repressiva do Estado que tem legitimidade para agir com uso de violência policial ou dominação pelas guerras, ou seja, é um pensamento conservador.

3 O PENSAMENTO RADICAL E A MILITÂNCIA ANTI-HUMANISTA

3.1 O mal normativo da democracia representativa e o homem como sujeito vítima

O pensamento de Alain Badiou é um sistema e como tal a filosofia se apresenta pelos procedimentos genéricos que irão desconstituir o alguém do niilismo ético, fazer com que a multiplicidade do ser se revele além da conta- por- um que se representa e que é totalmente parte do estado, (uma situação) e assim falar sobre um novo sujeito. A primeira questão é que para a realização do evento, não há como o estado iniciar o processo, caso contrário não é um acontecimento com as suas características próprias, sejam elas a fidelidade e que também não pode ter sido possuído pela traição, pelo simulacro e nem por um desastre, são três nomes do mal que estão presentes no pensar contemporâneo[138]. Em contraponto, as três dimensões do processo da verdade que são fundamentais, a convocação pelo acontecimento, do vazio de uma situação, a incerteza de uma fidelidade. (op.cit). Então, a começar pela traição que é renegar a fidelidade na condição do homem animal, ou seja, é a destruição da passagem ao indício da infinitude. Não é de fato um agir de modo exato porque, a priori, o evento é indiscernível, pois se fosse operado por uma lógica inicial autoevidente, um paradigma, não ia resultar em nada diferente.

Quando há o início do processo, digamos, pode ser pela subjetivação através de uma obra de arte, se houver um modelo que não retorne a humanidade daquele autor, o processo pode ser encerrado, e não vai perpassar pelas outras três condições. A não realização e um evento tem a necessidade de interligar todas as condições porque, conforme já foi dito, elas singularizam e também coletivizam o sujeito.

No caso de Pasolini, por exemplo, ele tinha um grande desejo de revolta que era uma vontade sem fim que talvez ele tivesse se aproximado do real por ser um homem da sua época que participa ativamente da história e na tentativa de fazer a arte politizada ele tornou a obra uma imortalidade, hoje seu pensamento infinito é reconhecido na sua obra[139]. Isto significa que ele não

[138] Badiou, 1995, Op.cit. p.74
[139] Referência ao poema Cinzas de Gramsci escrito por ele e já mencionado no No livro Em Busca do Real.

traiu, ao contrário, de forma solitária fez uma estética diferente, entrou para a imortalidade, mas não significa que na sua época, havia uma abertura para outro evento revolucionário. Já no caso do Apóstolo Paulo, ele participa da formação do universalismo pela difusão do amor, mas conforme já foi dito, embora ele tenha se tornado imortal pelo feito, o acontecimento Cristo não era um sítio eventural revolucionário. Também no capítulo em que se discutiu o potencial dos movimentos occupy, houve também a ênfase no devir processual das verdades enquanto movimento e continua aberto, as consequências serão percebidas historicamente.

Retomando da outra dimensão do mal como um desastre é quando o sujeito identifica o potencial de uma verdade com uma totalidade, foi o caso do nazismo, por exemplo, não que ele fosse revolucionário, mas era uma situação nova, na qual, pelo misticismo, parecia uma promessa ao povo alemão na forma de reversão dos problemas econômicos, mas era um fascismo. E o simulacro seja talvez, o mais comum, é como se o sujeito ou a sua coletividade evocasse o vazio sob a aparência de uma novidade, mas, na verdade, é um chamado para a situação anterior. Então, conforme já foi dito, o mal é uma ideologia entendida como a subjetividade das condições objetivas, que se manifesta por estas três dimensões, é como ele aparece ao sujeito, mas não é autoevidente.

A partir destas três dimensões, ele discute a característica ontológica do acontecimento que é a nomeação pelo sujeito ou um sujeito humano em processo das verdades, caracterizado como aquele que luta contra a imanência da morte, do qual um bom exemplo seria Marx:

> Para usar um exemplo célebre, Marx produz um acontecimento no pensamento político ao designar, sob o nome de proletariado, o vazio central das sociedades burguesas incipientes. Pois o proletariado, totalmente desprovido, ausente da cena política, é aquilo o redor do que se organiza a plenitude satisfeita do reino do proprietário dos capitais. (op.cit.p. 72)

Através desta concepção humanitária que se apoia nestas três dimensões, a ética das verdades e não este niilismo ético é que pode se opor a esta generalidade reativa para a captura do mal. Porém é preciso pensar que na democracia tudo toma um valor em si quase nunca aparece como discurso totalitário sobre os direitos humanos. Deste modo, ainda assim , pode -se dizer que há um simulacro do sujeito, da política, da verdade, tudo como promessa voltada comodamente à ideia de que os problemas políticos que envolvem tais direitos se resumem à regulação dos direitos do vivo. É neste cenário que fica explícita a luta identitária da guerra civilizada, no caso das

disputas pelas riquezas e controle de território e a guerra dos bárbaros, no caso, o homem ocidental, branco, com domínio da tecnologia e o do outro lado, o todo outro, ou seja, o sujeito que não se enquadra nesta generalização e representa os direitos do homem animalizado. Neste sentido, a política engendra o medo como uma pauta de domínio universal e os direitos humanos reproduzem a ideologia de uma verdade única, aquela que professa perante o alta que a finitude pela imanência é a única certeza possível, ainda que na forma do direito do todo outro e sua potência preservada na crença de um ente infinito.

A democracia liberal legitima esse sujeito simulacro, produz situações que envolvem e comprometem o acontecimento pela traição, mas atribui somente ao mal radical o terror. Ela pacifica o processo contínuo, mas o que deveria prevalecer era o sujeito enquanto portador dos processos de verdades, assim, emanaria uma ética perseverante que revela uma humanização de tais direitos. O universalismo sempre vai reproduz ir a ideia de mercado, afinal o dinheiro é a única universalidade possível, é o que Marx chamaria de equivalente geral. Não há uma, verdade há processos que tornam universalizáveis as verdades sobre os sujeitos.

Neste contexto sociopolítico, para compensar o medo, há a ênfase na segurança para evitar o risco de morrer mas e a potência de viver, como fica? É neste sentido que o amor também deve ser evitado porque traz risco, é imprevisível, ele questiona a ideia de segurança? Sim, ele deve ser uma condição política dessas relações que permanecem desumanas. É por isso que trair é uma renúncia, um caminho facilitado. Então um mundo onde o acaso ainda é possível é um risco a ser evitado e a imortalidade adquirida impele a luta, a vontade de continuar.

Porém, todo acontecimento surge de um acaso, uma contestação de uma situação política é que leva o potencial revolucionário a derrubar um regime, então pensar em viver e não se conformar em se proteger ou garantir um futuro tranquilo, pode ser uma situação perigosa, é bom evitar determinados encontros, até o sítio eventural em seu espaço vazio se transformar numa acontecimento, apara evitar as três dimensões do mal, é reconhecido como o inominável (op.cit.pag 83). É preciso coragem não atribuir o impulso de uma verdade a uma totalidade e ir de encontro ao bem que não é a negação deste mal e sim o processo das verdades universalizáveis. Também a traição que é uma espécie de individualismo e negação de uma possibilidade de verdade, não é previsível e o desastre pode vir nas relações ocultas, envoltas num misticismo, elas são totalitárias. Então Badiou assim cita Samuel Beckett para tratar do tensionamento entre o imperativo da

verdade e a luta para sair da condição animal que vai levar ao fim: citemos as últimas palavras de seu livro o inominável : "é preciso continuar. Eu não posso continuar, eu vou continuar" (op.cit).

Então é preciso coragem ao invés de resignação para uma ruptura à essa ética universal, é continuar através de um pensamento radical direcionado ao processo das verdades subjetivas, porém, universalizáveis. Outra questão que também deve ser enfatizada sobre a identidade do "todo outro" é a inclusão das minorias por cooptação, através do relativismo cultural, no evento, haverá outros que vão surgindo, deduzem uma alteridade e não são unos, segundo porque tal forma não representa de fato uma relação dialética, mas que vão evidenciando uma nova consistência ética, torna a convivência um prazer, uma relação amorosa e não uma relação de imposição de reconhecimento.

Neste sentido, como reconhecer estes outros? Pela direção que o compromisso desinteressado faz prevalecer, pela identificação do pensamento coerente, porém, de forma espontânea, no sítio eventural, pelo encontro. Não é o direito natural representado pela vida que nestas relações, ainda é uma regulação do individualismo, pois é este que leva à traição. Esta ligação ao outro revela um modelo de pensamento que não é o conceito a partir da ausência do outro, suprimindo a experiência, e portanto, é caminho, apesar dos simulacros, que o sujeito tem com o tempo a seu favor, uma ontologia da presença, e não o esquecimento pelo tempo, esta revelação torna-se um empecilho à afirmação de uma ligação entre estes sujeitos no pós acontecimento.

Para que haja uma dialética das relações, é fundamental pensar numa outra espécie de conjuntura, estabelecer essa outra teoria do sujeito, sendo o sujeito ativo, prestes a convocar o vazio no estatuto local para um procedimento genérico para o alcance das verdades[140], esta é a lei na coexistência entre os múltiplos, por processos singulares de reconhecimento do outro. A partir desta análise é que a ontologia da ausência em Heidegger vai ser refutada, pois é interpretada como poética que culmina com o niilismo contemporâneo e a ciência reduzida à técnica cuja expansão leva ao esquecimento do ser e tudo é técnica inclusive a arte [141] mas não existe sequer um absoluto literário[142]. A questão é que toda absolutização pela técnica consegue esquecer também a morte que é o fim inexorável, ele acha que tem tempo e quando o tempo acaba, ele também está no seu

[140] BADIOU, Alain. O Ser e O evento. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996.
[141] Contribuições da Filosofia acerca do acontecimento
[142] Expressão do Badiou, op.cit. pag. 85

fim, ele vai ser esquecido no tempo, pode ser substituído pelo outro. É uma tarefa filosófica difícil, mas o acesso ao real é uma forma de impedir que as três manifestações do mal possam se apropriar do inominável para o impedimento do acontecimento. Por isso, a democracia tem o papel divisor de águas, no momento, é possibilidade política hegemônica no mundo ocidental, tanto é radical o estado islâmico, mas assim também é evitada a todo custo a hipótese comunista.

3.2 O amor reinventado e a permanência do político

> " No mundo de hoje, é amplamente difundida a convicção de que cada um segue seu próprio interesse. O amor então é uma contraexperiência. { ...} o amor é, com certeza, uma confiança depositada no acaso."

E isto também é um pensar que produz angústia em termos mundiais. A ontologia da ausência em muito contribui para a não compreensão do amor, inclusive. Da mesma forma que a singularidade do acaso, a arte do encontro se encaminha pela dissipação da ausência e é uma possibilidade real pela ontologia matemática, é a forma mais sentida de experimentar o mundo através da experiência, é o ser múltiplo enamorado pelo poema no sentido de buscar o vazio e tentar nomeá-lo pelo desejo. Neste sentido, situar-se diante de uma realidade e se situar diante do amor que também é uma condição política, é ser presente inclusive como um homem de seu tempo capaz de se reavivar. Da mesma forma que assim é que pode-se interpretar o poema político de Pasolini.

Seria um outro argumento contra o conservadorismo da ética niilista e também contra o neokantismo, porque como é um processo de singularização, foge a regra da ética experimentada pelos juízos, ao contrário, dizem até que perde-se o juízo quando se está enamorado. Ainda que a moral Kantiana esteja internalizada, traga uma racionalidade sobre o que seria o amor como o amor ao próximo e represente um enquadramento, uma espécie de submissão do ato particular à universalidade do imperativo categórico, por isso, sentir o amor quase sempre tem um teor universalizável, o que lhe domina é o universalizante, até mesmo a desilusão amorosa tem o potencial de despertar do sono, passar a desejar e fazer sonhar com coisas novas. Não há nenhuma problemática nesta influência, é altamente recomendada pelas subjetivações necessárias à reflexão

do sujeito, pois este, pela moral Kantiana, deveria se interessar mais pelo julgamento das suas práticas para que se adequem à lei universal, do que pela afirmação de um pensamento no real.

A figura do sujeito é central no amor sem simulacro, facínoras também foram amados ou poderiam se envolver num teatro político muito bem feito, Eva Braun foi a grande companheira no nazismo. Da mesma forma aconteceu uma fidelidade amorosa com Salazar:

> Vendo chegar a viatura oficial com o porta-bagagem carregado de lenha, o chefe do Governo gritou irado à sua governanta: «Os carros do Estado não são para carregar lenha! Não consinto!». A mulher não se ficou e gritou no mesmo tom: «Merda! A lenha não é para mim, é para o Salazar!» Quem se atreveu a gritar assim a António de Oliveira Salazar, homem temido e respeitado por todos, foi Maria de Jesus Caetano Freire, a sua dedicada e fiel companheira ao longo de toda uma vida[143]

Esta citação reflete sobre o que é humano e que o amor foi transformado em um valor universal ou fica muito clara a fundamental militância pela humanização das relações, pelo amor militante, ou, ao contrário, pelos direitos que envolvem privilégios e paradigmas da velha doutrina dos direitos naturais que foram positivados na revolução francesa, na forma de um amor universalista e sexista. Esta conclamação sofisticada pelo amor como condição política, a partir, por exemplo, dos anti-humanistas que militaram e forma apaixonada, e assim, refutaram o pensamento conservador do romantismo. Segundo Badiou, o anti-humanismo em Lacan contribuiu com a crítica de que o sujeito não tem substância, não há uma origem, é uma formação tanto da linguagem como do desejo e ele foi um militante atento à sua época e para o psicanalista.

Desta forma, é preciso traçar as nuances sobre o amor em Badiou e na psicanálise. A primeira circunstância é que ele retira o vazio do indivíduo que, na psicanálise, é parte da estrutura do sujeito e o realoca no espaço eventural (local onde toda ação radical se origina em um ponto, que é, no interior de uma situação. Badiou, 1988, p. 146), só assim é possível o procedimento essencial para o uso criativo desse espaço sob sua própria investigação da fidelidade para a conexão real que o amor lhe dá, em termos de mero acaso, de aventurar-se no momento do encontro. Nesta observação, o essencial seria a combinação de uma necessidade de agir e produzir uma verdade que vai se originar pelo processo e culminar no acontecimento.

---

[143] VIEIRA, Joaquim. A Governanta - D. Maria, Companheira de Salazar. Editora esfera dos Livros, 2010.

Para ele, o psicanalista anti-humanista preconiza o real como algo inalcançável e que beira um abismo: Para Lacan, o que funda a verdade é o Outro como um buraco no saber. Assim ele declara em 8 de maio de 1973: "há um buraco, e esse buraco se chama o Outro, o Outro enquanto lugar onde a palavra, por ser depositada, funda a verdade. "(Badiou, 1994. P.60). Enquanto a psicanálise lacaniana encara a verdade como um esvaziamento, a filosofia enquanto pensamento, a enfrenta como um processo em busca do real. Para que não se deixe emanar a ideia de que há uma contradição ao considerar Lacan como um anti-humanista, é fundamental entender que o que há de comum entre a filosofia dos processos e a psicanálise é justamente o que foi declarado por Lacan, ao reconhecer que a psicanálise também pode (e não deve)se constituir a partir de sua própria experiência como um saber. (op.cit. p.61) e por outro lado, pelo desejo do matema (op.cit.p.64) que é um desejo, ainda que no campo do inconsciente.

Ainda em concordância nesta relação com a adesão relativa a uma verdade que é produzida pelo sujeito, ou semiverdade e que de fato há esta separação entre o pensamento e o real, mas o psicanalista diz que a origem desta impotência que é o amor à verdade se deve à castração, e portanto, ao esvaziamento e a sensação da eterna busca pelo que não existe, a incompletude que resulta na necessidade de se unificar ao outro. Para o autor, esta verdade genérica e não construtível, cuja intuição genial que Lacan teve é que conduz ao fato de que a verdade é infinita.(op.cit.p.68) A matemática então vai formalizar um pensamento que se expressará na linguagem com o outro, mas que é, de fato, o ultra um (op.cit) se for entender que o pensamento é primordialmente infinito, acima de tudo e o matema é a forma na qual é possível se expressar com o outro.

Para falar ainda da condição que o amor representa na singularização do sujeito, talvez seja a mais popular delas, afinal é uma subjetivação de toda a humanidade ocidentalizada, pelo dito universalismo romântico. No seminário 20, [144]Lacan define o amor como algo impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos. Nesta configuração é possível estabelecer claramente a oposição sobre a ideia e materialização do amor assim como suas consequências para esta humanidade. Não há, pelos múltiplos, conforme foi dito, através do amor, este desejo de ser um porque longe de toda esta idealização, o amor é uma prática, uma experiência não narcísica, mas que a realização é o alcance do dois e de cada um em sua multiplicidade, é nesta hipótese que

[144] JACQUES, Lacan. Seminário 20, Mais, ainda.3.ed. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1975. P.13

se mantém a fidelidade que representa o evento do encontro amoroso. Porém, o amor promovido pelo capitalismo liberal é sempre a liga que promove estrategicamente o uno no seu campo opressivo deste desejo impotente.

Propondo uma análise desta tessitura entre amor, universalismo e a difusão de um pensamento conservador e que contrasta com a filosofia enquanto um pensamento que não unifica os sujeitos nem por um sentimento comum, porque prescindir da experiência é uma forte objeção, então é desvincular o amor daquilo que leva fatalmente ao uno porque, conforme já foi dito, não deixa de ser o ser para o morte e isto fatalmente resulta não só no niilismo mas como na tragédia que pode muito bem findar uma paixão. Sobre o entrelaçamento da paixão com a questão de gênero, Badiou cita uma autora japonesa, Murasaki Shikibu, para falar da questão do romance enquanto uma preocupação com o amor na visão das mulheres.[145] Não apenas se trata de um romance cuja autora é mulher mas sim de uma pessoa do povo que vivia isolada do mundo, como serva da corte imperial, a ponto de outras na mesma situação, desenvolverem uma língua própria.

A invenção de uma literatura própria surgiu da necessidade de se expressar subjetivamente, mas que, ao mesmo tempo, representava uma angústia universal, afinal era a figura feminina como subserviente. Para Badiou, não se trata apenas de um romance sobre os efeitos deste isolamento, mas sim o entrelaçamento da mulher com o amor como um interesse de toda a humanidade.[146] É neste sentido que o universalismo em sua característica ablativa da experiência, suprimiu a questão da mulher e abriu totalmente as portas para o gênero normativo com suas tendências patriarcais.

Seria uma forma de ocultar a experiência do amor como uma condição localizada no mundo, sem fronteiras, acessível a todo sujeito e que o torna melhor por afetar de forma positiva o pensamento. Não é esta anulação do romantismo de um pelo outro, uma liturgia do sofrimento, no qual a mulher torna-se o ser dessubjetivado, esta também é a configuração de um niilismo. Outra observação relevante é que diferentemente da ciência, da arte e da política, o pensamento que constitui o procedimento amoroso não é sobre o amor em si mas certamente da demanda que é o amor enquanto uma experiência poderosa que envolve erros, paixões, possessão, sexo, enlutamento

---

[145] _____Conditions. Tranduzido para o Inglês por Steven Corcoran. Ed. Continuum, Inglaterra, 2008.p.180

[146] Trata-se do Romance The Tale Of Genji, Escrito no Século XI.

(Badiou, 2008.Op.cit.p.183). Então, este procedimento amoroso que resulta de um encontro tem desdobramentos políticos muito importantes. Uma delas é que enquanto o sujeito não tem uma substância mas a sua matéria é o acaso, a humanidade é o que sustenta a infinita singularidade das verdades (op.cit. p.184). Então para tratar da humanidade e confrontá-la com a ideologia ética do humanismo, é preciso entender que há um indício que vai além do sujeito no niilismo ético, é que ela existe apesar da abstração, como uma habilitação que constitui a base dos procedimentos da verdade quando a ciência não é um privilégio, a política serve a todos, a arte é criação e o amor não é a mera reprodução de valores universais.

Isto porque é a humanidade que resiste em cada um que mantém a infinitude do pensamento e o processo de verdades por singularizações do sujeito. Se a universalização se mantém por um discurso, é possível que se o ser que constitui este sujeito em algum momento se rebele contra a imposição deste niilismo ético, digamos, por algum destes procedimentos e se torne uma novidade ainda que não se revele pelos outros três procedimentos, mas nele já ocorreu uma abertura mínima para que seu pensamento seja afetado pela humanidade que ainda lhe habita. O que vai lhe inserir no processo das verdades e escapar da convicção ligada à ética niilista é não desejar mais a conformidade da vida resignada, então pode-se dizer que enquanto a matéria do sujeito é o acaso e nele está o agir apesar da indiscernibilidade, em primeiro momento, a matéria da humanidade é o conjunto de verdades que são processadas pelas singularizações através dos quatro procedimentos genéricos.

Como então uma questão que é indiscernível, para este sujeito universal, passa a ser a decisão necessária para a abertura do acaso? Segundo Badiou, é através do forçamento, ou melhor, aquilo que convém em se manter entre a segurança ou risco, aparecendo sob o nome de indecidível só pode se revelar através deste forçamento por onde o evento aparece ou retoma depois de ser cooptado pelo estado. A abertura é uma retomada de posição desse sujeito que parece predestinado a sucumbir a vontade do nada, a viver sem amor, numa universalidade dada. De forma paradoxal, a partir da aparência do indiscernível que assim se mantém para que o estado não o capture pela ética, é que se pode passar do estado de resignação à força movida por uma intervenção e capacidade de decisão do ser, pela retomada do pensamento infinito. Se na constituição do sujeito a infinitude é negada e a ética é a consciência do mal, isto significa que para que se afirme algum

tipo de humanidade é preciso que este sujeito passe por pelo menos um destes procedimentos genéricos.

É uma singularização porque quando se decide pelo agir, o sujeito deixa de se submeter a uma verdade da lógica do capital, cuja aparência é universal, mas que na prática, serve mais a uns do que a outros. O que a abertura neste ponto apresenta é que pode seu devir ativo passa a pertencer de maneira concreta à materialidade dos acasos, e se abandona a inércia, e aparece o potencial dos processos apesar da subjacência do niilismo do ser para a morte, ou seja, a atemporalidade da ação passa a dar ao sujeito uma outra escolha para viver.

Retomando a questão do amor no capitalismo, é sabido que ele é marcado por toda a ideia de unificação com divisão dos papeis sexuais e todos os problemas relacionados à paixão que mortifica o desejo. Como não pensar que esta posse está estritamente ligada à questão do direito do mesmo com o outro? Isto é sem dúvida à remissão da fidelidade do amor viciado no individualismo universal. Ao conceito de que o ciúme é demonstração de amor. Esta soma dos dois na conta do um é a problemática da inconformidade do desejo masculino que esmaga e dessubjetiva o desejo feminino. Os dois estão inexplorados pelo sentimento do acaso e imbuídos nos valores do capitalismo e Cristianismo, ainda que de forma oculta. Então é possível pensar que o amor como um belo acaso, só se realiza como uma condição política através reconhecimento do amor militante no procedimento das verdades, como o início desta humanidade. Também para o autor, sobre a singularização através da coletivização pela política, como na hipótese do comunismo.

Caso contrário, esta unicidade que revela as implicações da identidade do ser com a morte que se relaciona com a ética contemporânea em dois momentos, o primeiro deles é que está vinculado aos direitos do vivo, faz esquecer a singularidade do acaso e o mantém em sua condição biológica que representa a luta contra a morte imanente, não há tempo para pensar numa troca de benefícios recíprocos. Este paradigma do romantismo presente na democracia parlamentar é uma ideologia que encampa uma economia consensual do pensamento e faz prevalecer o romantismo através do nacionalismo e outros valores idealizados. Nas palavras do autor:

> Na verdade, existe a meu ver o encontro de um outro, mas aí é que está, um encontro não é uma experiência, é um acontecimento que permanece inteiramente opaco e só tem realidade em suas consequências multiformes num

> mundo real. Também não vejo o amor como uma experiência oblativa, ou seja, uma experiência na qual me esqueço de mim mesmo em benefício do outro, sendo ele próprio um modelo, neste mundo, daquilo que, em última instância , me remete ao todo outro (Badiou, 2009, p. 21).

É preciso um mundo novo onde o amor singularize através da experiência de vida e não pelo desejo de morte. Porém, o amor também é a possibilidade de se reencontrar pelo dois e deixar de ser o uno, o encontro de dois é, neste sentido, um acontecimento.

3.3 Os afetos da verdade contra o mal

É importante lembrar que a atualidade da configuração política é uma característica marcante em Badiou. A questão de se afetar pelo pensamento para entrar no processo das verdades é o paradigma de desconstituição do sujeito vazio da moralidade dos Direitos Humanos e encarar a sua materialidade pelo acaso como um novo sujeito, o que não é denominado a partir do mal Kantiano. Este processo parte de uma afirmação sobre o que o sujeito é e qual é a importância de posicionar-se no mundo e manter uma ética perseverante, o vazio é algo desconhecido, mas não é ausência, ao contrário, é justamente o espaço de atuação. Por outro lado, negar o mal é entrar em outro processo indesejado que é negar que ele existe e neste aspecto, politicamente pode ser uma posição niilista porque não é se afetar também por uma espécie de autoengano. Não há porque defender os direitos humanos numa função devotada à resiliência e aos afetos negativos que culminam no totalitarismo maquiavélico. Por exemplo, o que é o retorno do nacionalismo, do rigor contra os refugiados e a austeridade da política fiscal contra os trabalhadores que sustentam uma economia?

Não é demasiado relembrar que o partido nazista, considerado neste contexto, um mal radical, tinha como interesse unir o povo alemão não só contra a ficção de um inimigo comum, mas assim como num discurso centrado em torno do trabalhador empobrecido, naquelas condições históricos, esta aqui também foi uma situação que envolveu a política de reconhecimento em Lévinas, quando ele trata do trabalho como uma forma de agradecimento e louvor ao todo outro metafísico e uma pacificação das relações sociais. O lado extremo de achar que o mal não existe é

se deixar levar pela ação massiva de um descontentamento movimento por um discurso de ódio e encampamento total pelo pensamento conservador centrado no sinto ódio, por isso existo.[147] É um sentimento tão primitivo do recalque da condição vitimária e, ao mesmo tempo, procura um discurso inflamado e um pessimismo generalizado contra todas as instituições, porém, é uma posição reativa que não pertence à postura postulada pela perseverança: O retorno interesse-desinteressado para o interesse bruto, o forçamento dos saberes por algumas verdades. Ao final do que, o animal humano tornou-se o senhor absoluto de seu biótipo, o qual é verdade, não passa de um planeta de segunda ordem (Badiou, 1995.p. 64). Então quando há predomínio de determinados aspectos negativos na questão política, há consequências são condicionadas à ideologia da condição vitimária e ao mesmo tempo reproduz o pensamento reativo. A primeiro risco do afeto é permitir que o estado tome medidas que reforçam ideais nacionalistas, que enfatizam a projeção pela violência, como aconteceu recentemente na eleição de uma direita ultraconservadora nos EUA.

O segundo risco negativo é o fortalecimento desta política identitária que enfatiza valores religiosos e familiares contra a abertura e a reciprocidade de afetos necessários na vida pública, tais como ao invés de rejeitar o outro por sua orientação sexual ou por ser de outro grupo étnico e proferir discurso de ódio, pensar que o direito deste grupo é um avanço necessário da humanidade mas esta também é uma crítica quanto ao sujeito universal dos direitos humanos e sobre a sua repercussão quanto à política das minorias e sua relação com a hegemonia do pensamento ocidental e ainda colonial, campo fértil para as guerras. Segundo Badiou, esta é a hipocrisia da França, país reconhecimento como um ideal de democracia e seus males menores por não haver sido contaminado por um "mal radical:"

> Evidentemente, a tentação de vingança, neste tipo de crime em massa, é um impulso que parece natural. A prova é que em nosso país, que sempre se orgulha de seu estado de direito e que rejeita a pena de morte, a polícia, no tipo de circunstâncias que nós conhecemos, mata os assassinos assim que ela os encontra, sem, é o caso de dizer, sem outra forma de processo, e sem que ninguém, aparentemente os formalize. É preciso, contudo recordar que a vingança, longe de ser uma ação justa, abre sempre um ciclo de atrocidades. Nas grandes tragédias gregas, há muito tempo, opomos a lógica da justiça á lógica da vingança. A universalidade da justiça é o oposto das vinganças familiares, provinciais, nacionais e identitárias.[148]

[147] Jargão popular encontrado em expressões na mídia

[148] _____Entrevista concedida sobre o ocorrido foram uma série de atentados terroristas ocorridos na noite de 13 de novembro de 2015 em Paris e Saint-Denis, na França. Os ataques consistiriam

Conforme já foi mencionado sobre a composição universal do sujeito, este excerto da entrevista é fundamental para entender que a parte do niilismo imposto na leitura deste sujeito que também é alguém vítima da universalidade na lógica capitalista. O que ocorreu após o atentado foi um acirramento das relações entre árabes muçulmanos e franceses. Isto significa na radicalização do discurso do estado, no ódio difuso aos direitos humanos, na perseguição policial, na expulsão dos refugiados, e com isso, a expansão da política do medo com obsessão pela segurança dos nacionais e seus efeitos colaterais para a ideologia dos direitos humanos.

Então, há ainda um terceiro risco, conforme a entrevista com base no modo anárquico e violento e finalmente criar ao redor das vítimas uma paixão tal que nós não poderemos mais, por fim, distinguir entre aqueles que iniciaram o crime e aqueles que o sofreram (Badiou, entrevista citada). Em certo aspecto quando os direitos humanos se impõem como um discurso e não como uma prática, implica que por ser uma ideologia e não um pensamento, a sua não vinculação à uma ética dos processos pela experiência e a falta de vocação em resolver os conflitos financia de uma forma indireta a indústria do mal. A irracionalidade da ação multiplicada é o oposto do ser múltiplo e da sua capacidade de renegação à imposição que a vítima tem de se reconstituir como humana apenas no momento da sua morte. Todos estes massacres e assassinatos em massa e muito bem televisionados provocam o aumento da solidão pública e o sentimento de piedade ou seu extremo, o ódio como finalidade da existência.

Por isso, deve-se estar atento a estes acontecimentos que, na verdade, são simulacros, pois foi no contexto de exacerbação do discurso místico e salvacionista que o nazismo evocou o mal que parecia a panaceia para a resolução dos problemas sócio-políticos do povo alemão. E assim falsamente evocou um acontecimento, inclusive utilizando a potencialização dos afetos negativos convocando o povo sob o regime de duas ideologias; a “nacional” e o “socialismo” para uma cooptação por simulacro. Por isso nem todo fato novo, é um evento, porém, o que ocorreu foi que,

---

de fuzilamentos em massa, atentados suicidas, explosões e uso de reféns. Ao todo, ocorreram três explosões separadas e seis fuzilamentos em massa, incluindo bombardeios perto do Stade de France no subúrbio ao norte de Saint-Denis. O ataque mais mortal foi no teatro Bataclan, onde os terroristas fuzilaram várias pessoas e fizeram reféns até o início da madrugada de 14 de novembro. Traduzida pelo círculo de ideias e ideologias. Consultado em novembro de 2016. Informações sobre dados do atentado foram retiradas do wikipedia.

dentre os procedimentos genéricos, a política é o que torna capaz de transformar o sujeito através de uma força que subjetiva pela coletivização, porém, no caso do nazismo, a sua singularidade foi marcada pela jurisdição do nacionalismo e valores totalitários de povo, nação, superioridade racial. A única forma de ultrapassar este vazio coletado pelo existencialismo no discurso de ódio é de fato, em primeiro lugar, a ruptura com a ordem, com a espécie de singularidade que ela representa.

Da mesma forma que o vazio no nazismo foi redimensionado no espaço público pelo discurso contra o inimigo forjado, no caso, o povo judeu, a ética contra o mal apresenta o sujeito pela substância do simulacro no evento:

> Toda invocação do solo, do sangue, da raça, do costume e da comunidade trabalha diretamente contra as verdades, e é precisamente esse conjunto o que se designa como inimigo na ética das verdades. Em vez de fidelidade aos simulacros, quem promove a comunidade, o sangue, a raça etc nomeia um inimigo-por exemplo, sob o nome judeu-precisamente o universal abstrato, a eternidade das verdades, o endereçamento a todos. (op.cit.p.78)

Esta relação mencionada (entre o mal e o bem) apresenta a virada ontológica do ser para a morte que no âmbito da filosofia política é fundamental pensar para a questão da prática militante. Esta ideologia que nos direitos humanos o torna uma vítima, um ser passivo à espera do destino exatamente como ocorre nas relações de poder bélicas no qual o algoz decide quem vive e quem morre, ao contrário, o homem é um ser para a vida. O que faz surgir o bem, e por consequência o Mal, decorre exclusivamente da rara existência dos processos de verdade. Transido por uma ruptura imanente, o animal humano vê seu princípio de sobrevivência -seu interesse-desorganizado (op.cit.p. 65). Somente com esta aversão ao caos organizado, porque o mercado é anárquico segundo o marxismo, neste sentido, quando os agentes da opinião pública agem livremente, mas o resultado desta ação pode até ser totalmente imprevisível, mas sempre vai manter a subserviência organizada em classes.

Para Badiou, por mais que estes afetos expressos como sofrimento possam reivindicar episódios violentos por conta do impulso da negatividade dos alguéns dos sujeitos contra aqueles que eles consideram ninguém, eles teriam como fonte o romantismo como farsa do processo amoroso. Assim, pelo processo das verdades, o caminho seria traçado pelos seguintes objetivos: sim, é preciso reconhecer que o mal existe.

A partir da constatação da existência do despotismo do mal centrado neste sujeito é que vai se distinguir a violência que faz o animal humano perseverar em seu ser, buscar seus interesses,

aquém do bem e do mal. Porém, não há um mal radical de onde se permeava essa distinção. Que o mal só é imaginável como distinto da predação banal ao ser encarado a partir do ponto de vista do bem, se for pelo alcance do pensamento nesta captura pelo processo das verdades. A banalidade do mal é o que faz parecer com que o ser seja categoria do animal humano, embora seja uma ficção do sujeito em sua resignação contra a morte. Não há mal enquanto o homem for capaz de tornar-se o imortal que é. Como diz o autor, que a ética das verdades, como princípio de consistência da fidelidade a uma fidelidade, ou máxima de continuar! É o que tenta conjurar o mal que toda verdade singular torna possível (op.cit.p.71).

De outra forma, o bem ainda resiste em nascer dentro desta organização da vida singular, por um sujeito que sai deste obscurantismo resignado que é a condição de vítima deste sistema com uma ação previsível, e passa a agir pela perseverança regida pelo acaso. Como é a previsibilidade anárquica deste modus operandi do sistema? Quando a aparente falta de sentido é no resultado imprevisível somente nesta consistência ética que mantém a rotina de sobrevivência, onde nada é afetado de forma positiva. Porém, quando se deixa afetar, é muito usual sentir que cai por terra a apatia ou o narciso imperativo, na melhor das hipóteses, como define Badiou:

> "Em contrapartida, se eu "cair apaixonado" (a palavra cair denota a desorganização da marcha das coisas), se for capturado pelo furor insone de um pensamento, ou se algum compromisso político radical demonstrar-se incompatível com todo princípio político radical demonstrar-se incompatível com todo princípio de interesse imediato , eis então obrigado a comparar minha vida , minha vida de animal humano socializado, com outra que não ela própria (op.cit).

Por um lado, é de forma interessante que Badiou descreve o deixar-se afetar por sua ética perseverante, ele descreve muito bem pelo conceito inspirado em Spinoza, quando fala em renúncia do estilo de vida é uma referência aos interesses próprios, é potencializar o sofrimento.

Ao contrário, quando somos capturados por uma verdade, essa captura se manifesta por intensidades inigualáveis. Pode-se dar-lhe nomes: no amor há felicidade, na ciência há alegria (no sentido de Espinosa: beatitude intelectual); na política há entusiasmo; e na arte há prazer (op.cit. p.58). É essa leva de sentimentos que ele denomina de afetos da verdade. É com inspiração em Espinoza que diz:

> A alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior. A tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor. Explicação: digo passagem porque a alegria não é a própria perfeição. Pois se o homem nascesse com perfeição à qual passa, ele a possuiria sem ter sido

> afetado de alegria, o que se percebe mais claramente no afeto da tristeza, que é o seu contrário. Com efeito, ninguém pode negar que a tristeza consiste na passagem para uma perfeição menor e não na perfeição menor em si, pois o homem à medida que participa de alguma perfeição, não pode se entristecer. [149]

Apesar do filósofo, em seus axiomas, submeter a existência humana a uma substância superior e infinita, deus, existe esta contribuição teórica da necessidade de ligação pelo afeto. Muito diferente de ser afetado pela ausência em Heidegger ou pelo ascetismo religioso de Lévinas:

> Os defensores da ideologia ética bem sabem que a identificação do mal não é um assunto menor, mesmo se toda sua construção repousa em última instância sobre o axioma de que há, na matéria, uma evidência de opinião. Eles procederam então como vimos que fazia Lévinas para o "reconhecimento do outro": radicalizam o discurso. Assim como Lévinas enlaça finalmente a originalidade da abertura ao outro com a suposição do todo outro, da mesma maneira os defensores da ética enlaçam a identificação consensual do Mal com a suposição do mal radical (Badiou, op.cit. p.66).

A contaminação pelos afetos negativos pode se revelar através do recrudescimento da ação, um retorno ao estágio individualista, ao potencial do ressentimento. Seria o caso da renegação da vida militante, quando por exemplo, um ex-revolucionário se arrepende de ter participado de um evento, por exemplo, é uma característica do seu retorno à condição de vítima ou animal. É uma traição e com base no afeto a ser desenvolvido pode ser que esta tenha se transformado nem sentimento total de negatividade, no qual o sujeito não consegue mais se desvincular. É o resultado mais complexo que retoma a questão da entrega da filosofia à vida da lógica capitalista.

Por outro lado, a ontologia matemática é o pensamento coerente que leva à construção da teoria do sujeito não com base no pensamento formal e sim para a dedução que o ser o múltiplo é capaz de se impor contra a unicidade, ainda que a unidade seja em forma de um afeto negativo, em algum momento do vazio, ele pode assumir riscos através de singularidades que perpetuam o acaso, além do medo e do ressentimento, muito além das situações que reproduzem as opressões do sistema.

---

[149] SPINOZA, Baruch. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3.ed. 2.reimp. -Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.pag. 239

É importante mencionar que a discórdia que cria os afetos negativos da traição e do simulacro, não é só deixar de ter um pensamento coerente mas este ponto do indecidível em Badiou, ou seja, dos aspectos da abertura de novos fatos políticos pelo acontecimento é quando o desejo do sujeito não se compara mais ao do animal para assegurar a oportunidade sociabilizada em se manter vivo, em constante luta contra a morte.

O pensamento só era admitido pela arte em geral ou pelo poema que é verossimilhança por ser criação, porém pode ou não ser a interpretação da realidade. Enquanto em Badiou o pensar pode ser admitido pela arte, pela ciência, pela política, pelo amor, estas questões perpassam suas obras e determinam as condições da filosofia. Enquanto houver a predominância deste pensamento universal, o homem não se realiza pela arte nem pelo amor, através destas singularizações e nem se torno um sujeito coletivo pela ciência e pela política.

Então, rumo à independência da relação com o outro é uma fonte de viver, a admissão do afeto por encarar uma nova possibilidade que não é a verdade atual, é melhor deixar fluir uma interação do que apenas praticar uma compaixão, afinal, nesta última há uma hierarquia e não um compartilhamento de afetos positivos. Esta menção aos afetos tem uma origem em Spinoza, porém, não há assimilação quanto à ideia de substância porque ela é deus. Mas a inspiração está no fato de pensar que toda individualidade é o efeito, ou melhor, a unidade do desafeto causado pela universalidade do mal. Inclusive ele usa a expressão beatitude intelectual para falar de como a ciência deve ser por excelência uma tecnologia a serviço de todos, que produza um afeto positivo no engrandecimento dos múltiplos, pelo progresso, que venha beneficiar a todos.

Como foi dito sobre o amor, que também é um afeto para a produção das verdades e alcance da ética da perseverança, para um sentimento radical movido por estes conceitos que supere a ética atual seria então uma militância cujo amor fosse assujeitado pela contraexperiência[150]mencionada , esta é a conotação dita anteriormente, ele se perfaz como condição política e que seria capaz de nomear o bem porque refuta o sentimento niilista de que nada vale a pena e ninguém presta, no final das contas.

Além disso, vai preconizar que a única coisa que vai fatalmente acontecer ao homem é justamente o desejo pela filosofia que luta pela vida e então vai viver em função desta categoria existencial, isto é produzir um afeto positivo. No regime democrático, a ética niilista figura como uma representação consensual que legitima a polaridade bem ou mal e defende o capitalismo como

[150] _____ e Truong, Nicolas. Elogio ao amor. São Paulo: Martins Fontes- Selo Martins, 2013.

o sistema predominante contra tudo o que é considerado bárbaro no mundo ocidental como se o terror não fosse uma batalha ideológica. Se bem que, em tempos recentes, Ranciére descreve um afeto denominado ódio à democracia. Seria este o único regime que asseguraria a política de segurança do estado e a consequência é a produção de um sujeito cujo agir é limitado à condição de vítima ressentida? Segundo Heidegger, os afetos marcados pelo ódio e pelo amor são excitantes e cegos, porém, clarividentes[151]. E então ser fiel a um afeto negativo, por mais que seja devorado ou permaneça com um mínimo existencial é uma cegueira, um deixar de distinguir o devir do acaso[152] (Badiou, 1988). Esta fidelidade ao acontecimento seria mais uma questão de subversão e não mais o fato de reproduzir nas relações sociais, a subjetivação de inferioridade, em algum momento vai influenciar um status de ressentimento.

No caso dos afetos de ódio, como no discurso de horror ao terrorismo que é considerado um mal radical pela democracia, cuja prática é atribuída aos bárbaros, as agências de direitos humanos mantêm o mesmo padrão universal da vítima, apenas presta socorro para que ela não morra. Neste sentido, ao agir como estrutura, há esta tendência ao neokantismo, no qual o homem precisa se adaptar ao universalismo porque tem uma inclinação natural à discórdia, uma alma babilônica e não ao amor, ou afeto positivo. Seria o odeio, logo existo o pós-cartesianismo por excelência?

[151] _____Nietzsche. Traduccion de Juan Luis Vernal. Barcelona, Ediciones destino. 2006. P.56
[152] Op.cit. pag.188

CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado encarregou-se do compromisso de abordar alguns aspectos contemporâneos sobre um niilismo ético como uma ideologia dos direitos humanos e que se expressa através de três dimensões do mal: o simulacro, o terror e a e a traição. Para tal, esta análise apoiou-se na dissecação da construção da subjetividade através do pensamento sistêmico do filósofo político Alain Badiou. Para ele, o sujeito dos direitos humanos no seu modo de comportar-se perante o mundo, onde impera a universalidade da mercadoria e seus equivalentes, assume uma condição vitimária similar ao do animal que luta pela sobrevivência contra a morte.

Esta ideologia niilista é influenciada pela ontologia da ausência em Heidegger. Para Badiou, este ser que constitui o sujeito deve ter uma outra relação com o mundo, o que o eleva da condição de ser assombrado pela morte, ao ser para a vida. Seria uma hipótese de virada ontológica, da ontologia da ausência para a da presença, ou em outras palavras, do ser para a vida ao ser para a morte. Esse sujeito da ética é movido pela necessidade de reconhecer o mal, em primeiro lugar, de forma que o mal é uma verdade universal. É preciso entender que esta imposição o deixa afastado da subjetivação que perpassa os processos das verdades através de quatro procedimentos genéricos: o amor, a política, a ciência e a arte.

Estes procedimentos genéricos são assim denominados porque fazem parte do pensamento enquanto sistema, ao mesmo tempo em que representam a abertura para o acontecimento. Enquanto tudo é tomado pela universalidade da mercadoria, então a projeção de um sujeito que se afeta a partir de uma determinada localidade que pode ser universalizável já retoma a sua humanidade porque não existe nenhuma generalidade que possa afirmar um ser único em suas distinções e pensamento infinito. A multiplicidade que faz parte do ser o torna tão infinito que somente o que é dizível do ser -enquanto- ser é o que dele pode ser matematizável.[153] Por isso, quando se fala dos múltiplos não é a matemática em si que se torna importante, mas a sua capacidade em dar coerência ao pensamento sem a formalidade da filosofia analítica.

Assim, quando se afirma que o pensar pode ser algo diferente, que não é esta abstração que, na verdade, posterga a experiência com e pelo outro, se está afirmando que há um direito a

[153] _____O Múltiplo sem Um. Uma apresentação do Sistema de Alain Badiou. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2011.p.31

uma existência plena, que esta conexão é uma reflexão filosófica na qual existe uma demanda para correr o risco do afetivo, do político, da criatividade e da beatitude sem se tornar uma abstração dentro de um sistema unânime. A transgressão dos direitos humanos nesta teoria é justamente pensar que o homem não é uma matéria com uma ação radicalizada na sobrevivência ao enfrentar o maior vazio do destino inexorável que é o tempo. Ao contrário, a sua matéria é fruto do bem que gera uma ruptura e o leva a um céu das verdades[154]. Assim, não é que se queira refutar a ontologia como um todo mas sim afirmá-la por uma situação singular e cujo humano não parta de uma negação, uma identidade com o mal porque esta característica o irá remeter a julgamento de tudo o que for considerado não-humano e, para este parâmetro, só é possível permanecer através de uma política autoritária. Em muitos aspectos, esta política deixa transparecer que só restaram corpos no campo de batalha quando, o que se tem são fluxos intensos de pensamento entre um ser e o outro.

O encontro com o real através da aventura que a vida representa, não em marcha fúnebre esperando que algo errado vá acontecer, pelo pessimismo que a implantação do terror pelo medo provoca, ao contrário, o ser se move em direção à confabulação que toda vida humana merece ter. Essa sensação que a ética niilista provoca, ao conclamar que a vida é uma eterna resignação diante uma trama final, então o agir é sobre o nada e assim nesta conjectura, pensar no outro, provoca a necessidade de se auto afirmar pelo direito do humano, que em seu conjunto pleno, vai ser a totalidade dos direitos humanos. Estes direitos representam até uma segurança a favor do direito de sobreviver, de não ser subjugado, de não ser discriminado, enfim, para não sofrer uma violência, porém, ao invés de "os direitos do homem contra a miséria, são os direitos do imortal que se afirmam por si próprios. São os direitos do imortal diante da contingência, do sofrimento e da morte. O direito do Homem é primeiramente o direito da resistência humana (op.cit.p.108).

Para Badiou, esta totalidade é um radicalismo, no sentido de agir de forma desproporcional e ao mesmo tempo, unidirecional, com os olhos vendados na terra e a cabeça erguida a este céu pelo clamor que a falta de perspectiva provoca, por isso, esta ética das diferenças poderia ser, pelo toque do experimento, a ética das perseverenças ainda vivas. A proposição é para outro sujeito humanizado, que não esteja subordinado à consciência do mal, que seja capaz de tomar uma decisão por conta própria, a começar sua existência pela indução, ou melhor, pela experiência. Nem vítima, nem algoz do próprio destino, nem portador de nenhuma missão heroica pelo outro, pela ideia de salvação.

---

[154] Expressão utilizada por Badiou No teoria do Sujeito, já citado, p. 110.

Tão importante tema e contemporâneo é tratar do amor como uma condição política, uma singularização pelo encontro, pelo experimento do dois, pela experiência da diferença enquanto a arte educa o homem, o torna sensível. A ciência e política são responsáveis pela coletivização do ser, enfim, são essas quatro condições que o humanizam. Para sair da generalidade, é preciso correr o risco que culminará no evento através do processo das verdades porque não há uma verdade única e este seria o caminho para tornar-se um ser múltiplo e não um pressuposto de forma genérica dentro de uma universalidade.

Numa apresentação a partir do ser enquanto um, a multiplicidade que antecede a unidade na ontologia, não se apresenta, a não ser na conta por um que é assimilada pelo estado legitimado na forma de democracia. Contudo, a pretensão é salientar que o niilismo pode ser relativo, quando o desejo se conforma em querer o nada ou absoluto a partir do momento em que a ética que gira em torno do arquétipo do mal também se revela como uma preocupação com o outro, na figura do mesmo e do todo outro, formulada por Lévinas, e assim, presume-se que há a impossibilidade de se alcançar o bem entre os povos se não for a partir de uma finitude que se complementa a partir de um ente infinito. A inclusão das minorias por cooptação através do reconhecimento do mesmo, pelo relativismo cultural, é outra questão também levantada.

Conclui-se que esta ética niilista é uma manifestação sintomática de um sistema econômico cuja racionalidade do mal se torna consensual a partir do pensamento difundido pela opinião pública. Seria o caso dos genocídios étnicos pela subalternização do pensar e produção de saberes do outro, este estranhamento que identifica o mal para discernir o que não é o bem. É preciso pensar o que está em jogo como proposta do valor universal que produz destruição em massa sob a ordem de subjugar este mal. Para este fim, é preciso correr o risco e romper com o pensamento democrático de que o universal é algo dado, fruto dos direitos naturais, que a singularidade prescinde da experiência.

O que deve prevalecer é o desejo pelo risco da imprevisibilidade consciente da necessidade de romper com as opressões que fluem como uma universalidade e que não se originam a partir de localidades. O estado, que não pode participar do evento, por ser a situação, tenta nomear o indecidível quando o evento aponta para o fato novo, esta questão também se caracteriza pelo controle capitalista em se evitar o risco deste acontecimento. Para chegar a tal conclusão, foi utilizada diversa bibliografia do autor assim como suas referências na filosofia.

Desta forma, dizer que este sujeito não é substância, mas sua matéria é regida pelo acaso, significa dizer que há uma ontologização do mesmo que até então era, dentro da universalização, considerado alguém, entre muitos uns. O que é preciso salientar que a objetificação é bastante oportuna na democracia, uma vez que só o fascismo declarado num totalitarismo é considerado um mal radical enquanto a expansão da política imperialista é considerada um bem, no processo civilizatório, o bem contra o mal com a reprodução desta ideologia ética niilista. É necessário mostrar a atualidade da problemática das relações constitutivas entre o regime democrático e a inexistência absoluta do amor pelas verdades que a sua teoria propõe como condição necessária para a construção de um humanismo alicerçado numa outra teoria do sujeito.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. Ética- Um Ensaio sobre a Consciência do Mal. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____ O Ser e o Evento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

_____ Elogio ao Amor. Badiou, Alain e Truong, Nicolas. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____ BALMES, François. (Traducción: A. Arozamena). Yenan "síntesis" François Maspero ,1976.

_____A República de Platão Recontada por Alain Badiou. Tradução de André Telles. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____ Para uma Nova Teoria do Sujeito: Conferências Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____ A Hipótese Comunista. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo Editoral, 2012.

_____São Paulo. A fundação do Universalismo. São Paulo, Boitempo,2009

_____ Conditions. British Library Cataloguing-in-Publication Data, France, 1992.

_____Em Busca do Real Perdido. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

[1] _____ A Aventura da Filosofia Francesa no Século XX. Acrescido de Heróis do Panteão: Lacan e Derrida. Tradução de Antonio Teixeira, Gilsonn Ianinni. 1. Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015

_____Philosophy For Militants. Tradução de Bruno Bosteels. London, Verso.

_____Em entrevista cedida ao Jornal Folha de São Paulo em abril deste ano de 2017, intitulada http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/04/1875585-geopolitica-atual-lembra-vespera-da-primeira-guerra-mundial-diz-filosofo.shtml

Madarasz,Norman.http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/MADARASZ_Norman_Roland.pdf. Publicado em outubro de 2011

_____O Múltiplo sem Um. Uma apresentação do Sistema de Alain Badiou. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2011.p.31

BADIOU/ALTHUSSER. Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. São Paulo: Global Editora, 1969

ALTHUSSER, Louis. O Futuro Dura Muito Tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. 3 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____Lições sobre a Filosofia de Kant. Tradução de Andre Duarte Macedo. Rio de Janeiro: Relume Dumará

LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Trata-se de sua obra fundamental

GADAMER, Hans-Georg.Hermenêutica em Retrospectiva: A Virada hermenêutica. Volume II. Petrópolis: Editora Vozes, 2009

LUDWIG, Wittgenstein. Investigações Filosóficas. 6 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994

MARTIN, Heiddeger. Ser e Tempo. 8 ed. Petrópolis: Editora São Francisco, 2013.

_____ A Essência do Fundamento. Edição Bilingue. Biblioteca de Filosofia Contemporânea.

_____Nietzsche. Traduccion de Juan Luis Vernal. Barcelona, Ediciones destino. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia do Espírito. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

KÓJEVE, Alexandre. Introdução à Leitura de Hegel. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto: EDUERJ, 2002

PECORARO, Rossano. ENGELMANN, Jaqueline. Filosofia Contemporânea. Niilismo. Política. Estética. Editora Puc Rio, 2008.